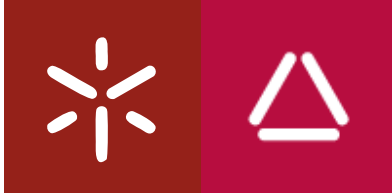


Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Daniel Filipe da Silva Novera

**Um continente à procura de uma identidade:
O programa Erasmus e a construção
da identidade europeia.**



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Daniel Filipe da Silva Noversa

**Um continente à procura de uma identidade:
O programa Erasmus e a construção
da identidade europeia.**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Sociologia na Especialidade
de Desenvolvimento e Políticas Sociais.

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Rita Ribeiro

AGRADECIMENTOS

Para a professora Rita Ribeiro, um agradecimento especial, pela confiança, inspiração, pelos comentários elucidativos e por me ter dado a sensibilidade para pensar e compreender o mundo, em particular a *nossa* Europa. Este trabalho é resultado do esforço de ambos. Por isso, é-lhe dedicado.

Agradeço também a todos os estudantes de Erasmus que responderam ao questionário e participaram nos grupos de foco realizados.

À Susana do Instituto das Ciências Sociais da Universidade do Minho, pela simpatia e compreensão.

À minha família, por ter estado presente, por ter amaciado momentos de desespero e frustração que por vezes um trabalho como este acarreta.

À Catarina, à Cláudia, à Sandrina, ao Ricardo e ao Jorge, pela generosidade que demonstraram em me ajudar ao longo deste caminho.

RESUMO

UM CONTINENTE À PROCURA DE UMA IDENTIDADE

O programa Erasmus e a construção da identidade europeia

Esta dissertação constitui uma abordagem ao processo de construção da identidade europeia na sua relação com o programa de intercâmbio Erasmus. O propósito é interrogar o programa Erasmus como prática social e experiência cívica e articulá-lo com a questão da unificação europeia na tentativa de compreender de que forma pode ou não ajudar no processo de reconfiguração de uma identidade e cidadania europeia. Deste modo, este trabalho procura compreender como os estudantes de Erasmus percebem a identidade europeia e que lugar tem a Europa nas representações destes estudantes durante e após o intercâmbio académico Erasmus, bem como tentar perceber de que modo se sentem europeus e que sentido atribuem a esse sentimento se o tiverem. Dito de outro modo, preside a esta pesquisa analisar como as categorias “ser europeu” e “ser cidadão europeu”, se assumem nas identidades de um conjunto de jovens que estiveram ao abrigo do programa de intercâmbio académico Erasmus.

Visto ser um trabalho de carácter eminentemente exploratório e debruçando-se sobre um tema pouco explorado na bibliografia nacional (e mesmo escassamente a nível europeu), teve-se em consideração a articulação de diversos contributos metodológicos – quantitativo e qualitativo –, dando primazia à abordagem qualitativa. Assim, este trabalho adoptou como técnicas de recolha de informação: 1. aplicação de um inquérito por questionário, 2. consulta de dados publicados no *Eurobarómetro* e no portal do Erasmus+, 3. utilização da técnica de observação e 4. realização de grupos de foco, técnica principal neste estudo.

Palavras-chaves: Identidade Europeia; Cidadania Europeia; União Europeia; Estudantes Erasmus.

ABSTRACT

A CONTINENT LOOKING FOR AN IDENTITY

The Erasmus program and the construction of European identity

This dissertation is an approach to the process of constructing European identity in its relationship with the Erasmus exchange program. The purpose is to question the Erasmus program as a social practice and a civic experience and to articulate it with the European issue in an attempt to understand how it can or cannot help in the process of reconfiguring a European identity and citizenship. Therefore, we seek to understand how Erasmus students perceive European identity and what place Europe has in these students' representations during and after the Erasmus academic exchange. We also try to understand in what ways they feel Europeans and what meaning they attribute to that, in case they do. In other words, this research intends to analyze how the categories of "being European" and "being European citizen" are assumed in the identities of a group of young people who have been under the Erasmus academic exchange program.

Since it is a work of an exploratory nature and focused on a subject that has not been explored in the national bibliography (and even barely at European level), it has taken into consideration the articulation of several methodological contributions – quantitative and qualitative – giving priority to the qualitative approach. Thus, this work has adopted as information gathering the following techniques: 1. application of a questionnaire survey, 2. review of data published in the *Eurobarometer* and the Erasmus + portal, 3. use of the observation technique and 4. focus groups, as the main technique in this study.

Keys-words: European Identity; European Citizenship; European Union; Erasmus Students

ÍNDICE

Agradecimentos

Resumo

Abstract

Introdução 15

Capítulo 1. A identidade europeia como objecto sociológico: da matriz conceptual ao esboço da investigação

1. Problematização de um conceito: a identidade 21

2. Diálogo com a Europa: memória, valores, identidade e cultura política europeia 27

2.1. Europa como projecto: identidade cosmopolita europeia 30

3. Mobilidades na Europa: o programa Erasmus na construção europeia .. 38

4. Investigar a identidade europeia a partir dos estudantes de Erasmus: Esboço da Investigação..... 46

Capítulo 2. Nas Veredas da Europa: trajectória Erasmus

1. Opção Erasmus como auto-afirmação 55

2. Integração e dificuldades de percurso 58

3. Experiência europeia: eu e o *outro* no palco da Europa 62

Capítulo 3. Europa Projectada: o que os europeus querem ser

1. Europa: elementos de percepção 70

2. Identidade europeia como identidade-projecto: União Europeia e identificações instrumentais 77

3. Modalidades de identificação: o que os europeus querem ser 89

Para não concluir: construir a Europa como horizonte histórico 97

Referências Bibliográficas 103

Anexos 111

“Unity and diversity, and never one without the other – isn’t this the very secret of our Europe? Europe has lived on its contradictions, flourished on its differences, and, constantly transcending itself hereby, has created a civilization on which the whole world depends even rejecting it. This is why I do not believe in a Europe unified under the weight of an ideology or of a technocracy that would overlook these differences. Any more than I believe in a Europe left to its differences alone – in other words, left to an anarchy of enemy nationalisms.”

Albert Camus, *Resistance, Rebellion and Death: Essays* (1957)



Vincenzo Utto, 2008

INTRODUÇÃO



O criador da Europa fê-la pequena e dividiu-a ainda em pequenas partes, para que nossos corações se alegrassem, não com a dimensão, mas com a pluralidade.

Karel Capek

A Europa não é só sobre resultados materiais, é sobre o espírito. A Europa é um estado de Espírito.

Jacques Delors

Se fosse possível voltar atrás, eu começaria pela cultura.

Jean Monnet

A Europa é uma história de sucesso quando se materializa num sonho de progresso, prosperidade, liberdade e paz. Recuso-me a acreditar que os europeus perderam o desejo de sonhar.

Antonio Tajani, *Presidente do Parlamento Europeu* (2017)

A frase que dá título a este trabalho condensa as últimas décadas de um continente que procurou dentro si um novo significado – cultural e simbólico – e novas esperanças para os europeus. Mais que um território de história milenar, a ideia de Europa hoje associa-se a uma união económica, um projecto político e um espaço de solidariedade social. No rescaldo da devastação que marcou a Europa na primeira metade do século XX, a Europa viu na unificação económica e política um caminho inevitável para alcançar paz e a prosperidade num continente com uma longa tradição de conflitos do ponto de vista político, étnico, religioso, cultural e económico. A Europa, nas últimas décadas, começou também a procurar criar imagens de unidade, enfatizada nas suas raízes culturais comuns e características históricas, através da criação de elementos simbólicos que começaram a fazer parte da vida quotidiana de muitos europeus.

Apesar da simplicidade da frase – “Um continente à procura de uma identidade” – ela sugere discussão: De que identidade falamos ou o que queremos dizer quando falamos numa identidade da Europa? Quais as vantagens e limites da sua definição? Pode a Europa ser uma comunidade de sentido? Porquê procurar um sentido de pertença para o continente europeu? Ao tentar responder a estas interrogações, consegue-se perceber a ambiguidade e a ambivalência de significados e a complexidade que uma reflexão sobre a Europa imbuí, sendo que escolher a Europa como objecto de estudo é como olhar através de uma complexificada janela adornada por múltiplos pinázios. Com isto quero dizer que, estudar a Europa implica confrontar-me com muitos sentidos ambíguos que se atraem e repelam. Por isso, para que fosse possível analisar esta teia complexa onde habita o objecto que me propus a indagar, foi importante tomar a Europa por objecto teórico e, a par disto, articular como objecto empírico o programa Erasmus, formulando-se para o efeito a seguinte questão de trabalho: como a experiência de intercâmbio académico Erasmus nos pode ajudar a compreender melhor as questões relacionadas com a identidade e a cidadania europeia? Todavia, o fito primordial deste trabalho é problematizar a relação entre o programa Erasmus e o processo de construção da identidade europeia. O propósito é interrogar o programa Erasmus como prática social e experiência cívica e articulá-lo com a questão europeia na tentativa de compreender de que forma pode ou não ajudar no processo de reconfiguração de uma identidade e cidadania europeia. Pode a experiência Erasmus contribuir para a construção de uma identidade social europeia? Contribui para a integração social dos europeus, principalmente dos jovens (geração futura)? No fundo, é meu intento compreender até que ponto o programa de intercâmbio Erasmus leva ou não os jovens europeus, que beneficiam de cidadania europeia e que tiveram a oportunidade de contactar com outras realidades cosmopolitas, a desenvolver uma consciência europeia.

Fazer uma análise sociológica sobre as formas de sentir e pensar dos estudantes de Erasmus relativamente à Europa, implica questionar se se identificam com a Europa e com que Europa se identificam, assim como se se sentem cidadãos europeus. Sobretudo envolve saber até que ponto a experiência

Erasmus tem influência na construção da identidade pessoal ou do *habitus* destes estudantes com vista a compreender o efeito que tem no processo de construção da identidade europeia ou de uma consciência europeia. É neste sentido que interrogo se os estudantes de Erasmus desejam ser europeus e que europeus desejam ser. Uma parte desta tese passa por analisar o campo das identificações destes estudantes com a Europa, com intuito de compreender como se elaboram as suas (re)definições identitárias e que sentidos da Europa povoam os seus imaginários.

O que é a Europa? O que significa ser europeu? Quem se sente europeu? Quais são as bases de uma identidade europeia? O que é a cidadania europeia? O que significa a União Europeia para os seus cidadãos? Que representações têm os cidadãos europeus dessa comunidade política? Se a União Europeia tem uma identidade institucional como é que os europeus a percebem? Estas são algumas questões que têm pontuado o debate teórico acerca da ideia de Europa e da europeização, sendo ainda questões que apresentam problemas teóricos, conceptuais e empíricos e, se as (re)formulo, não é com o intuito de dar-lhes uma resposta, mas porque procuro explorá-las através dos discursos dos estudantes de Erasmus ao longo das páginas deste trabalho.

A presente tese está organizada em 3 capítulos. No primeiro capítulo, desenvolve-se a problemática, pondo-se a debate conceitos como identidade, Europa, identidade europeia, União Europeia, e discute-se o programa Erasmus na construção europeia, assim como se define o campo metodológico do estudo. O segundo capítulo consiste em enquadrar as experiências de mobilidade Erasmus dos jovens europeus, procurando sintetizar as motivações determinantes na escolha de partir em Erasmus e explorar os procedimentos de integração institucional e adaptação cultural noutros países europeus, bem como procura perceber como se elaboram as configurações relacionais com os nativos e estudantes internacionais. O último capítulo dedica-se à relação dos estudantes de Erasmus com a questão europeia, onde se pretende analisar que sentidos da Europa emergem nos discursos dos estudantes que estiveram em mobilidade Erasmus e quão europeus se sentem.

CAPÍTULO I



A identidade europeia como objecto sociológico: da matriz conceptual ao esboço da investigação

Cada um com o seu contrário num sujeito.

Luís Vaz de Camões

Eu posso contar-te uma dúzia de histórias diferentes.

Isto é o que somos: uma colecção de histórias que partilhamos, em comum.

Isto é o que somos um para o outro.

Graham Joyce, *The Silent Land*

Toda a linguagem é um alfabeto de símbolos cujo exercício pressupõe um passado que os interlocutores partilham; como transmitir aos outros o infinito aleph (...)?

Jorge Luís Borges, *O Aleph*

O que esperar de uma identidade europeia? Esta tem sido ainda uma questão fulcral para muitos intelectuais europeus, que vasculham o passado de um continente em busca de uma narrativa que dê coerência interna e um novo significado às fronteiras da Europa. Memórias históricas de uma experiência europeia comum estão a ser mobilizadas, por cientistas e intelectuais, procurando uma unidade europeia e tentando responder às questões “Quem são os europeus?” e “O que é ser europeu?”, para que mais tarde, experiências e narrativas colectivas possam ser articuladas e gerar um novo *habitus* ou linguagem para a Europa. Mas, numa tarefa como esta, está a complexidade que decorre do facto de a Europa ser um lugar de fecundidades e atonicidades, onde se inscrevem muitos e complexos significados, uma arena onde se exaltam inúmeras visões conflituantes, para além de um fundo cultural comum a que todos os europeus acedem. Para muitos, a

Europa não vai mais além do que um território com uma história milenar, mas mais do que isso, para muitos dos pensadores que se têm dedicado ao tema, ela representa um espaço simbólico com significado cultural, onde se projectam memórias, valores e experiências colectivas. A Europa tem uma aura histórica peculiar, entesourada num passado cevado de revoluções sociais, políticas, artísticas e culturais, onde estiveram tanto os sucessos, os sacrifícios, como as vontades de muitas gerações, que fizeram da Europa uma *comunidade* de cultura e valores comuns, qual Partenon da civilização ocidental. A democracia, a justiça social, os direitos humanos, a cidadania e as liberdades individuais, a razão, a solidariedade e a segurança, constituem a esfera uterina onde a razão de ser Europa se enraíza. Quando hoje os intelectuais procuram uma identidade para o continente europeu, aludem, em grande medida, a esse modelo cultural europeu alicerçado numa herança e tradição cultural que faz deste continente um espaço de valores, ideias e crenças amplamente partilhadas, e que assume com isso um importante compromisso para com o futuro dos europeus.

A Europa não é apenas uma ideia geográfica, é também um objecto de pensamento, uma categoria analítica e prática onde reverberam múltiplas variáveis. Para os pensadores, a Europa tem sido tanto um *caderno de leitura*, como mais recentemente, uma *oficina* para a imaginação teórica. Recentemente, o uso do conceito de europeização no meio académico é, por um lado, visto como uma narrativa que justifica um processo de mudança e integração social; por outro lado, enquanto objecto teórico, ele surge como uma forma de imaginar uma sociedade europeia transnacional futura. Encontrado o *slogan* certo – “unidade na diversidade” – o caminho tem sido o imaginar uma unidade social e cultural para o continente europeu, procurando mecanismos para a coesão social e diálogo intercultural. A questão, no entanto, é saber como pode a Europa tornar-se uma comunidade com sentido social, cultural e político objectivo acima das pertenças nacionais e de como os europeus olham para o futuro. Mas também é verdade que as mais recentes abordagens teóricas sobre a Europa enquanto unidade social e cultural são ainda escassas e insustentáveis, na medida em que a teorização em torno de uma identidade europeia representa uma tarefa esmagadora, devido à

amplitude de sentidos que vivem e agem nela. A Europa representa um lugar inesgotável de pluralidade nas suas diversas camadas, que se encontram num *continuum* de reajustamentos e questionamentos. Quando olhada numa perspectiva dinâmica, fulgura-se um conceito polissémico, ambíguo, contingente e ambivalente, não só porque a Europa é esse mosaico de diversidade cultural, étnica e linguística, mas também porque a sua história não foi assim tão linear – fez-se tanto de rupturas como de confluências. Quando hoje se procura a tal unidade europeia, essa ambiguidade e ambivalência está presente, seja a um nível político, social, histórico ou cultural...

Todavia, antes de qualquer leitura possível à *dimensão identitária* da Europa, é importante visitar-se o conceito de identidade e tomá-lo como um objecto epistemológico de base (Ribeiro, 2011: 32), procurando dimensionar e clarificar os seus esteios conceptuais, com vista a compreender melhor quais os limites e possibilidades de uma identidade para a Europa.

1. Problematização de um conceito: a identidade

A identidade define-se sempre como uma autodefinição em oposição a uma heterodefinição. Elabora-se num duplo processo de integração e desintegração por meio de representações simbólicas. Deste modo, uma identidade afirma-se pela pertença ou inclusão a um grupo que partilha das mesmas características e, ao mesmo tempo, impõe uma exclusão para aqueles que não pertencem ou não partilham dessas mesmas características, havendo portanto uma demarcação da diferença com significado simbólico. Geralmente, as identidades assumem-se como unas e puras sem darem conta da sua dimensão relacional, estratégica e de poder. Daí, a identidade ser um conceito bastante contestado pelas ciências sociais (cf. Brubaker & Cooper, 2000); nomeadamente para a sociologia, a identidade não é só uma ideia socialmente construída que reifica as pertenças, mas um conceito que se apresenta volúvel e intensamente sujeito a relações estratégicas e de poder que demarcam fronteiras.

As identidades são acima de tudo construções sociais. Os indivíduos, enquanto seres sociais, envolvem-se em experiências relacionais com outros seres humanos e com os seus múltiplos mundos sociais específicos, sendo que essas experiências vão sendo incorporadas através de uma disposição individual em diversos contextos de acção social, resultando daqui uma síntese colectiva, isto é, a capacidade dos indivíduos construir relações sociais com outros, por meio de representações simbólicas e narrativas colectivas (Elias, 2001; Eder, 2006; 2009; Somers, 1994). Por outras palavras, os indivíduos reconhecem os símbolos, as normas e as representações sociais que regulam e modelam a experiência colectiva ou individual ao longo das dinâmicas sociais, por mecanismos de aprendizagem que são processos incessantes de socialização, que fornecem ao sujeito meios para se orientar dentro da sociedade que se constitui por diversos campos de acção ou, na conceptualização de Bourdieu, por campos de relações práticas.

A capacidade para a acção dos indivíduos e dos grupos em sociedade está aliada a básicos quadros normativos e a amplos discursos culturais que consistem nas memórias, valores e experiências partilhadas, ou seja, “narrativas, discursos que as pessoas usam para dar sentido às suas sociedades, interpretar os seus lugares e construir cursos de acção” (Delanty, 2003: 603). No geral, os indivíduos ou grupos vivem implicitamente com uma memória cognitiva de regras, valores e quadros culturais de referência, que são códigos de leitura do social, definidos institucionalmente por sistemas de classificação, representações simbólicas e quadros cognitivos, incorporados nas práticas sociais e transferidos para os vários contextos de acção social. As identidades sociais estabelecem-se, portanto, por estruturas sociais cognitivas incorporadas e por percepções da realidade, que formam *habitus*, gerados em comunidades de práticas, que são espaços de relações comunicativas e experiência social (Bourdieu, 2002). Deste modo, as identidades apontam para um processo de mudança e negociação constante, fruto dos constrangimentos e incitamentos sociais que pesam sobre as acções individuais e colectivas. Ao longo de uma trajectória social vai-se, amiúde, armazenando em nós uma herança cultural, que vai sofrendo mudanças em momentos de crise e em espaços determinados, passando os indivíduos a reajustar a sua *consciência*

identitária, através da vivência pessoal de experiências sociais. Esta herança cultural sedimenta-se, contudo, em narrativas, discursos¹ e por representações simbólicas, normativas e axiológicas, que vão sendo produzidas e reproduzidas por redes de sociabilidade, e que, por meio da diferença, demarcam grupos ou comunidades. As identidades, designadamente as colectivas, definem espaços de auto-entendimento e acção, onde são produzidas e reproduzidas narrativas que constroem laços sociais que ligam as pessoas e contam-lhes como se constituem os seus próprios mundos (Eder, 2006; 2009; Tilly, 2000). As identidades, por isso, derivam de processos de fragmentação, transformação e recomposição:

As identidades nunca são unificadas, e nos tempos modernos, cada vez mais são fragmentadas e fracturadas; não são singulares, mas construídas multiplamente através de diferentes discursos, práticas e posições, muitas vezes antagónicas e concorrentes. Elas são sujeitas a uma historicização radical e estão constantemente em processo de transformação e mudança. (...) Ainda que pareçam invocar uma origem num passado histórico a que correspondem em linha directa, na realidade as identidades referem-se mais a questões do uso dado aos recursos da história, linguagem e cultura no processo de se tornar mais do que de ser (Hall, 1996: 4).

No final, a ductilidade que o conceito de identidade comporta, é produto da intersecção entre grupos e de processos interactivos que os indivíduos tenham com outros ambientes sociais, em contextos determinados e enquadrados por relações de poder e de estratégia, necessidades e interesses, que condicionam o sentido das identificações. Neste sentido, as identidades assentam também, muitas vezes, em processos de produção de escolhas do que apenas numa reprodução de heranças culturais, até porque as identidades são, acima de tudo, objectos de escolhas feitas a cada momento, estrategicamente usadas em função dos contextos. Por outras palavras, os indivíduos tanto escolhem fazer parte, como por diversos motivos

¹ “As identidades são construídas dentro, e não fora, do discurso, temos que compreendê-las como produtos de lugares históricos e institucionais específicos, com práticas e formações discursivas específicas, com estratégias enunciativas específicas. Mais ainda, elas emergem no decurso de modalidades específicas de poder, e nesse sentido são mais o produto da marcação da diferença e da exclusão, do que o sinal de uma unidade idêntica e naturalmente constituída. (...) As identidades podem funcionar como pontos de identificação e compromisso apenas pela sua capacidade de excluir, deixar de fora” (Hall, 1996: 4-5).

deixam de se identificar e ter um sentido de pertença por determinado grupo, uma vez que as identidades nem são estáticas nem monolíticas: são plurais, múltiplas, contextuais, resultantes de negociações e zonas de ambivalência que determinam o sentido das identificações. Com efeito, as identidades implicam possibilidades de escolha, escolhas essas que achamos que nos representam. Basta pensarmos que, primeiramente, estão as nossas escolhas particulares e que são elas que definem a nossa acção, porque em cada acção há sempre um “conteúdo significativo intentado” (Weber, 2005) e também porque de outra maneira “só aceitamos ser o que julgamos poder escolher, sendo que é imperativo que 1. façamos uma escolha e 2. façamos *essa* escolha, porque não quereríamos ser outra coisa” (Ribeiro, 2011: 37). As identidades são por isso um processo de decisão, partindo sempre de uma vontade ou necessidade, ou de uma estratégia usada pelo actor a seu favor ou, até mesmo, por razões de gosto: “como se o gosto decidisse não apenas o modo como o mundo deve ser visto, mas também quais as pessoas que, nele, pertencem mutuamente”² (Arendt, 2006: 232-233).

Em suma, as identidades definem grupos/comunidades, em que cada membro se reconhece e reconhece o *outro* como parte do grupo por meio de uma afinidade, porque partilham experiências, valores e memórias – um conhecimento congruente partilhado – que se reifica e é legitimado nas práticas discursivas de um espaço público. Por aqui se percebe que a identidade não é algo natural, mas uma construção ao longo do tempo, porque ser português hoje não é o mesmo que era na década de 1970, muito menos em séculos passados – tanto aos olhos dos membros do grupo como aos dos que não lhe pertencem. As identidades são também plurais e fragmentadas, porque temos mais do que uma identidade e pertencemos a mais do que um grupo (exemplos: os grupos familiares, profissionais, religiosos, políticos,

² “Todos sabemos como as pessoas se reconhecem muito rapidamente e o modo inequívoco com que são capazes de se sentir perante uma alma gémea, num sentimento de pertença que deriva da descoberta no outro de afinidades em matéria de gosto ou de aversão. (...) Ora, precisamente na esfera do agir e do falar, ou seja, no domínio da política enquanto actividade que esta qualidade pessoal passa para primeiro plano, é em público que “quem se é”, mais dos que as qualidades e talentos individuais que se possa ter, se torna manifesto” (Arendt, 2006: 232-233). “O gosto é a capacidade política que verdadeiramente humaniza o belo e cria uma cultura” (Arendt, 2006: 234).

desportivos, género, classe, nação, etc.). Para finalizar, pode dizer-se que as identidades constituem narrativas com significado cultural e simbólico, que produzem redes de sociabilidade entre actores, construídas em contextos específicos e em tempos determinados, sofrendo (re)interpretações dos actores consoante circunstâncias de ordem diversa, e sem perderem por isso a coerência que lhes estão subjacentes – a sua “plausibilidade narrativa” (Eder, 2006: 257).

Alguns autores designam o tempo presente de pós-modernidade, outros de modernidade líquida (Bauman, 2004) para sintetizar uma viragem de paradigma, plasmado na perda das âncoras *transcendentais* em virtude de uma abertura a uma multiplicidade de vozes ditadas por sistemas culturais que afluem. Neste contexto, as identidades dos indivíduos ou grupos estão hoje cada vez mais condicionadas por amplos agentes socializadores, que por meio dos seus discursos, enformam estilos e modos de vida. Zygmunt Bauman (2013: 61) observa que as formas de vida no presente,

flutuam, encontram, chocam, colidem, agarram-se umas às outras, fundem-se e alienam (...) hierarquias e linhas evolutivas estáveis e firmes são substituídas por batalhas de reconhecimento intermináveis e endemicamente inconclusivas (...) eminentemente renegociáveis.

Ora, uma era de globalização efusiva, de progresso acelerado das tecnologias de informação, das comunicações em massa, dos fluxos crescentes de mobilidades e de migrações que compõem e expandem diásporas numa escala que vai do local ao global, faz os indivíduos e grupos viverem em *circunstâncias híbridas de pertença*, consequência destes tempos de alterações constantes que fazem as fronteiras munirem-se de maior maleabilidade. Por outro lado, as relações humanas no tempo moderno, são mais fugazes e fluidas, de tal modo, que se torna mais difícil construir laços de solidariedade duráveis; e, sendo a identidade um processo relacional, as identidades acabam por ser mais fragmentadas, lassas e temporárias, porque nesta espiral de mudanças constantes, o indivíduo moderno torna-se um ser sobressaltado.

A identidade pós-moderna é por isso uma constelação de identidades: múltiplas, líquidas, plásticas, quebradas e sobrepostas, um jogo para saltar de galho em galho, de cais em cais. As sociedades contemporâneas, no fundo, são moldadas por uma espécie de caleidoscópio de novidades, em que os indivíduos estão cada vez mais sujeitos a uma corrida desenfreada na descoberta de quem são, a onde pertencem e com quem se identificam, visto que devido à complexidade, às formas instáveis das estruturas sociais e aos paradoxos inerentes às sociedades modernas, eles despojam-se do absoluto. O sujeito torna-se um ser efêmero, uma miríade de identidades, um semeador de caminhos até aos seus múltiplos abrigos identitários.

Na era das identificações, das identidades múltiplas e concêntricas, o tempo é dos indivíduos estarem reiteradamente submetidos a um jogo de entradas e saídas, de inclusão e exclusão, uma luta diária para se descobrirem a eles próprios e o lugar onde realmente pertencem; sobretudo, uma luta constante pela (re)definição das fronteiras que classificam o seu *self* e os seus papéis nas diversas cenas sociais cada vez mais competitivas. Nas palavras de Kaufmann (*apud* Ribeiro, 2011: 37): “o indivíduo moderno é, com efeito, colocado perante a obrigação de construir e reconstruir incessantemente a sua coerência, em torno de um eixo que não é senão aquilo que se designa por identidade”.

Hoje, confrontados com um tempo em que não nos é permitido escutar uma só melodia identitária, mas uma polifonia de identidades múltiplas e híbridas, onde se acumulação pertencças, originalmente numa escala concêntrica, tanto que, muitas vezes, têm de ser obliteradas e absorvidas pelos sujeitos num processo que põe à prova a capacidade do indivíduo moderno em se adaptar aos novos tempos. Dito de outro modo, o indivíduo moderno é involuntariamente coagido a reajustes constantes de quaisquer formas de sentir, agir e pensar, porque rapidamente tem acesso a todo um mundo de possibilidades que implica fazer escolhas astuciosas e temerárias; jogar com as identificações como se de um jogo de xadrez se tratasse, pois, elas jogam-se em terrenos cada vez mais ambivalentes. Nas palavras de Rita Ribeiro (2011: 248):

O facto de ser possível jogar com as identificações, e não apenas ser tomado por elas, permite ao sujeito compor identidades liminares por onde circula sem deixar de ser quem é. Digo que são, por isso,

identidades irônicas, que associam ao seu lado precário, exotópico, transitório e fluido a destreza de superar as classificações fatais e as divisões primordiais. (...) A fraqueza das identidades híbridas e temporárias é também a sua força, pelo que as qualidades de ambiguidade e ambivalência são um recurso estratégico e não um impedimento.

2. Diálogo com a Europa: memória, valores, identidade e cultura política europeia

Depois de vermos acima os contornos que o conceito de identidade assume, percebe-se que para uma conceptualização de identidade europeia, é preciso ir ao encontro também do que é a Europa e da sua história. Como definir e classificar a Europa? Que memória, que valores? Trata-se de uma tarefa imensamente difícil, quando somos forçados a admitir as questões históricas e nacionais como problemas específicos. A história que se abriga sob o nome de Europa parece ser o elemento barroco na sua complexidade e ambiguidade, ou não fosse ela uma ambiguidade histórica nas suas diversas camadas (cf. Jenkins, 2008: 156-165). Entre o Império Romano, a “cortina de ferro” a separar leste e ocidente, passando pela unificação europeia, e culminando no sucesso do “espaço Schengen”, parece que as fronteiras na Europa “são mais escorregadias e sobrepostas” (Ribeiro, 2013: 223) consoante os eventos ao longo do tempo, sendo que “ser e sentir-se europeu parece mais um assunto de dominação política do que um assunto de território, cultura ou laços étnicos” (*idem*). A Europa não é uma entidade fixa e nunca o foi, nela, variam significados mutáveis como resposta às circunstâncias históricas – “as identidades europeias e nacionais são sempre fluidas e contextuais, contestadas e contingentes e discursivamente criadas sob formas várias de inclusão e exclusão” (Malmberg e Strath, 2002: 5). Contudo,

A Europa é um pequeno continente com uma longa história de consciência dela própria, o que significa ser europeu é ter uma identidade bastante mais precisa do que aquela associada a pessoas que são ‘africanas’, ‘asiáticas’ ou ‘americanas’ em virtude da sua origem geográfica (Judt, 2013: 53).

Portanto, a memória também parece ser o lugar mais incisivo para que possamos entender a noção de Europa, mas que não se esgota nos grandes modelos clássicos (a filosofia Grega, a racionalidade e a arte, o direito Romano e o latim), ou no Cristianismo, ou no legado deixado pelo Iluminismo (direitos humanos, ciência, cidadania, liberdade, soberania popular e democracia), ou até no Estado-Providência com a ideia do estado do bem-estar, da dignidade humana e da justiça social. Estes valores entesourados sob a capa de um *espírito europeu* são o fulcro cultural de uma identidade europeia, assim como as paisagens, as universidades, as catedrais góticas, a literatura, a música clássica, a pintura, bem como a diversidade cultural, étnica e linguística. No entanto, ao lado desta cultura identitária europeia vive ainda um passado negro, de acontecimentos históricos marcados pela intolerância e desrespeito pelos direitos humanos, onde são exemplos as perseguições e os conflitos religiosos, o colonialismo, o Holocausto e as Grandes Guerras.

A Europa sempre foi um continente que aprendeu da maneira mais difícil e com muito sofrimento humano, “como ultrapassar antagonismos históricos e a resolver pacificamente os conflitos” (Jospin *apud* Bauman, 2013: 58). Mas nada se comparou ao que foi o século passado, que confrontou a Europa com as suas contradições e extremismos político-ideológicos (a democracia liberal, o comunismo e o fascismo), o que resultou mais tarde numa experiência fatigante de guerras e conflitos onde se perfilou também uma ambição capitalista que levou a que a razão económica se sobrepusesse à cordura política (Mazower, 2014).

Crime e loucura, epitomam um século que curvou todo um continente ao culto da morte e ao horror da guerra numa escala sem precedentes. O século XX, na Europa, ficou sobretudo marcado por efervescências bélicas, arreigadas a uma cegueira ideológica e às forças do ódio, culminando com muitas gerações sacrificadas. Foi este o século que cinzelou a mais pura arte-de-fazer-o-mal, deixando a Europa coberta com profundas feridas e afogada no sangue espargido de milhões de pessoas que lutavam nas linhas da frente da guerra, assim como exauriu as populações civis que viviam com a memória da morte. São exemplos máximos: as

duas Guerras Mundiais, o Holocausto, os *gulags* soviéticos, a guerra da Jugoslávia e os conflitos coloniais.

Todo este historial levou a Europa, no final das Grandes Guerras, à construção de uma entidade supranacional, enquadrada numa cooperação política mais estreita entre Estados democráticos da Europa, como um caminho inevitável para sanar as feridas e redimir as culpas de um passado ignominioso. A Europa que emerge do pós-guerra leva a cabo um processo de unificação escorado numa promessa de paz e prosperidade para com o futuro da *família europeia*. No vigamento deste projecto de Europa unida, firmaram-se valores essencialmente humanistas e democráticos, que fizeram parte de uma cultura política de responsabilidade e compromisso, de superação e pacificação dum passado traumático e fratricida. Deste modo, logo após o final da II Guerra, alvorava-se uma nova Europa, embandeirada em valores como a paz e a solidariedade entre os seus membros, liberdade e igualdade, a dignidade humana, o acesso a direitos de cidadania, a democracia e uma economia de mercado que garantisse a equanimidade social em paralelo com uma missão de justiça social.

Foi com o sucesso do mercado comum, servindo num primeiro momento como alavanca para a unificação dos povos, que mais tarde se criou uma entidade política supranacional para a Europa (actual União Europeia), onde se estribaram um conjunto de normas e valores político-sociais de uma herança histórica partilhada, que socializaram os indivíduos em cidadãos europeus, iguais em direitos, sem contudo desabonar as suas pertenças nacionais e regionais. A Europa que emerge do pós-guerra, empenhada em reverter as trevas do passado recente, através de discursos legitimadores e práticas políticas pacificadoras, conseguiu preservar os seus valores e fazer valer o capital de paz, liberdade e igualdade, e o respeito pelos direitos humanos nas décadas que se seguiram, fruto de um diálogo mais estreito com outros Estados europeus e pela mobilização de símbolos oficiais que legitimaram uma cultura europeia, como a institucionalização de uma bandeira, um hino (*Hino à Alegria*, de Beethoven), um dia celebrativo (9 de Maio) e uma moeda única (euro). Paralelamente a isto foram também importantes as iniciativas desenvolvidas pela União Europeia, como o apoio dado a programas de intercâmbio, à realização de eventos culturais e desportivos, bem como as nomeações para

capitais europeias da cultura e juventude e a uniformização de documentos de identificação, como passaportes e cartas de condução, que fazem da Europa uma garantia no quotidiano de milhões de europeus. Além disso, com o Tratado de Maastricht (1992) e mais tarde com o de Amesterdão (1997), consagraram-se os direitos de cidadania, que estenderam a lei e novas competências para a União Europeia, incluindo uma nova regulamentação de políticas em diversos campos, tais como na educação, cultura, ambiente, direitos sociais, segurança, defesa e política externa, e que trouxeram estabilidade e um múnus de responsabilidade para a União Europeia, tendo ainda hoje um impacto na vida dos europeus e nas instituições dos Estados-membros. A União Europeia estruturou, assim, outros poderes e competências que começaram a criar, por exemplo, novos *habitus* políticos³.

Tudo isto já faz parte de um imaginário europeu que se quer preservar, como sedimento e lembrança de todo um passado de paz, prosperidade económica, segurança e coesão social, que a Europa conquistou no pós-guerra, através de uma cultura política humanista, concebendo-se desta forma como uma comunidade de valores e como um espaço de pertença de cidadãos, livres e iguais, a viver juntos na Europa. A conquista deste espaço de valores e de direito, e a fundação desta entidade cultural, protagonizada pela União Europeia, é bastante significativa para o projecto que se quer gizar para a Europa do futuro.

2.1. Europa como projecto: identidade cosmopolita europeia

É verdade que a identidade europeia ainda representa uma identidade fraca, um conceito vazio de conteúdo cultural significativo para criar fronteiras na Europa; todavia, ela ainda pode vir a ser uma identidade forte e a constituir uma

³ Num estudo desenvolvido por Niilo Kauppi (2003: 784-785), que tinha como propósito de explorar os processos políticos transnacionais europeus, ou seja, os efeitos da integração europeia nos campos políticos nacionais – Finlandês e Francês –, chegou-se à conclusão que, a integração europeia nestes dois Estados-membros, tem mudado os factores estruturais dos campos políticos domésticos pela introdução de novas instituições e práticas. Por outro lado, o tempo de estada em Bruxelas muda o *habitus* político dos políticos. Nas palavras de Niilo Kauppi (2003: 785), “as carreiras políticas transnacionais modificam estruturas de oportunidades e tornam-se possibilidades adicionais para perspectivas mais tradicionais aos níveis, nacional, regional e local”.

base para a construção de uma sociedade europeia futura (Delanty, 2002; Eder, 2009; Rumford, 2003; Sassatelli, 2009; Stevenson, 2005; Stråth, 2002). A identidade europeia, na verdade, é ainda uma tarefa em construção e que se encontra num inconcluso processo de experimentação institucional e cultural. O projecto europeu, como refere Ulrich Beck (2017: 191), está ainda num processo de *metamorfose*. Além disso, uma identidade europeia só se pode asseverar por meio de um modelo multidimensional estruturado em múltiplas camadas (cf. Trenz, 2008) e não dentro do mesmo molde das identidades nacionais, uma vez que a Europa assume uma pluralidade de formas culturais e narrativas émulas. A Europa é, efectivamente, a ambiguidade histórica nas suas diversas camadas. E, apesar de a Europa não poder ser uma “comunidade imaginada” (Anderson, 2005), ela pode vir a ser no entanto um “mundo imaginado” (Appadurai, 1996: 33), ou uma *polis* – “promovida por múltiplas lealdades que se sobrepõem e que são sustentadas em comunidades de língua, etnia, religião e nacionalidade” (Benhabib *apud* Delanty, 2006: 29). O desafio, contudo, está na mobilização de várias “tribos⁴” para o *totem*-Europa, através de um diálogo e de uma partilha de princípios normativos e axiológicos, oriundos de uma herança cultural condensada na cidadania europeia, onde as singularidades de todos pudessem ser conectadas, criando-se dessa forma uma *communitas*, esse *ser-ensemble*, essa alteridade concertada, enfim, esse onírico *habitus* cosmopolita europeu. Tal projecto europeu de sociedade só poderá ser alcançado se se construir em torno de um *tipo-ideal* de sociedade *inclusiva*, mediante um respeito mútuo entre comunidades de matriz cultural diversa, por uma democracia vivida na partilha de soberania entre os seus membros e com uma *missão* política de justiça social. E, também, porque de outra forma:

Para que uma unidade na diversidade seja uma descrição apropriada de um processo cultural, um grau de interpenetração entre as culturas necessitaria de tomar lugar, bem como um compromisso para com normas comuns. (...) Assim, em vez de uma única cultura emergir, as culturas coexistem através da criação de quadros de solidariedade e integração (Delanty, 2011: 651).

⁴ Termo usado por Maffesoli para se referir a: “comunidades”

Neste sentido, é necessário entender-se que uma identidade europeia não se esgota e nem pode somente ser pensada por meio de um modelo cultural europeu comum. A própria identidade europeia tem de ser olhada numa perspectiva plural, na medida em que nesse modelo cultural europeu existe, concretamente, uma pluralidade de formas. Isto é, nem todos os povos europeus percebem e sentem esse lastro cultural da mesma forma, as próprias trajetórias históricas nacionais são distintas, além de que a própria Europa está dividida em sub-áreas culturais (por exemplo, a norte temos as línguas anglo-saxónicas e as religiões Protestantes, a sul, as línguas latinas e a religião católica, e já a leste temos o Cristianismo Ortodoxo e as línguas eslavas). Além disso, temos ainda os países com economias mais prósperas e aqueles que sobrevivem com economias anémicas. Por isso, a noção de identidade europeia também tem de ser discutida como um assunto de *identidades* europeias, visto que quando falamos em Europa entramos em terrenos movediços, que envolvem um certo grau de ambivalência. Neste caso, seria mais apropriado até falar-se em identificações: quem se identifica e quem não se identifica com a Europa? Com que Europa se identifica? Quem se identifica com os símbolos que fazem parte do projecto europeu de unificação? Quem se identifica com as instituições da União Europeia? Quem se sente europeu? Precisa-se de ter isto em consideração quando se pensa numa identidade para a Europa. Mas, até aqui é complicado definir-se ao certo, quem é e quem deseja ser europeu, pois deriva de muitas escolhas feitas a cada momento. Klaus Eder e Willfried Spohn (2005) debateram-se com esta questão, chegando à conclusão que os vínculos que ligam os europeus ao continente fazem-se num triplo sentido: entre o vínculo histórico-cultural, jurídico-político e/ou por ambos. Dito de outro modo, o sentido de pertença ou identificação com a Europa pode fazer-se através de dois processos que, Willfried Spohn, definiu como “identidade civilizacional europeia” e “identidade integracional europeia”, tratando-se a primeira de um processo de identificações com a herança histórica e cultural do continente, e a segunda, dá-se pelo processo de identificações com o projecto de integração europeu. Este processo neofuncionalista será adequado, se a União Europeia, assumir-se como um sistema

regulador das multi-camadas que vão-se sobrepondo ao longo do processo de europeização (*idem*: 3-4).

A questão da identidade europeia pode ser vista pelo processo que ainda está em curso, como é a europeização das identidades nacionais. Este processo encetou logo após as Grandes Guerras, convertendo todo um passado traumático em narrativas de redenção (Ribeiro, 2013), através do sucesso da unificação económica e política, que trouxe a paz e a prosperidade ao continente nas décadas seguintes, e através da política levada a cabo pela UE traduzida no discurso oficial de auto-celebração, que começou a produzir uma comunidade cultural imaginada da Europa (Sassatelli, 2002: 436) sob o lema – “unidade na diversidade” (Lähdesmäki, 2012). Alguns exemplos do triunfo da europeização e, que definem já a Europa como um projecto político, são a moeda única (euro), a implementação da Cidadania Europeia, a cultura política europeia corporizada nas instituições da União Europeia, como o Parlamento, a Comissão, o Conselho e os tribunais, isto mais as iniciativas e os símbolos oficiais que acompanharam todo este processo e que já foram referidos acima. Toda esta ebulição institucional, que decorre do processo de integração, tem até hoje um impacto normativo sobre a percepção e a legitimidade que os cidadãos têm do projecto europeu.

Por fim, a questão europeia não pode estar alheada do processo global. A acelerada inovação tecnológica, as comunicações em massa, os movimentos sociais e os riscos globais (Beck, 1992), as migrações, as mobilidades (Urry, 2000), os fluxos culturais (Appadurai, 1996) e as várias governações supra e transnacionais, têm mostrado que a globalização é um fenómeno incontornável e a *desterritorialização* uma inevitabilidade. Além disso, vive-se numa época onde valores como a justiça, a razão, a responsabilidade e a virtude vêm a perder o *élan* de outrora, esvaziando-se paulatinamente como elementos de referência no pensamento e acções políticas (Arendt, 2006), o que tem levado alguns autores a preocupar-se também com as questões de cidadania (Stevenson, 2000). Neste contexto, a Europa tem vindo a ser pensada também como um projecto político transnacional futuro. Com isto quer-se dizer que, para além de ser um desígnio supranacional, a Europa é cada vez mais forçada a *transnacionalizar-se*, assumindo com isso um importante compromisso de

dar resposta aos problemas que as sociedades europeias modernas enfrentam, como a multiculturalidade e os desafios que isso acarreta aos Estados-nação, o défice democrático, a instabilidade económica, a crescente desigualdade e injustiça social, o elevado desemprego, as alterações climáticas e, sobretudo, as ameaças recorrentes à segurança. Perante este cenário, cabe à Europa, criar formas democráticas de governação por via da União Europeia e constituir-se como uma alargada “comunidade de risco cosmopolita” (Beck, 2017), onde os problemas sociais comuns a todos os Estados-membros pudessem ser resolvidos conjuntamente a uma escala europeia.

Por tudo que temos vindo a discutir até aqui, percebe-se que uma identidade europeia só pode vir a ser construída em múltiplas camadas, por um concomitante processo de europeização do nacional e a cosmopolitização da Europa, a fim de ligar as especificidades de um continente e formar um consolidado corpo político projectado que estabeleça um real e válido “quadro *institucional* de construção de opinião e de formação da vontade⁵” (Bauman, 2013: 56) entre os parceiros europeus. De acordo com Klaus Eder (2009: 442) “uma narrativa europeia é uma combinação dinâmica de diferentes narrativas que produzirá uma forma dinâmica de identidade colectiva”. Perante isto, sugere este autor (*idem*: 441) que vejamos a identidade europeia como uma meta-narrativa, isto é, a Europa deve ser percebida apenas por narrativas como o sucesso do mercado comum, o sucesso da cidadania europeia, o sucesso do projecto político e económico e devemos olhar para a história cultural de um passado partilhado, uma vez que “é preciso mais que uma narrativa que conta às pessoas que são cidadãos de uma comunidade política” (Eder, 2009: 434).

Já a proposta dada por Gerard Delanty (2002) diz que uma identidade europeia deve ser trabalhada a partir de uma herança cosmopolita reflexiva, juntamente com a construção de uma “esfera pública europeia” (cf. Risse, 2014). Nas palavras de Delanty (2002: 355) a identidade europeia deve ser vista como “uma expressão de reflexividade acrescida dentro das identidades colectivas europeias. Esta noção de identidade europeia cosmopolita (...) é como uma consciência pós-nacional reflexiva e que se cristaliza nas práticas sociais das sociedades europeias

⁵ Sublinhado do autor.

contemporâneas”, tratando-se, nesse caso, que “se relacione a ideia dos movimentos sociais à comunidade [europeia] a fim de dar à comunidade uma dimensão reflexiva” (Delanty, 2000: 234). A introdução de uma cultura cosmopolita na Europa pode estar, por exemplo, na emergência de uma consciência ecológica europeia ou em discursos e práticas políticas europeias de combate ao racismo e à xenofobia, ou até numa narrativa assente na segurança (interna e externa) do continente, para que assim fosse desenvolvida, num determinado mundo histórico, essa memória cosmopolita (Miztal, 2010) europeia.

Uma sociedade à escala europeia implica ver a Europa como um projecto político transnacional na sua estrutura e um espaço público cosmopolita na sua prática, visto que a governação na Europa é cada vez mais feita a um nível transnacional e não só a um nível supranacional e também porque as sociedades civis europeias são cada vez mais multiculturais e cosmopolitas nas suas dinâmicas sociais. Por razões bem conhecidas, sabe-se que a cultura nas sociedades contemporâneas é cada vez mais ambivalente (Bauman, 2004) e que as sociedades modernas, agora, muito mais globalizadas, sofrem também cada vez mais profundas e aceleradas mudanças sociais, devendo-se a vários factores, como as questões ligadas à globalização, aos valores pós-materialistas que acompanham os movimentos sociais e a mobilização de identidades colectivas (especialmente, as culturais) que compõem um *patchwork* de identidades, uma espécie de conurbação de culturas, no seio dos Estados-nação.

Neste contexto, a União Europeia, enquanto organismo em evolução, pode representar uma resposta política para os novos desafios transnacionais e um caminho para aprendermos a competir com as diferenças e assimetrias, fazendo “um conjunto funcionar como uma unidade de unidades interdependentes” (Ribeiro, 2013: 228), bem como as cidadanias pós-nacionais, como a cidadania europeia, podem significar novas formas para se criar um espaço público, onde os cidadãos se tornem membros activos, reivindicando uma representação legal fora dos mecanismos instituídos a nível nacional. A cidadania europeia, segundo Eder e Giesen (2001), pode assegurar uma base para uma identidade colectiva europeia e ajudar também na fundação de uma ideia de sociedade para lá dos Estados

nacionais⁶, uma vez que a cidadania europeia vai mais além do que uma dimensão normativa que regula e administra as instituições europeias; nela há também uma componente axiológica importante, herdada dos *topos* humanistas e iluministas, para moldar discursos públicos e orientar as acções dos cidadãos europeus. No entanto, uma sociedade cosmopolita exige, de acordo com Nick Stevenson (2005: 47), cidadanias sobrepostas e múltiplas que conectem meios de governação numa escala que vá do âmbito local ao global. Por isso, uma identidade cosmopolita europeia, “requer uma forma de solidariedade cívica, onde os parceiros europeus tomem a responsabilidade de uns com os outros. (...) depende de formas cívicas de solidariedade a ser desenvolvidas além dos Estados-nação” (Stevenson, 2005: 48). Por outras palavras, o fito está na criação de uma cultura cívica europeia comum, promovida através de movimentos democráticos e iniciativas políticas a ser desenvolvidas na Europa, para que assim fosse provocada uma mudança cívica, esse interesse público europeu comum, e também uma melhorada normalização e dominação das *comunidades europeias*. Acresce ainda, que uma identidade europeia será melhor se respeitar as diferenças culturais, ao “promover a protecção necessária para aqueles cujas identidades são excluídas”⁷ (*idem*: 53). Neste sentido, a senda de uma sociedade europeia futura, reside na fundação de “comunidades políticas”⁸ (Arendt, 2006: 86), que ao cumprir-se, assumem uma função importante

⁶ Nas palavras destes autores, “a ideia de uma ordem transnacional é (...) o discurso sobre a cidadania representar a interface entre o impulso universalista do movimento cultural europeu e as instituições políticas criadas na Europa. Porque deste impulso universalista, a cidadania europeia transcende o Estado-nação, como ele transcende os outros modelos de construção de instituições políticas que encontramos na Europa desde o início da modernidade. A cidadania europeia não só define um *Status* social na Europa, mas também pode se tornar um mito fundador de uma identidade colectiva europeia além do Estado-nação” (Eder & Giesen, 2001: 258).

⁷ Diz Nick Stevenson (2005: 53): “a instituição da democracia e os direitos humanos ao nível europeu é uma forma de progresso moral e que precisa de tomar plenamente em consideração as questões de diferença cultural”. Essa torna-se uma das missões da Europa, proteger e cultivar a sua diversidade cultural. E a este respeito, diz Bauman (2013: 62): “a Europa aprendeu (e continua a aprender) a arte de transformar a diferenciação cultural de uma desvantagem para a convivência num recurso vantajoso para ela – uma arte que o nosso planeta precisa de mais do que qualquer outra, uma verdadeira *meta*-arte, a arte cuja posse permite o desenvolvimento e aquisição de todo o resto das artes salva-vidas e de suporte de vida...”

⁸ Hannah Arendt, inspirada pela matriz que remonta à Grécia de Péricles, acreditava que ao oferecer-se aos cidadãos um espaço político-público, ou seja, uma *pólis*, criar-se-ia e estruturar-se-ia um laço de solidariedade assente no reconhecimento de pertença comum num determinado mundo histórico. “(...) graças à *pólis*, os atenienses deixariam atrás de si ‘momentos imperecíveis’. O que Homero havia feito fora imortalizar acções humanas, e a *pólis* podia dispensar os serviços de ‘outros de igual ofício’ porque oferecia a cada um dos seus cidadãos esse espaço político público que,

na construção narrativa de novas fronteiras na Europa (Eder, 2006). De acordo com Klaus Eder (2009: 437): “a identidade colectiva mobilizada depende da história que é escolhida para identificar as fronteiras de uma rede de relações sociais que liga os ‘europeus’, uns aos outros”. A mobilização de uma meta-narrativa assente na cidadania europeia pode ser vista como uma via para a formação de vontades, que leve os europeus a solidarizarem-se com o mesmo projecto político. Dizem Eder & Giesen (2001: 266):

A cidadania implica um sentido de uma identidade colectiva criada através de acção social adequada. Tal identidade colectiva requer espaços particulares para a sua elaboração: espaços transnacionais de práticas de cidadania, ordens jurídicas transnacionais e discursos transnacionais. A cidadania na Europa é forçada a tornar-se transnacional já que as pessoas não mais restringem o seu espaço de acção para a esfera nacional, uma vez que os discursos transcendem os discursos nacionais e as regras legais não estão mais contidos no Estado-nação.

O programa Erasmus é muitas vezes visto como promotor de uma experiência cívica (Mitchell, 2012; Papisiba, 2006) e, também é verdade que essa experiência é cada vez mais feita em contextos de acção, inter e transnacionais, e não apenas a um nível europeu de acção. Por outro lado, o conceito de cidadania, apesar de muito ligado a uma ideia normativa e a uma dimensão relacional, pode ser entendido também como uma prática social assente na forma como nós estruturamos o nosso sentido de pertença ou identificação (Fernández, 2005: 62 e 66), uma vez que a cidadania pode ser vista ainda como um processo de aprendizagem que ocorre sobre o nível cultural de uma sociedade (Delanty, 2003). Posto isto, pode a mobilidade Erasmus ser compreendida também como uma prática social que contribua para estruturar um sentido de pertença para com a Europa? Pode ainda a mobilidade Erasmus ser considerada um mecanismo útil para a integração social dos europeus, reflexividade cultural e consciência cívica entre os participantes? De

suponha-se, concederia a imortalidade aos seus actos” (Arendt, 2006: 86). “Nos termos em que Péricles se refere a Homero (...). A pólis tinha de ser fundada para garantir à grandeza dos actos e dos discursos uma morada mais segura (...) do mesmo modo que Platão um dia sugeriu (Undécima Carta, 359b) que a pólis resulta da conjugação de grandes acontecimentos guerreiros ou de outros feitos – ou seja, da actividade política e da grandeza que lhe é inerente” (Arendt, 2007: 107).

que forma a mobilidade Erasmus pode contribuir com recursos culturais e simbólicos que auxiliem a construção narrativa de uma identidade colectiva europeia? Pode a experiência Erasmus ser capaz de formar sujeitos cívicos para a consciencialização de uma sociedade civil europeia? E, finalmente, pode a mobilidade Erasmus ser entendida como um instrumento heurístico útil na análise que *fazemos da construção europeia*?

3. Mobilidades na Europa: O programa Erasmus na construção europeia

Com a introdução da cidadania europeia, definiu-se um outro nível de percepção e pertença que vai das fronteiras nacionais à continental. Hoje, os europeus, e especialmente os mais jovens, têm cada vez mais consciência de que a Europa é um espaço amplamente aberto à comunicação e circulação de pessoas, bens culturais e simbólicos. No processo gradual de integração, aos europeus, foi-lhes dado o direito de poderem viajar, estudar e trabalhar em qualquer outro Estado-membro da União Europeia; ao elidirem-se as fronteiras internas no território europeu, promovendo-se desta forma a livre circulação dos cidadãos, consolidou-se um outro espaço para as relações pessoais e interculturais – uma nova configuração comunicativa é criada, assim como um novo nível de cultura europeia emerge. David Green (2007) fala num “sentido de *home space*”, definido na extensão de um sentimento de pertença para com uma realidade supranacional, como a União Europeia, onde há a possibilidade futura de afirmação de uma identidade. Neste sentido, os programas de intercâmbio no espaço da União Europeia, como por exemplo o Erasmus, o Socrates e o Leonardo, podem revelar-se como novas formas de aprendizagem que reinventam os actores europeus, facultando-lhes um sentido de familiaridade para com uma realidade transnacional europeia. Por seu lado, o apoio levado a cabo pela UE para com aqueles que praticam a cultura de mobilidade também representa um importante motor para estimular a integração. Nas palavras de Francesca Ieracitano (2014: 20):

a cultura de mobilidade parece ser não só um instrumento de integração e construção de cidadãos europeus, mas acima de tudo,

uma ferramenta que é capaz, com o tempo, de ultrapassar a lacuna entre cidadania num sentido cultural e cívico.

A ubiquidade e a complexidade das mobilidades no contexto actual tem consequências sociais (Urry, 2000; 2010) nas pessoas, instituições e organizações, visto que as mobilidades já não se fazem só dentro de um único espaço geográfico, mas por entre cartografias diversas; atravessam-se fronteiras nacionais, definem-se padrões espaço-temporais que enformam outros espaços de acção para a experiência, como as “Global Ethnoscapes” (Appadurai, 1996: 48-65). Ora, com a globalização cada vez mais efusiva, as fronteiras territoriais, culturais e comunicativas, erodem-se e emaranham-se, confundem-se até, produzindo efeitos concretos nas identificações e nos modos de vida das pessoas. No entanto, o que está aqui em questão não é o desaparecimento das fronteiras⁹, mas sim a sua adaptação e (re)interpretação consoante as novas necessidades, pois, instalam-se novos critérios na análise das fronteiras quando introduzidas novas categorias sociais, fruto dos fluxos globais (Rumford, 2006). Neste contexto, a Europa é um bom exemplo, quando durante o processo de unificação, as suas fronteiras tomaram um novo significado, em decorrência dos sucessivos alargamentos para o projecto de Europa unida, como as fronteiras criadas aquando a fundação do Mercado Único e aquando o sucesso do “Espaço Schengen”, que imprimiram um espaço interconectado para a circulação de cidadãos europeus entre os Estados-membros e possibilitou que a União Europeia conquistasse um espaço concreto para a sua governação e controlo de fronteiras. Por outro lado, as mobilidades que germinam pela Europa, produto da intensificação de movimentos migratórios, definiram também um espaço aberto às relações e às comunicações com outros povos e culturas. Deste modo, a conquista desse espaço na Europa é bastante significativa e

⁹ “As fronteiras e as mobilidades não são antitéticas. Um mundo globalizado é um mundo de redes, fluxos e mobilidades; é também um mundo de fronteiras. Pode-se argumentar que o cosmopolitismo é melhor entendido como uma orientação para o mundo que implica a constante negociação e passagem de fronteiras. Um cosmopolita não é apenas um cidadão do mundo, alguém que abraça o multiculturalismo, ou até mesmo um ‘passageiro frequente’. Um cosmopolita vive dentro e atravessa fronteiras. As fronteiras conectam as ‘mobilidades internas’ de nossas vidas, como a multiplicidade de comunidades que podemos optar por vir a ser membro e as tendências transversais das organizações políticas para impor seus regimes de fronteira sobre nós de maneira que comprometem nossas mobilidades, liberdades, direitos e até identidades” (Rumford, 2006: 163).

os intercâmbios universitários no espaço da União Europeia, tornam-se por isso objectos empiricamente úteis para o estudo da integração europeia, não só porque desenvolvem espaços para o diálogo intercultural, mas também pelo facto de que com o tempo sirvam para desenvolver uma consciência mais sólida pela diversidade cultural europeia entre os jovens participantes.

Assim, para melhor compreendermos que benefícios a mobilidade de estudantes no quadro europeu tem na construção de um sentimento de pertença e identificação para com a Europa, é necessário saber-se o que faz o intercâmbio académico Erasmus um importante instrumento para a consciencialização europeia. Como tal, desenvolveremos de seguida algumas ideias que nos podem ajudar a entender se e como a participação de estudantes em experiência de mobilidade lhes enriquecem o olhar pelas coisas e lugares que visitam, bem como os incentivam à prática da cidadania. Dito de outra forma, pretende-se compreender como o intercâmbio académico Erasmus é capaz de dispor aos participantes recursos simbólicos e culturais que legitimem a criação de quadros de pertença à escala europeia e induzam experiências identificativas com as diferenças culturais, sabendo que a diversidade cultural é um elemento intrínseco da identidade europeia.

Criado em 1987, o programa Erasmus é o maior programa de intercâmbio de estudantes no mundo, embora seja no quadro da União Europeia que a mobilidade dos estudantes é mais significativa¹⁰. O seu objectivo primordial é promover e facilitar a mobilidade, principalmente de jovens, no ensino superior, onde possam adquirir novas competências educativas, culturais, institucionais e exercer a sua prática cívica no quadro da União Europeia. Porém, além dos efeitos na educação e no desenvolvimento dos jovens, o programa Erasmus visa também preparar os estudantes europeus para trabalhar numa economia cada vez mais transnacional. Desde a sua criação, o programa Erasmus tem exercido uma atracção positiva entre as comunidades juvenis e, avançando já com algumas conclusões no âmbito do presente trabalho: os jovens, por iniciativa própria ou incentivados por amigos e

¹⁰ Com uma visita rápida ao portal do Erasmus +, verificou-se que há mais de 4 milhões de participantes e que cerca de 2 milhões de estudantes já tinham participado desde a sua criação, em 1987. **Durante o período de 2014 a 2020, prevê-se um orçamento de 14,7 biliões de euros.**

familiares, reconhecem neste tipo de mobilidade uma experiência interessante e significativa para eles, indivíduos em busca de aventuras que os concretizem e os enriqueçam, pois na sua raiz estão factores motivacionais como o “desenvolvimento pessoal” e o “enriquecimento cultural e linguístico”. Como ponto de partida, estes são já factores relevantes no conjunto de vantagens que a mobilidade Erasmus proporciona aos participantes.

Os estudantes que beneficiam deste tipo de mobilidade sofrem à partida um processo de socialização, porque se expõem a outros contextos de acção inter e transnacionais ou, dito de outra forma, a novas esferas de experiências relacionais, nas quais os indivíduos não só são portadores mas também receptores de cultura. Há sempre uma aprendizagem recíproca onde há interacção humana, um intercâmbio de ideias, crenças, regras e valores; são novos recursos culturais, valores sociais e cívicos que se vão interiorizando e exteriorizando durante tal processo. Na sua *praxis*, qualquer experiência é instrutiva. Os “estudantes-viajantes” (Murphy-Lejeune, 2002), durante o intercâmbio Erasmus, acabam por se relacionar com diversos sistemas culturais e de valores aos quais se têm de adaptar, por cultivar-se civicamente no que se refere a padrões de comportamento sociais específicos das sociedades que visitam, assim como durante este processo induz-se “uma forma qualitativamente diferente de aprendizagem institucional” (Murphy-Lejeune, 2002: 1). Depois de uma experiência de mobilidade há sempre a modelação de *habitus*, no sentido em que os novos padrões culturais e de comportamento social incorporados – equivalem a novos códigos de leitura da realidade. Sabe-se, segundo as perspectivas antropológicas e sociológicas, que os actores sociais, em situação de observador-participante, conseguem produzir e desconstruir representações do que os rodeia, devido à plasticidade das estruturas comportamentais, que vão-se alterando “à luz de uma nova análise e de uma nova síntese da situação por meio de símbolos” (Elias, 2002: 57). Para Pierre Bourdieu (2002), o conhecimento empírico do mundo constrói-se em esferas de experiência e por percepções da realidade, através de estruturas cognitivas de classificação que os próprios actores sociais produzem e reproduzem nas suas práticas. As mobilidades, nas suas diversas dimensões, assumem-se como um processo de experiências relacionais em

contextos culturais variados, podendo reconfigurar a representação que o indivíduo faz de si próprio e dos outros, porque consciencializa-se com novos quadros de pertença que, porventura, alteram as suas estruturas de preferência. Os estudantes ao saírem do seu país, da sua sociedade, da sua cultura, permanecendo temporariamente num novo país, vivendo uma nova cultura, falando uma nova língua, numa nova sociedade, são conduzidos “a um aprofundamento de compreensão cultural” (Jacobone & Moro, 2015: 311). Neste processo, portanto, há uma auto-transformação do sujeito, devido aos novos incitamentos e constrangimentos sociais, o que, por sua vez, faz com que a identidade destes estudantes acabe por se modificar, adaptar e moldar à nova realidade e, talvez, estimule a criação de uma outra. Uma experiência como a mobilidade Erasmus pode então contribuir para mudanças de atitudes relativamente à Europa entre os participantes, sentindo-se e identificando-se mais como “europeus” aqueles que participam do que aqueles que não participam (Mitchell, 2012; 2014).

Os jovens europeus, aos embarcarem numa *aventura* Erasmus, estão também a construir um meio de descobrir o *outro* e o seu mundo, porque abre-se um processo de exteriorização da pluralidade humana, que, por seu turno, gera uma nova estrutura de *habitus* – um *habitus cosmopolita* – ao amplificar-se a oportunidade de conhecer diferentes povos e culturas, ao oferecer-se aos europeus um espaço para a prática da cidadania, fomenta-se um maior interesse pela diversidade e possivelmente caminha-se para aquilo que Zygmunt Bauman (2013: 58) designa de “solidariedade flutuante”, que assenta no reconhecimento de uma pertença comum mesmo com as diferenças de que todos somos imbuídos¹¹. De facto,

¹¹ Já Mervyn Horgan (2012: 619) chama de “Solidariedade *Soft*”: “uma forma que está implícita nas relações entre estranhos quando mutuamente é reconhecida e sustentada sem um requisito pelo reconhecimento explícito”, ou seja, é uma espécie de solidariedade que tenta contribuir para atenuar a inimizade, porque *strangership* repousa sobre um reconhecimento mútuo de base. Embora seja claro que a solidariedade *soft*, por si só, não consegue superar a forte desigualdade, porque *strangership* implica também manter sua contingência, a sua ambiguidade e sua ambivalência. Diz o autor que, “uma vez que *strangership* não pode ser ultrapassada, ela deve em alguma maneira ser assegurada (...) pelo menos a possibilidade para uma solidariedade expandida, se não sua iteração explícita (*idem*: 620). *Strangership* é um conceito teórico que se refere a uma forma de relação entre estranhos, que a modernidade líquida banalizou por força do aumento das migrações e das mobilidades globais.

o programa Erasmus facilita e permite uma maior interacção e acção comunicativa com *Outros* que antes nos eram alheios. Uma experiência de tornar presente o ausente ou, melhor será dizê-lo, uma experiência para conhecer a diferença e para se reconhecer como parte dessa diferença. Nesta linha de raciocínio, a mobilidade Erasmus pode significar uma outra forma qualitativamente diferente de sair da caverna de Platão, no sentido em que se abre todo um novo processo de aprendizagem de estar com os Outros, por meio de novas acções e discursos; uma capacidade empática de experienciar outros universos culturais, como sermos capazes de olhar, escutar e admirar os outros nas suas múltiplas manifestações, bem como a reajustarmos nossas estruturas de pensamento quando confrontados com as suas opiniões, tudo isto, graças a uma capacidade intrínseca e necessária aos indivíduos, a necessidade de ver, comunicar e se relacionar, e com a qual vão actualizando as linhas de um processo evolutivo de conhecimento e reconhecimento do mundo empírico em que se movem (Elias, 2002).

A sociologia diz-nos que os indivíduos sentem a necessidade de construir sentido para si e para os seus mundos, sendo que essa necessidade concretiza-se pelas expectativas que temos no diálogo com os outros. Só na reunião com os outros conseguimos perspectivar um caminho de possibilidades, o *outro* de afinidades, e construir a confiança necessária na criação de lealdades. É por aqui que se constroem os lugares identitários. Ver no *outro* uma espécie de amigo com o qual possamos construir mundo entre ambos:

Os ‘amigos’ tendem a ser mutuamente tolerantes e compreensivos. Os amigos são pessoas capazes de serem amigos uns dos outros apesar das diferenças, e de serem úteis aos outros apesar de, ou antes por *causa*, das suas diferenças – e de serem simpáticos e atenciosos *sem* renunciarem à sua singularidade, ao mesmo tempo que nunca permitem que a singularidade os separe dos outros e os coloquem em oposição a eles (Bauman, 2013: 58).

A mobilidade Erasmus induz um processo para a auto-afirmação dos participantes, assim como para a tolerância destes para com as diferenças dos outros, porque uma experiência de mobilidade deste tipo viabiliza um incremento de competências adquiridas em experiências interculturais, o que permite aos

estudantes de Erasmus reclamar um acervo de capitais interculturais, no sentido em que “o valor particular do capital intercultural encontra-se numa mistura de experiência, reflexividade, conhecimento e habilidade” (Pollmann, 2009: 541). Mas até que ponto essa experiência intercultural pode por si só criar indivíduos pós-nacionais? De que nos pode servir a mobilidade Erasmus para fazer da Europa um cenário pós-nacional? Segundo Papatsiba (2005: 55), o despertar de uma auto-consciência pode levar ao desenvolvimento de “uma consciência pro-social num duplo movimento entre a auto-afirmação e abertura aos outros”. Por outras palavras, a mobilidade é a corroboração de uma experiência pro-social que apoia o desenvolvimento da consciência cultural, compreensão, tolerância e consciência cívica. Neste sentido, os estudantes passam a ser portadores de cultura no processo de europeização (Papatsiba, 2005). Os jovens que participam neste programa têm a oportunidade de contactar e de criar amizades com outros europeus e os novos meios de comunicação tornam-se excelentes mediadores dos capitais sociais que se vão compilando na viagem. Além disso, os estudantes de Erasmus, por participarem em diversos eventos socio-culturais, e por, em alguns casos, a primeira interacção nos países de acolhimento ser com outros estudantes internacionais e não tanto com estudantes co-nacionais (Van Mol & Michielsen, 2014: 9), não só desenvolvem os seus capitais sociais, mas desenvolvem ainda as suas competências e aptidões de comunicação intercultural (Williams, 2005).

Em suma, o programa Erasmus pode representar uma experiência cívica importante na construção de uma identidade europeia, uma vez que os laços de amizade que se selam com outros europeus e as crenças e ideias que os estudantes reconhecem como iguais entre si (Noversa, 2014), vão estruturando relações que verdadeiramente criam uma cultura; são modos de vida que cruzam fronteiras, é um espaço aberto à comunicação com outros povos e culturas que se vai dilatando, onde novas formas de sociabilidade individuais e colectivas exigem um novo grau de integração. É perante este contexto que poder-se-á dizer que um espaço social à escala europeia está a emergir, assim como uma nova linguagem simbólica e cultural começa a ganhar forma, encontrando-se num constante fluir, devido às redes e

fluxos de pessoas e objectos, signos e imagens, mensagens e modos de vida, que no momento presente se mobilizam em diversos contextos, do local ao continental.

Na actual cena europeia, deparamo-nos com milhares de bolhas matizadas a flutuar neste ebuliente espaço de fluxos e de encontros culturais, e nas universidades, como noutras esferas das sociedades europeias, evidencia-se claramente esse cruzamento de culturas. As universidades tornam-se, hoje em dia, locais de encontro de europeus vindos de todos os Estados-membros e de grupos étnicos vindos de outras partes do mundo. Se antes os povos europeus se encontravam todos nos campos de batalha, as universidades europeias são, actualmente, lugares privilegiados de partilha e comunhão com outros europeus, muito mais após a abolição das fronteiras no espaço europeu e do incentivo ininterrupto a programas de intercâmbio. Neste sentido, podemos até ver nos intercâmbios universitários um mecanismo significativo e potenciador para uma reflexividade cultural e para a consolidação e transmissão de uma cidadania, visto que na contemporaneidade as universidades torna-se um “lugar ideal para estimular e desenvolver uma abertura ao diálogo global contínuo com outros povos e culturas” (Fernández, 2005: 62).

O programa Erasmus, efectivamente, veio ajudar numa elevada interacção e acção comunicativa em diversos contextos inter e transnacionais, fomentando neste sentido uma aprendizagem e linguagem que reinventa os estudantes de Erasmus enquanto actores sociais. No entanto, é necessário ainda assim questionar até que ponto uma experiência como a Erasmus pode ajudar a moldar os comportamentos e as opiniões destes estudantes na forma como percebem a Europa. Depois de uma experiência Erasmus, como se identificam os estudantes com a Europa e, mais importante ainda, com que ideia de Europa? E que representação os estudantes de Erasmus têm de si enquanto europeus? É neste sentido que convoco como questões centrais de investigação: Como os estudantes de Erasmus percebem a identidade europeia? Que lugar tem a Europa nas representações destes estudantes, no decurso ou após o intercâmbio académico Erasmus? De que modo se sentem europeus e que sentido atribuem a esse sentimento, se o tiverem? É em torno destas

questões que se define o presente trabalho e que se procurará dar respostas nos capítulos subsequentes.

4. Investigar a identidade europeia a partir dos estudantes de Erasmus: esboço da investigação

Investigar a identidade europeia, base conceptual deste trabalho, não é uma tarefa fácil, quando sabemos, por um lado, da vacuidade do conceito no quotidiano dos europeus e, por outro lado, a caterva de significados e categorias complexas e ambíguas. Todavia, quando me propus a indagar o processo de construção da identidade europeia, estava ciente do húmus em que germinava tal problemática. Com efeito, procurou-se centrar este trabalho de investigação no estudo das experiências de mobilidade Erasmus de um conjunto de estudantes, explorando os sentidos e opiniões relativamente à Europa e à União Europeia. Por outras palavras, preside a esta pesquisa analisar como as categorias “ser europeu” e “ser cidadão europeu”, se assumem nas identidades de um conjunto de jovens que estiveram ao abrigo do programa de intercâmbio académico Erasmus.

Durante a pesquisa teórica-empírica acerca da relação entre o programa Erasmus e a questão europeia, constatou-se que são temas pouco ou nada explorados em Portugal e ainda escassamente a um nível europeu, assim como se detectou uma elevada carência de informação qualitativa. No geral, o programa Erasmus e a questão europeia são temáticas mais desenvolvidas em estudos de cariz quantitativo, o que faz com os estudos empíricos desenvolvidos dentro destas temáticas estejam muito subdesenvolvidos no que diz respeito à compreensão da dimensão subjectiva do fenómeno, ou seja, em conhecer as dimensões subjectivas em que ocorre a identificação dos estudantes de Erasmus para com a Europa. Na verdade, existe uma grande procura por uma análise extensiva e pela inferência causal do efeito/impacto Erasmus na identidade europeia, muito mais do que a sua compreensão. Os estudos empíricos desenvolvidos sobre a mobilidade Erasmus em articulação com a questão europeia desvalorizam uma outra parte da explicação sociológica, que passa, pois, pelo modo como actores sociais pensam a realidade e

que significados lhe atribuem. Neste caso, como os estudantes de Erasmus pensam e que significados atribuem à Europa. Os dados quantitativos que existem sobre estas questões acabam, enfim, por traduzir-se em raciocínios opacos, porque não dizem tudo; principalmente, não dizem que significados e argumentos sustentam tais respostas. No entanto, não quero com isto desvalorizar as abordagens quantitativas, até porque considero que ambas são importantes na explicação ou leitura que fazemos da realidade social. Não há boas ou más metodologias científicas. O que há, na verdade, é um processo de escolhas no que se refere às técnicas e aos procedimentos para dar respostas ao problema em mãos, aproveitando as potencialidades de diferentes matrizes metodológicas. Por seu lado, o divórcio entre metodologias – quantitativa e qualitativa – já não se justifica aos olhos da comunidade científica (Brannen, 1995), visto que o balanço de vantagens e limitações intimamente ligados a cada uma delas mostram que ambas são significativas para o estudo do mundo social, na medida em que ao serem combinadas, complementam-se, permitindo ao investigador vencer as claudicâncias técnicas inerentes a cada metodologia (cf. Bryman, 1995). Segundo Alain Touraine (1982: 43), os métodos estão intimamente ligados na forma como o investigador observa o fenómeno que está a estudar, até porque “o procedimento da sociologia e os métodos aplicáveis à sociologia, não lhe podem ser inteiramente específicos e que apenas devem ser julgados pela sua fecundidade”.

Neste sentido, por se tratar de um trabalho exploratório e porque “cada instrumento científico é uma resposta às necessidades de um investigador” (Tavares, 2012: 50), considerou-se relevante para o problema em estudo articular diversos contributos metodológicos – quantitativo e qualitativo –, dando primazia à abordagem qualitativa. Assim, para a sustentação empírica deste trabalho de investigação, decidiu-se: 1. aplicação de um inquérito por questionário, 2. consulta de dados publicados no *Eurobarómetro* e no portal do Erasmus+, 3. utilização da técnica de observação e 4. realização de grupos de foco, que se assume como técnica principal neste estudo.

A opção pelos grupos de foco como principal técnica de recolha de informação decorre do facto de ser uma técnica privilegiada na recolha de informação rica e matizada e porque permite ter acesso à discussão em grupo. Por seu lado, “o uso desta técnica traria vantagens de superar a individualização na produção do material empírico inerente ao questionário e à entrevista pelo próprio carácter colectivo e semipúblico da situação” (Ribeiro, 2011: 26).

Pensei também que a entrevista em grupo permitiria um melhor entendimento acerca da identidade e cidadania europeia, na medida em que os grupos de foco têm uma capacidade reflexiva inerente, fruto da interacção e discussão entre os participantes, o que ajudaria a ultrapassar a lacuna das respostas breves e superficiais sobre os tópicos em discussão, visto serem temáticas escassamente debatidas e pensadas no quotidiano. Por outro lado, esta técnica pareceu-me adequada, porque aborda da melhor forma as questões simbólico-ideológicas inerentes aos conceitos em estudo. Dito de outro modo, penso que uma reflexão em grupo potencia um melhor exame sobre o tema da identidade europeia e respectivas representações, uma vez que a técnica de grupos de foco dá oportunidade de estudar como os indivíduos conjuntamente constroem e dão sentido aos temas em discussão. Os investigadores que utilizam esta técnica têm a possibilidade de “observar os processos através do qual os indivíduos constroem suas próprias realidades e que sentidos dão a elas mesmas” (Munday, 2006: 95), uma vez que uma experiência nunca é exclusivamente individual, mas também colectiva. Por isso, “as discussões que ocorrem dentro dos grupos de foco fornecem dados ricos sobre os significados do grupo associados a uma determinada questão” (Bloor *et al*, 2001: 7). É uma técnica, portanto, capaz de expor com qualidade e profundidade uma temática tão difícil e complexa como a identidade europeia e de captar da melhor forma as experiências dos estudantes que estiveram em intercâmbio académico Erasmus.

Para terminar, outra vantagem na realização desta técnica, está ligada ao facto de as áreas de formação dos participantes terem influência na forma como os estudantes percebem a Europa. Deste modo, penso que a entrevista em grupo faria todo o sentido, visto que podia trazer vantagens para uma argumentação mais

interessante entre os participantes e para uma melhor dinâmica do grupo e formação de opiniões. Acresce a razão de que os posicionamentos e os argumentos dos participantes geram novas questões sobre a temática em estudo e, desta feita, estimulem a reflexão. Portanto, os dados recolhidos com recurso a esta técnica podiam, enfim, ajudar a uma compreensão mais abrangente da realidade em estudo.

Os grupos de foco, geralmente, levantam questões epistemológicas relativas ao facto de algumas informações recolhidas com recurso a esta técnica, tal como a outras, não corresponderem totalmente à verdade. Mas, no que a esta questão diz respeito, diz Hannah Arendt (2006: 243): “o homem não é capaz de verdade, todas as verdades são simples opiniões”, acrescentando que, “a inesgotável riqueza do discurso humano é infinitamente mais significativa e rica de sentido que qualquer verdade única poderá alguma vez ser” e porque a questão da verdade não é mais do que diferentes pontos de vista do que é a verdade de facto¹². Assim, a função essencial do sociólogo é procurar “um exame rigoroso dos factos, uma forte capacidade de interpretar, comparação e crítica, com enquadramento histórico, sensibilidade à desigualdade na distribuição de recursos e imaginação no vaivém de escalas de observação” (Lopes, 2012: 28), na medida em que não se faz sociologia sem um trabalho de comparação e explicação dos factos, sem observação e descrição do problema em estudo, assim como sem pensamento crítico e sem compreensão histórica (Schnapper, 2000). Aliás, em qualquer investigação, a explicação dos factos em articulação com o diálogo teórico é importante na fase de análise dos dados – dão segurança e fundamento à interpretação feita pelo investigador. A análise sociológica estriba-se na interpretação de interpretações, sendo o papel do investigador interpretar os dados recolhidos por meio de um exercício teórico-crítico: a teoria que faz a ruptura com o senso comum e a reflexão crítica, que se exige a um investigador na fase de análise dos dados, estimula a

¹² Diz Hannah Arendt (2006: 248) que “a verdade de facto é sempre relativa a várias pessoas: ela diz respeito a acontecimentos e circunstâncias nos quais muitos estiveram implicados; é estabelecida por testemunhos e repousa em testemunhos; existe apenas na medida em que se fala dela, mesmo que se passe em privado. (...) Ainda que se deva distingui-los, os factos e as opiniões não se opõem uns aos outros, pertencem ao mesmo domínio. Os factos são a matéria das opiniões, e as opiniões, inspiradas por diferentes interesses e diferentes paixões, podem diferir largamente e permanecer legítimas enquanto respeitaram a verdade de facto”.

interrogação, a essa sindicância sociológica que advém da comparação e sensibilidade aos dados. O investigador, portanto, pensa “para além do senso comum, embora dele se alimente e com ele dialogue” (Lopes, 2012: 33). Dito isto, os dados podem permanecer válidos, na medida em que medem o que é suposto medirem (Krueger, 1994: 31) e porque foram seguidos os procedimentos geralmente exigidos, garantindo por isso a validação e a fidelidade dos dados recolhidos.

Durante as reuniões dos grupos de foco, operacionalizou-se também a técnica de observação não estruturada, onde se pretendia recolher informações sobre as interações e as dinâmicas do grupo. Considerou-se relevante que não devemos dar só atenção ao conteúdo mas também ao processo de interação (Munday, 2006). Pretendia-se, desta forma, observar como os estudantes de Erasmus desenvolvem, em contexto de interação, as suas ideias sobre a Europa – como a ideia de Europa é produzida, reclamada, afirmada ou negociada. Daí, não serem só analisadas e transcritas atitudes individuais mas também diálogos.

Paralelamente, foi aplicado um inquérito por questionário aos estudantes de Erasmus, que serviu como técnica complementar das anteriores. Considerei que seria importante não cingir esta investigação unicamente a dados qualitativos e, também, porque o questionário permitia chegar a um maior número de respostas, ajudando por isso na generalização posterior de algumas conclusões¹³. No entanto, um esclarecimento se impõe: a aplicação do inquérito por questionário não tem qualquer pretensão de responder a hipóteses, pois, como já foi dito, esta técnica vem apenas como complemento das anteriores no processo de recolha empírica. O questionário divide-se em duas grandes partes: numa primeira parte, procura-se traçar perfis e analisar como foi a experiência de mobilidade (motivações, adaptabilidade e as maiores dificuldades); numa segunda parte, explora-se as percepções e as representações relativamente à Europa e à União Europeia assim

¹³ Como houve uma baixa afluência por parte dos estudantes de Erasmus nas respostas ao questionário os resultados não devem ser generalizados, mas tomados como dados complementares na análise interpretativa.

como as identificações dos estudantes de Erasmus como europeus¹⁴. Quanto ao modo de operacionalização, o questionário foi colocado numa plataforma *online* (*Softwer* Survio) e divulgado pelos estudantes (estrangeiros e portugueses: in e out) com a colaboração dos Serviços de Relações Internacionais e do grupo de Erasmus Students Network (ESN) da Universidade do Minho; partilhou-se ainda num grupo do *facebook* composto por estudantes da Universidade do Minho. No total foram respondido 83 questionários, no período entre Maio e Novembro de 2016. As informações contidas nos questionários foram tratadas directamente da plataforma Survio, donde se tiraram ilações profícuas a serem usadas como complemento na interpretação dos dados. É importante referir que foi seguido este procedimento alternativo uma vez que não foi possível extrair os dados para Excel por motivos monetários.

Relativamente aos grupos de foco, formaram-se 4 grupos (dois deles constituídos por estudantes, que na altura das entrevistas, estavam a fazer intercâmbio na Universidade do Minho e os outros dois eram compostos por estudantes portugueses que estiveram a estudar lá fora em universidades europeias ao abrigo do programa Erasmus)¹⁵. No total foram realizados quatro grupos de foco, com um total de 16 participantes, entre Maio de 2016 e Fevereiro de 2017, na Universidade do Minho. O número total de entrevistados justifica-se pela dificuldade que houve em encontrar estudantes dispostos a ser entrevistados e pela falta de comparência de alguns estudantes às reuniões de grupo de foco agendadas. O modo como foi constituída a amostra qualitativa determinou-se por recurso ao procedimento de bola de neve, nomeadamente no caso dos estudantes estrangeiros, através de um colega, que à data das entrevistas era presidente do grupo ESN. Já para os estudantes de Erasmus portugueses foi diferente: por mensagens no *facebook* e por *emails* a solicitar a participação em entrevista de grupo de foco. Fui

¹⁴ Nesta fase, devido a um problema de edição do questionário *online*, que não houve maneira de controlar, as questões 19 e 20 foram anuladas e não ingressam na análise para rigor e fidelidade dos dados. Consultar questionário em anexo 1.

¹⁵ Na altura pensou-se também compor um grupo misto com estudantes portugueses e estrangeiros, mas devido a dificuldades na fase de recolha empírica, por exemplo, na agregação de estudantes interessados a conceder entrevista e também por razões de tempo, essa ideia foi abandonada. Para descrição detalhada dos grupos, consulte o anexo 2.

tomando conhecimento de possíveis interessados através de duas formas; cheguei ao contacto com eles ou por intermédio de amigos ou foram-se auto-propondo nas “redes sociais”. O único critério de selecção dos participantes para os grupos de foco era já terem passado por uma experiência de mobilidade Erasmus ou estarem ainda em decurso da mesma. Em todas as reuniões com os grupos, como na etapa da aplicação dos questionários, foram sempre anunciados os objectivos do estudo e dada a garantia de confidencialidade e anonimato das informações facultadas. As entrevistas decorreram de foram cordial e fluida, seguindo um guião semi-estruturado¹⁶ com um elevado grau de flexibilidade e que abarcava todas as questões que norteavam a pesquisa. Em todas as sessões dos grupos de foco realizadas foi preciso uma intervenção activa para vencer as respostas superficiais aos tópicos que estavam em discussão. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra e mais tarde trabalhadas com recurso à análise de conteúdo, seguindo o procedimento de “codificação axial” (Strauss e Corbin, 1998: 124-126), onde as categorias e subcategorias sugeridas pelas entrevistas eram organizadas segundo as suas propriedades e dimensões de análise¹⁷.

Relativamente à forma de tratamento da informação recolhida, foi opção que a reflexão teórica e análise dos dados se cruzassem num vaivém sucessivo, o que exigiu um trabalho contínuo de articulação entre análise empírica e conceptualização. Deste modo, foi preocupação constante na elaboração do presente trabalho que os dados fossem analisados segundo um processo indutivo dentro do qual o valor dos dados determina a geração de proposições teóricas (Strauss & Corbin, 1998), ou seja, a teoria emerge da própria interpretação dos dados.

¹⁶ Ver guião de entrevista no anexo 3.

¹⁷ Tabela de categorias e subcategorias de análise disponíveis no anexo 4.

CAPÍTULO II



Nas veredas da Europa: trajetória Erasmus

A ideia Erasmus deve ser obrigatória –
não apenas para estudantes, mas também para taxistas, canalizadores e
outros trabalhadores. Por isso, quero dizer que eles precisam de gastar
tempo em outros países dentro da União Europeia.

Umberto Eco¹⁸

A viagem da descoberta consiste não em achar novas
paisagens, mas em ver com outros olhos.

Marcel Proust

As perguntas mais simples são as mais profundas.
Onde nasceste? Onde vives? O que estás a fazer?
Pensa nelas de vez em quando e observa como as tuas respostas mudam.

Richard Bach, *Ilusões*

A mobilidade é um aspecto central para a experiência humana. Ao movermos-nos experienciamos o mundo. A mobilidade Erasmus, enquanto ferramenta redutora de distâncias geográficas entre os europeus, permite aos participantes fruir de uma maior experiência da Europa unida e há 30 anos que o programa Erasmus se assume como uma opção altamente desejada entre a geração jovem, podendo não só aumentar “o capital humano nos indivíduos mas também as suas orientações cosmopolitas” (Jacobone & Moro, 2015: 325), bem como pode afectar o sentido identitário dos estudantes em várias escalas, do pessoal ao global (Prazeres, 2013: 813).

Já vimos antes que a identidade está intimamente ligada ao lugar e ao tempo em que vivemos e que mobilidade e o lugar não são antitéticos na compreensão da

¹⁸ Citação retirada de um artigo “The Guardian”. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2012/jan/26/umberto-eco-culture-war-europa> consultado: [2016-10-12].

construção identitária; pelo contrário, são ambos concomitantemente usados na construção das identidades (Easthope, 2009). Quando nos mobilizamos por um período de tempo do nosso lugar de cultura, seja ele qual for, estamos a mobilizar o nosso *self* para outros lugares reflexivos que podem moldar a nossa identidade e onde podemos agarrar oportunidades futuras. Diz Anna Bagnoli (2009: 341) que a experiência da viagem tem nas pessoas “um maior impacto sobre as suas biografias e identidades”, podendo muitas vezes revelar-se como um meio para a auto-descoberta ou introspecção (Bagnoli, 2009), assim como aguça a sensibilidade, instiga a observação e apura o auto-conhecimento. É neste sentido que a mobilidade Erasmus pode incitar os jovens a produzir, encenar e montar eles próprios as suas biografias (Beck, 1992: 135), muito mais agora quando se sujeitam e se expõem a outros cenários de elevado risco.

Perante este quadro e para que mais tarde consigamos compreender melhor como se elaboram as (re)definições identitárias dos estudantes de Erasmus para com a Europa, é importante tentar perceber como se enquadram as suas experiências de mobilidade. E, se a experiência é muitas vezes entendida como uma disposição individual em vários contextos sócio-culturais específicos de acção, de que forma isso ajuda a reconfigurar a concepção que eles têm da Europa? A trajectória Erasmus implica, pois, uma experiência subjectiva, podendo ser entendida como um processo dinâmico de (re)configuração contínuo das disposições subjetivas (Bourdieu, 2002). Mas será que os novos contextos de acção a que os estudantes foram expostos e as redes sociais e interculturais que estabeleceram e se estabeleceram, em outros países europeus, contribuíram para fazer da Europa um outro lugar de pertença com o qual se identificam? Não é, todavia, propósito deste capítulo responder a estas questões, porque ainda envolvem um certo grau de complexidade, ambiguidade e levantam muitas dúvidas. No entanto, é de toda a relevância tentar rastrear como os estudantes de Erasmus se adaptam e por quais dificuldades passam no decurso do seu intercâmbio e de que forma elas são ultrapassadas. Como avaliam a sua estada noutra país europeu? Que leitura fazem os estudantes dos eventos que viveram no enalço de uma *aventura* Erasmus? Se foram e como foram construídas relações com outros estudantes

internacionais e/ou locais? E porque o intento para viajar pressupõe sempre um acto reflexivo inicial: quais as razões que mais pesam sobre a decisão de embarque rumo a outras universidades europeias? Estas são as questões que pretendo analisar neste capítulo a partir do que foi dito nos grupos de foco e pelo que foi respondido no questionário administrado.

1. Opção Erasmus como auto-afirmação

Os motivos da escolha são sempre importantes para compreendermos os sentidos das acções dos indivíduos. E podem ser vários os factores que pesam sobre as suas decisões – os sociais, os culturais, os económicos, os climáticos, etc. Geralmente, a opção em partir rumo a um outro lugar de cultura pode constituir um meio para a concretização de um objectivo pessoal, envolver uma procura “por novos investimentos psico-sociais e novas identificações” (Papatsiba, 2005: 32), ou uma motivação para a aprendizagem, aqui entendida como “um processo interno, uma acção ou uma vontade que força o indivíduo a agir e satisfazer as suas necessidades” (Lipičhik *apud* Lesjak *et al*, 2015: 847).

Para a generalidade dos estudantes de Erasmus, os motivos que mais pesam na decisão de partirem rumo a um país europeu, por via deste programa financiado pela Comissão Europeia, são predominantemente as razões culturais e o desenvolvimento pessoal. Pelas respostas ao inquérito aplicado aos estudantes Erasmus portugueses conseguimos verificar que para 82% deles a participação no programa Erasmus foi feita por motivos de desenvolvimento pessoal. Por outro lado, para os estudantes de Erasmus estrangeiros que responderam ao questionário, no total 10, os factores que pesaram mais na decisão foram a possibilidade de viver num outro país europeu (64%); com uma percentagem mínima de 14% está o melhoramento do currículo académico.

Nos grupos de foco realizados, as razões mais apontadas pelos estudantes, foram as razões culturais e a oportunidade para melhorar ou aprender uma língua estrangeira. Vejamos alguns exemplos:

“I chose the country with the language that seems more interesting for me” [Michele, G1].

“(..)[to] know a lot of different cultures” [Ursula, G1].

“For me the first thing was of course travelling and I study international relations so I was willing to know other people, to know international people” [Kenan G1].

“(..) to know people from all over the world and... I think if you do one Erasmus or two, every time you change more and for better” [Vasia, G2].

“I can improve Portuguese and English at the same time, and to meet people from all over the world (...)” [Rebecca, G2].

Outros mencionaram que foi por curiosidade, pela experiência de viver num outro país, porque tinham como ambição trabalhar e viver lá fora:

“No meu caso concreto foi a experiência. Eu estou em relações internacionais achei que era importante, no meu curso, ter esta experiência, relacionar-me com pessoas de todo o mundo e saber como era a vida lá fora, porque uma ambição que eu tenho e, agora, quando tirar o mestrado e acabar, é ir trabalhar para fora e mais ou menos estar habituada e já estar preparada para aquilo que o mundo me pode reservar, basicamente é isso” [Carolina, G4].

“Vai um pouco de encontro ao que a Carolina falou. É sair da nossa zona de conforto e perceber como as coisas realmente funcionam. //(..) e conhecer-me de outra maneira” [João, G4].

Em suma, as razões principais que conduzem os jovens a participar no intercâmbio académico Erasmus são, sem dúvida, a cultural e o desenvolvimento pessoal (cf. González *et al*, 2011; Jacobone & Moro, 2015; Pineda *et al*, 2008; Lesjok *et al*, 2015). Como os dados empíricos apresentados acima indicam, para a maioria dos estudantes, o período Erasmus é tomado mais como uma oportunidade para conviver com outras culturas do que por motivações académico-profissionais. Dito de outra forma, aquilo que mais motiva os jovens a fazer mobilidade ao abrigo do programa Erasmus redundava em querer experienciar uma atmosfera internacional, adquirir competências numa língua estrangeira e a possibilidade de viver num outro

país, permanecendo assim o melhoramento do *curriculum* académico e a oportunidade de encontrar objectivos profissionais futuros como motivos secundários¹⁹. É, portanto, corroborável a avaliação de Stronkhorst (*apud* Lesjok *et al*, 2015: 848), quando diz que os motivos dos estudantes que pretendem estudar lá fora são “predominantemente orientados para a diversão e aventura e muito menos para o crescimento académico ou desenvolvimento de competências”. O programa Erasmus pode ser entendido, assim, como um meio fácil para poder viajar, conhecer outras culturas e uma experiência que se pode revelar enriquecedora para o auto-conhecimento, em que o facto de ir e estar lá não significa um meio de realização académica, mas de realização pessoal; para a grande parte dos estudantes entrevistados, o factor académico adquire uma importância menor. O excerto abaixo sintetiza a principal motivação de partir em Erasmus:

“It is an amazing opportunity you are given so it would be foolish not to take it. It’s a chance to know a lot of people from lots of parts, not only Europe but the world and it’s an experience that opens and changes you” [Adrián, G2].

Portanto, o que justifica a escolha de seguir em Erasmus é, acima de tudo, e tendo em conta os dados empíricos apresentados, constituir-se como um meio para a realização de algo que pessoalmente os estudantes tendem a querer, como o desejo de experienciar uma outra realidade cultural e/ou internacional. É neste âmbito que é possível dizer-se que seguir em Erasmus é visto mais como um caminho possível e desejável na procura pela auto-afirmação, tornando-se por isso um “acto de individualização” (Papatsiba, 2005) para os participantes²⁰.

¹⁹ Encontro só dois casos onde estes motivos estiveram presentes na escolha de seguir Erasmus: “ (...) em termos académicos era a opção mais válida e era o que me ia acrescentar bastante” [Miguel, G3]; “Eu mais concretamente, como a minha área é um bocado vocacionada para um instrumento, fui atrás um bocado de uma professora com quem gostava de trabalhar que dava aulas nesse Conservatório [Superior de Castilla-La Mancha, em Albacete] e também a experiência de lá fora, porque ambiciono um dia fazer mestrado, estudar lá fora, em universidades lá fora...” [Pedro, G4].

²⁰ “Eu fui para lá [Bolonha] para passar um tempo fixe fora de Portugal e conhecer-me de outra maneira” [João, G4]; “Fui por auto-conhecimento, mas também pela experiência” [Carolina, G4].

2. Integração e dificuldades de percurso

Quem vai em mobilidade e se estada noutra sociedade passa obrigatoriamente por um processo de integração institucional e adaptação cultural. Como é feita essa integração e quais as maiores dificuldades que os estudantes passam quando se movem para outros contextos pouco familiares? Estarão todos os alunos Erasmus no mesmo nível de igualdade de oportunidades na fase inicial de integração ao novo mundo cultural e institucional?

O início nunca é fácil: “a parte mais difícil de tudo isto [de estar em Erasmus] é o primeiro, segundo ou terceiro dia, porque tu estás aqui sozinho pela primeira vez num país estrangeiro com uma língua estranha e tu sentes-te um pouco perdido”, mas depois há aquele momento em que, “tu comesças a conhecer estas pessoas... é como se estivesses em casa outra vez e sentes-te muito... integrado” [Adrian, G2]. Apesar de ter sido complicado para todos no início, todos se conseguiram integrar, uns mais rapidamente do que outros, dependendo sobretudo dos países onde estiveram em intercâmbio.

As maiores dificuldades durante o processo de integração e que foram apresentadas pelos estudantes nas reuniões de grupo de foco foram: por um lado, a questão da língua, que impede muitas vezes uma boa compreensão e acompanhamento das matérias dadas nas aulas, e, por outro lado, a falta de apoio da instituição que os acolhia, pois não lhes foi dado qualquer tipo de orientação. Vejamos os excertos abaixo:

“The language, because I learnt Brazilian-Portuguese and I came the first day here and I thought: ‘God I never learnt on my life this language before.’ It’s still hard for me to understand the people and like... sometimes is a little bit, not like depressing, for me... it was quite easy to catch up Brazilian-Portuguese but Portuguese-Portuguese is really hard for me. That’s for me the big difficulty here” [Jéssica, G1].

“(...) the language because (...) I think it’s a problem with this university or with other universities because we signed a contract for the classes that were supposed to be in English and they are in Portuguese. And for people from Greece, from Germany, from Ireland, we don’t understand them.” [Vasia, G2]

“I also think it’s difficult to follow the classes sometimes because for German people is very hard to understand Portuguese.” [Katja, G2]

“Joana – Quando eu cheguei lá reparei que eles não são muito acolhedores relativamente aos alunos Erasmus, basicamente eu cheguei lá, ia fazer a matrícula e deparei-me com um conjunto de circunstâncias que, por exemplo, eu tinha... quando fui de Erasmus já tinha que ter escolhido determinadas cadeiras e cheguei lá, as cadeiras que eu tinha escolhido, 4 delas pelo menos, eram leccionadas no mesmo horário... // (...) E depois nós tínhamos que escolher outras cadeiras e eles não nos ajudavam em nada, basicamente diziam-nos: “Desenrasquem-se, porque nós não vos vamos ajudar basicamente”. Então, eu senti muita dificuldade nessa questão, acho que eles não são muito acolhedores.

(...)

João – Para mim, eu senti um pouco aquilo que ela sentiu também em Espanha, eu senti em Itália. Eu acho que... há muita pouca organização entre faculdades no que consta em acordos e em receber Erasmus e estar preparado para os receber porque tu chegas lá de paraquedas completamente, estás por tua conta, mandas *emails* para a secretaria de lá e ninguém te responde, mandas *emails* para aqui demoram-te duas semanas a responder, cadeiras que não abrem cadeiras que tens que alterar, mentiras que tens que dizer para conseguires fazer coisas que não conseguirias se não mentisses [risos]. Adaptar-te?! Fazer como eu fiz, 14 aulas nas duas primeiras semanas, porque tive que encontrar cadeiras em que pudesse ter as coisas todas em inglês porque ninguém me orientava no sentido de me dizer se este professor aceitava ou não fazer essa coisa numa língua estrangeira. E em termos de ensino as primeiras duas, três semanas foram um pouco caóticas.” [Grupo 4]

Depois temos outros casos, como o do Kenan [Grupo 1], cuja maior dificuldade foi não se conseguir adaptar a certas tradições pela razão de não as compreender; por outro lado, na experiência do Michele [Grupo 1], a maior dificuldade foi o de habituar-se aos métodos e critérios de ensino que são diferentes do seu país natal.

“Kenan – For me was the traditions, to adapt to the traditions. I mean, They didn’t suffer from traditions but I suffered a lot in basketball team and that’s why for me is... traditions.

Interviewer – But you feel traditions are...

Kenan – No, no, no! I mean, they were funny but I can’t understand them.

Interviewer – But you cannot understand them?

Kenan – I was like: ‘Ok, but why are they doing this?’” [Grupo 1]

“For me the biggest problem, (...), is the organization of the university. Actually, It’s the main problem that I find, because it’s really different from my country. I mean, usually here there are a lot of works for the students, a lot of subjects to follow. I’m not so much used about that, I prefer to meet few things but bigger and not changing subjects and fields all the time. So, that’s the biggest problem that I found here.” [Michele, G1]

Por outro lado, para o Grupo 3, a integração noutra país foi bastante fácil para todos os participantes do grupo. Os estudantes deste grupo sentiram que havia uma maior organização e apoio em receber estudantes Erasmus, ao contrário dos dois participantes do grupo 4, fosse a nível de *démarches* burocráticas, fosse a nível da relação com os professores:

“Na universidade correu tudo tranquilo. (...) não tivemos problema nenhum; eles foram connosco tratar do passe, porque lá tínhamos que fazer cartão da universidade, depois tínhamos que fazer cartão de transporte...” [Inês, G3]

“Nunca tive problemas com os professores, eles sempre falaram inglês connosco, o inglês deles é impecável.” [Catarina, G3]

“(...) na primeira semana nós já tínhamos tudo resolvido, também tivemos uma semana de acolhimento para conhecer a cidade, visitas guiadas, e só aí já conhecemos grande parte do pessoal Erasmus, o que já foi muito bom. A nível da universidade, as aulas também eram todas em inglês, os professores também sempre foram muito acessíveis (...).” [Carolina, G3]

No final, é possível reter que todos se conseguiram integrar, uns mais rapidamente do que outros, com níveis e estágios diferentes. A partir dos discursos acima, perceber-se, desde logo, a ambivalência de uma experiência de mobilidade na Europa: enquanto uns se sentiram facilmente acolhidos nos países onde estiveram em intercâmbio, porque a instituição que os recebeu foi organizada em integrar os alunos estrangeiros; outros percebem algumas deficiências, desde logo, o facto de as aulas não serem em inglês, o que dificulta bastante a compreensão ou

o acompanhamento das matérias leccionadas²¹, e a falta de auxílio em questões ligadas ao plano de estudos. Neste sentido, em matéria de integração, as experiências destes estudantes podem ser interpretada por duas categorias distintas: por um lado, há estudantes que se sentem integrados, tendo sempre ajuda da instituição desde o início e, por outro lado, encontramos ainda casos de estudantes Erasmus em que a integração não foi fácil, pois sentiram que não houve qualquer orientação e apoio da instituição que os acolhia. Esta última categoria, que surge na reunião do grupo 4, permite perceber que para alguns estudantes que participam neste tipo de mobilidade a integração na nova instituição de ensino implica um esforço maior, pois são desde o início desafiados a lidar com um determinado tipo de circunstâncias que põem à prova a sua capacidade de se adaptar às novas regras e práticas. Segundo os resultados do questionário encontramos também esta ambivalência: apesar da maioria dos estudantes portugueses que estiveram em Erasmus, 67%, ter respondido que foi fácil resolver problemas/dificuldades do dia-a-dia, há ainda uma percentagem de 29% para quem foi difícil. Os estudantes estrangeiros vão no mesmo sentido: 70% achou fácil e cerca de 20% achou que foi difícil contornar certos problemas nas suas práticas diárias noutra país europeu.

Já em termos de adaptação à cultura, a maioria conseguiu-se adaptar bem e não houve grandes problemas e verifica-se também isso pelas respostas ao inquérito administrado, que tanto os estudantes portugueses que estiveram em universidades estrangeiras a estudar (52%) como para os estrangeiros que estiveram em intercâmbio Erasmus na Universidade do Minho (60%) avaliam como fácil o envolvimento na cultura que estavam a conhecer²². Contudo, o caso do Kenan

²¹ Relativamente a esta questão da dificuldade no acompanhamento da matéria das aulas, é também detectável nos resultados ao questionário orientado para os estudantes estrangeiros: 60% deles achou difícil e para 20% achou muito difícil este aspecto da sua experiência enquanto aluno Erasmus. O que as entrevistas revelam é que isso se deve ao facto das aulas não serem leccionadas em inglês. Mas há também casos em que isso nem acontece. Disso dão conta os estudantes do grupo 3 que não tiveram isso como um problema: as aulas era dadas em Inglês.

²² Alguns estudantes acharam fácil a adaptação à cultura porque perceberam algumas semelhanças entre a sua cultura e a cultura do país que estavam a visitar: “Para mim a cultura não é diferente [entre Portugal e Grécia].” [Vasia, G2]; “Em termos de cultura e de integração foi bastante fácil, primeiro, porque portugueses, espanhóis, gregos e italianos são tudo o mesmo [risos] gostam de comer bem, conversar, ouvir música, festejar, beber...” [João, G4].

[Grupo 1] revela que nem todos os estudantes estrangeiros conseguem-se adaptar a certas tradições, pois não conseguem compreender certas práticas dos países onde estão em mobilidade. O facto de ser um dos estudantes que mais convivia com estudantes locais, devido ao basquetebol, isso pode ter sido uma dificuldade acrescida na forma como lida com o grupo de estudantes locais, porque quando Kenan expressa: “Eu sofri muito na equipa de basquetebol!” subentende-se que algumas vezes se sentiu de parte, porque nem sempre é fácil adaptar-se às regras do outro grupo, podendo trazer um subtil acto de segregação involuntário entre os dois grupos. Não só neste contexto, mas às vezes esta segregação involuntária é mais visível durante “programas formais directamente orientados para estudantes internacionais a fim de os apoiar com a habitação, integração social ou aprendizagem de uma língua (Van Mol & Michielsen, 2014: 17), limitando possíveis espaços para a interacção com estudantes locais.

3. Experiência europeia: Eu e o *outro* no palco da Europa

Viajar é uma questão de reflexo. A viagem é sempre uma experiência intersubjectiva. Ninguém viaja sozinho. Estamos em permanente contacto com *outros*. A forma como experienciamos o nosso lugar no mundo é já um amplo espectro de sentidos e interpretações, devido às redes que estabelecemos por meio de acções com os outros. Geralmente, quando transitamos “de um contexto familiar para um não familiar, as pessoas são confrontadas com o outro” e “este outro poderá ser as culturas locais que eles estão a visitar, ou mesmo o outro dentro de si, aprendendo a ver-se a si mesmo com visões diferentes” (Bagnoli, 2009: 341). A identidade é um processo relacional. Por isso, é de todo relevante analisar como ou se foram estabelecidas relações e como se procederam as interacções com os nativos. Neste ponto, pretendo analisar a relação entre identidade e interacção com o outro, sendo que

A dialética entre o eu e o outro é central para o processo de construção da identidade. O eu e o outro são aqui concebidos como dois pólos num diálogo em curso e através do qual diferentes

discursos e auto-representações, mesmo contraditórias, contribuem para moldar as identidades como construções narrativas em constante mutação. As identidades emergem assim como o produto de uma multiplicidade de vozes, que surgem de dentro e de fora do sujeito (Bagnoli, 2009: 326).

Para que mais tarde consigamos compreender como o programa Erasmus ajuda na construção identitária dos participantes, precisamos de saber como se configuram e se enquadram as redes de contactos entre estudantes estrangeiros e locais, a frequência com que ocorrem e saber se ocorrem de forma natural. Neste sentido, procuro entender como as redes sociais dos estudantes em mobilidade Erasmus são construídas. Segundo as respostas dadas aos questionários, entre os estudantes Erasmus portugueses que estiveram em universidades europeias, 66% acharam que foi fácil interagir com as pessoas e só 12% achou que foi difícil; para os estudantes Erasmus estrangeiros 50% consideraram também que foi fácil, contra 10% que não acharam tão fácil assim interagir com as pessoas.

Todavia, o que acontece muitas vezes é que o contacto entre estudantes locais e internacionais parece ser bastante limitado (Kimmel & Volet, 2012; Van Mol & Michielsen, 2014). Os contactos que se podem desenvolver no *Campus*, entre estudantes locais e de intercâmbio, são muitas vezes reduzidos devido ao facto de haver objectivos diferentes e/ou oportunidades limitadas para a interacção (Van Mol & Michielsen, 2014: 16). Se para a estudante Erasmus Rebecca [Grupo 2]: “Eu sinto-me integrada com os meus colegas de turma” porque “todos falam comigo em inglês”, pelo diálogo transcrito abaixo, conseguimos perceber o contrário, que muitas vezes os contactos com colegas de turma não são fáceis e torna-se até muito difícil iniciar uma conversa: ou os estudantes locais não estão a fim de estabelecer contacto, podendo a questão da língua ser um impedimento para a interacção, ou se o estabelecem é curto e superficial.

“Ursula – I don’t have to attend to every classes but in the beginning I was attending and I was the only Erasmus student in the class, and it was obvious that I’m an Erasmus student because I was speaking to the teacher on the beginning of class in English, so it was obvious that they knew and no one ever talked to me, no one ever asked me: ‘do you need any help?’ And I can imagine

they were maybe scared to speak English or just to speak at all to some stranger but I expected something like this. It would have been nice if someone ask me: *'I can help you. If you need some notes or something, or some translation.'* At university no one ever spoke to me but... in general Portuguese people are friendly. I know a lot of Portuguese people and they want, hum, to meet...

Interviewer – OK, But in the classes, you do not have lot of interaction with your own colleagues in the class?

Jessica – Yes. There was one girl who showed me everything and we still say *'hi'* but is also that they already have their own friend groups and even if you would speak Portuguese, I think it is also quite hard to get into a group where everyone knows everyone and they already have their friends. Yes, it's a little bit hard. I talked once with some people but it was also a little bit hard with the language barriers and it's quite stiff. If you meet someone in a bar is more relaxed but in the classroom you feel also a bit stiff that you have to talk with them.

Ursula – Actually there was one guy who told me he can help me but he was from PHD class so he was older, maybe. But he wasn't also Portuguese, so.

Kenan – I have the same story...

Michele – I cannot answer because actually I'm not following classes so I don't have too much relation with Portuguese, so, just the ones I met outside but in the class... not." [Grupo1].

Por outro lado, desenvolver contactos em alguns ambientes fora da universidade, entre estudantes de Erasmus e estudantes locais, também não é fácil; podem até cruzar-se uns com os outros nos corredores e nas salas de aula, mas se eles não partilham frequentemente os mesmos espaços sociais, a intersecção social entre os dois grupos permanece também limitada (Van Mol & Michielsen, 2014: 13). Há casos em que sentem dificuldade em alargar os seus contactos com os nativos para além do contexto universitário. Disto dá conta a experiência da Carolina [Grupo 4] que cito abaixo:

“Uma coisa que eu achei curiosa... se calhar não sei se foi só a minha experiência, é que nós não nos dávamos muito com os eslovacos, com habitantes naturais de lá, dava-me com uma pessoa ou outra, que eu tinha aulas com eles, eles tinham sempre aulas em inglês comigo, hum... mas nada de especial e só os via de vez em quando, se calhar, eu achava que ia ter contacto mais directo com pessoas de lá, mas não foi isso que aconteceu.”

Contudo, encontro dois casos que revelam que ainda existem alguns espaços em que a interação intergrupar toma lugar naturalmente, contribuindo para estabelecer relações entre grupos relativamente segregados (Erasmus/internacionais vs. locais/nativos). O caso do Kenan [Grupo 1] que jogava, à data da entrevista, na equipa de basquetebol na Universidade do Minho, ou o caso do Michele [Grupo 1] que tinha a oportunidade de falar com pessoas do grupo de percussão da Universidade do Minho – “Os Bomboémia”. Estes são exemplos de “nodal persons” (*idem*: 16):

“I have a really good experience with Portuguese people. I played basketball... (...) and everybody is Portuguese over there and we, we spent weeks and weeks together in different cities, and I, I just want to share this really good moment, that was the best moment for me in Portugal. We had a team meeting and everyone was trying to speak in English because of me. So it was just one international student, everyone else was Portuguese and because of me they started to speak in English.” [Kenan, G1]

“Someone of *Bomboémia*, maybe. But the point is that if you are in something like an organization, like the *Bomboémia*, the percussion staff, the percussion team, I went sometimes and I go sometimes. So there is the possibility to speak with them.” [Michele, G1]

Por outro lado, encontro na experiência do João [Grupo 4], que esteve em período Erasmus, em Itália, uma outra categoria. A sua experiência revela que, algumas vezes, são os próprios estudantes locais que parecem assumir uma importante função de integração dos estudantes que estão em intercâmbio universitário europeu (Van Mol & Michielsen, 2014: 17):

“(…) eu vivi com dois italianos que me ajudaram imenso, o meu colega de quarto foi a minha “salvação Erasmus”, totalmente, porque me introduziu à cidade, à cultura, às pessoas. [João, G4].

Depois há outros casos de estudantes, em que a interação com pessoas nativas está muitas vezes associada a momentos acidentais e efémeros:

“Jessica - some friends of mine were also here visiting Braga and they had the city map and were a little bit confused where to walk and, on their own, people

came to them and ask: ‘do you need help? I can show where you can find the place!’ and, I think that wouldn’t happen in Germany.

Ursula - Yes, it happened to me too. I was in Lisbon and I was just checking the map with my friend and just one person came to us and probably the person wasn’t informed so well because finally the person didn’t help us but it was the will to help.

Michele - Also to me, I remember, I was in the train station in Porto, one day just looking to make a ticket but I didn’t know where to do the ticket and one guy, I don’t know how, he understood that I was looking for that but just came and said: ‘English?’ [Laughs] That was really funny. Portuguese people are really friendly to me.” [Grupo 1]

“(…) nós também não convivíamos muito com os checos, tirando a parte de ir ao supermercado, porque na residência o meu andar era todo Erasmus (...)” [Inês, G3].

A par disto, há ainda experiências onde os estudantes de Erasmus facilmente conseguiram estabelecer contactos com nativos:

“With the native people I feel like some are very open-minded and it’s easy to get in touch with them and they try to make you feel very comfortable even if their English might not be as good sometimes” [Katja, G2].

“Foi muito fácil estar com eles e assim, para mim foi facilimo porque também por ser um bocado a minha área... gostávamos todos de música e interagimos bem todos, não tive grandes dificuldades.” [Pedro, G4]

O que podemos concluir a partir dos excertos analisados até aqui? Se para alguns não houve qualquer problema em se relacionarem com pessoas nativas, pois a questão da língua não se revelava um obstáculo; para outros a oportunidade de criar ligações com os locais é muitas vezes reduzida, podendo a língua tornar-se um *escolho* para gerar contactos mais frequentes, tanto na sala de aula como fora dela. Neste sentido, a língua torna-se um dos elementos limitativo para que os estudantes internacionais construam as suas redes sociais com pessoas ou estudantes locais quando estão a estudar num país estrangeiro. Como notam Christof Van Mol e Joris Michielsen (2014: 18), “os contactos mais significativos com a população local

parecem ser formados em contextos informais em vez de contextos formais, e a língua joga um papel crucial no desenvolvimento desses contactos”.

É no contacto, todavia, com estudantes da comunidade Erasmus ou estudantes internacionais que a interacção se torna bastante mais fácil, sentindo-se por isso mais integrados e com um *sentimento de casa* pelas amizades que se geram. Num período inicial, o grupo Erasmus Students Network pode servir como um proveitoso meio para estabelecer as primeiras relações e para orientar os estudantes estrangeiros:

“No, [não foi difícil sentir-me integrada], especially, because we are a group of Erasmus, we are not individuals. We are a group and also because Erasmus Students Network, we are united and we have common events where we can meet and also meet Portuguese people. So, I don’t think anyone feels like... alone because we are all friends.” [Ursula, G1]

“A nossa ESN era muito boa, portanto, eles organizaram uma semana de adaptação, com as outras universidades lá de Praga da parte de engenharia (...).” [Inês, G3]

“I feel integrated and feel at home here as well because you get in touch with people very easily, especially with Erasmus people it’s very easy.” [Katja, G2]

No entanto, *o sentirem-se em casa* não tem a ver com o facto de estarem na Europa, mas deve-se a um processo de integração já consumado:

“Vasia – (...) we all came here without family, without friends, without knowing anyone. So, we build a family somehow and... it feels like home, because of this. It’s way easier to make friends in one month than in your hometown.

Rebecca – This also happens with people that come from ... For example, we have a friend from Jordan and he is like us. We are European and he isn’t. And with a Turkish guy, and... I don’t consider Turkey like Europe because they have a completely different culture, but he is completely integrated, I think. So, maybe if we have to go in their country for us it’s more difficult but for them. I don’t think, in Braga. Because there are a lot of people from everywhere, everywhere!! Brazil, Syria, Turkey, Jordan, Cambodia, China, everywhere! ... So, I think that for them to come in Braga is simpler than for us if we have to go there.

Katja – I agree that it’s about the people. I don’t think it would be more difficult to feel at home in another country. I don’t think it’s a European issue that we

feel at home here. I think if you have time enough to get close to any culture you can feel at home, if you're comfortable with people, if you have friends. It's just a matter of time, more or less, and maybe here it takes less time, because the culture has the same base but it's possible in other countries" [Grupo 2].

Este último excerto transcrito é interessante e revelador de uma possível formação de “solidariedade flutuante” (Bauman, 2013: 58), pelo facto de mostrar que o período Erasmus contribui, de facto, para incrementar a selagem de laços de amizade entre europeus e não só, e por dar aos estudantes uma consciência de *sentir-se em casa*, senão uma consciência-mundo. Perante isto, não admira que 55% de estudantes portugueses que responderam ao questionário acharam fácil fazer amigos durante o seu percurso Erasmus e só uma percentagem mínima de 6% achou que foi difícil. Por seu lado, para os estudantes estrangeiros também foi fácil fazer amizades (50%) e só 10% considerou que foi difícil. Mas, depois de terem passado por todo esta experiência intercultural, será que aqueles que estabeleceram mais ligações com os nativos ou com outros estudantes internacionais criaram uma maior afectividade com uma realidade europeia? Será que se sentem mais europeus depois de terem passado por uma experiência de mobilidade como esta? Será que conseguem perceber semelhanças entre eles enquanto europeus? Que ou quanta influência teve o percurso de cada um na modelagem do seu *habitus* europeu? Estas são ainda questões que se colocam no campo das hipóteses, mas que procuraremos explorar no capítulo que se segue.

CAPÍTULO III



Europa Projectada: o que os europeus querem ser

A Europa não é um dado adquirido.

A Europa sempre foi e continua a ser uma escolha.

Jean-Claude Juncker, *Presidente da Comissão Europeia*

Somos perfeitamente capazes de amar o nosso próprio país e a ideia europeia também. Para mim, a Europa é um continente de “e” e não de “ou”.

Alexander Van der Bellen, *Presidente da Austria*

Cabe a nós, hoje, mudar a imagem de uma Europa distante, ineficaz e burocrática. Devemos reavivar a paixão das pessoas pela Europa, dando-lhes uma vez mais a sensação de que fazem parte de um projecto histórico. É o maior legado que podemos transmitir às gerações futuras.

Antonio Tajani, *Presidente do Parlamento Europeu (2017)*

A saga da europeização não é só contada por nós, académicos; faz parte da forma como a sociedade se interpreta a si mesma; é a história de todos nós.

Hans-Jörg Trenz (2014: 10)

Depois de ter passado por duas hecatombes provocadas pelas Grandes Guerras, a Europa teve que se repensar e reinventar como ideia de paz e prosperidade, após 1945. O período de 1939-1945 foi um momento dramático na história europeia e decisivo para a construção da Europa que hoje conhecemos – uma ideia de Europa unida e escorada em valores como a democracia, a liberdade, os direitos de cidadania e por uma economia de mercado que permitisse a equidade do Estado social. Esta é a Europa que lançou novas perspectivas e esperança no futuro da *família europeia*, a mesma que reverteu as trevas do passado recente. Mas

como é que essa Europa se tem instalado nos quadros perceptuais dos jovens que fazem mobilidade ao abrigo do programa Erasmus?

A partir da primeira metade do século passado, a Europa une-se através de tratados num projecto arrojado que lhe garantiu até hoje a paz perpétua sonhada por Immanuel Kant. Esse projecto de integração inicialmente assente na base de uma cooperação económica, trouxe a paz, prosperidade e esperança para todo um continente varado por uma história de conflitos turbulentos. Daqui emergiu eventualmente uma nova geografia política, uma nova forma de união política consagrada em valores históricos comuns, tais como a solidariedade, a democracia e os direitos humanos, etc. e, que se vêem plasmados nos tratados e nas práticas das instituições criadas ao longo das décadas seguintes. No entanto, não podemos ver a construção europeia como algo linear, tem uma história de altos e baixos, períodos de grande dinamismo e outros de grande cepticismo, mas que foram sempre contornados graças à racionalidade política. Depois de um período de estagnação, esse projecto supranacional, ganha mais força somente aquando do colapso da União Soviética e com o fim da Guerra Fria, donde uma série de alargamentos a leste entram em curso, consolidando uma Europa dividida no passado num projecto alargado de partilha de soberania, em liberdade e igualdade, entre todos aqueles que reivindicavam já uma nova cidadania.

Que Europa os europeus percebem? O que é e o que os europeus esperam da Europa? Depois de 60 anos de projecto europeu, com que Europa os europeus se identificam? Que imagem têm de si em *ser Europa*? Que bases de uma identidade europeia percebem? Como se projectam enquanto comunidade? Que identidade reclamam?

1. Europa: elementos de percepção

Quando hoje se pensa na Europa são muitos os sentidos que reverberam nessa entidade. A história evidencia uma Europa como palco de muitas revoluções culturais, políticas e sociais que tiveram uma profunda relevância na construção de um lastro histórico europeu comum, onde ideias, valores e crenças são amplamente

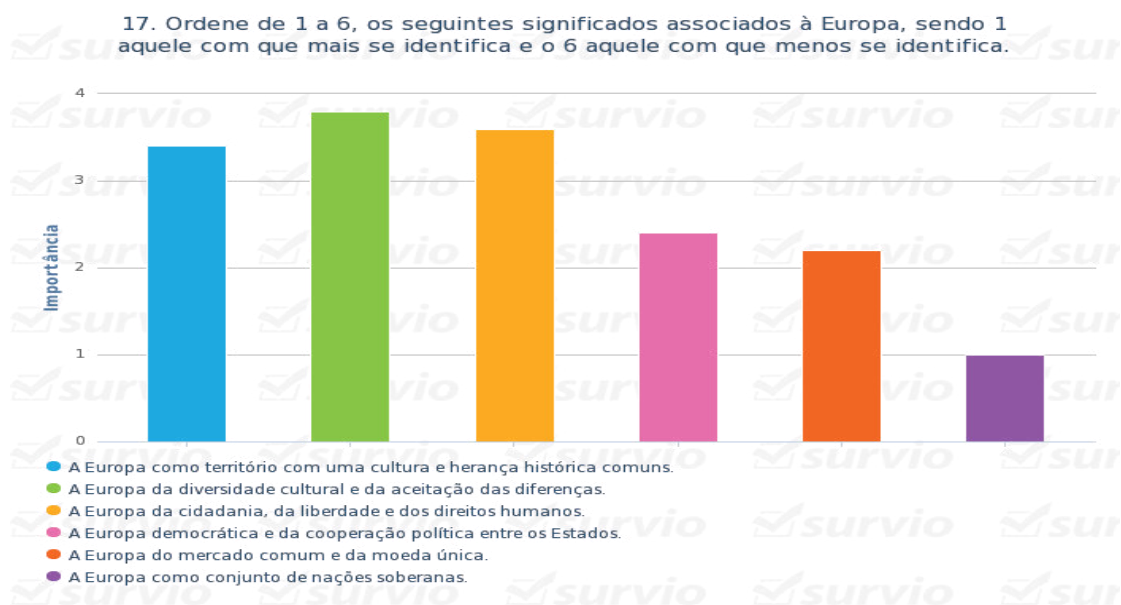
partilhadas por todos os povos da Europa. No entanto, a história europeia não se fez só de unidade, mas também de sucessiva fragmentação topográfica e por combates ideológicos distintos; além disso, a Europa é espaço de pluralidades culturais e imaginários sociais aos níveis de pertença nacional e regional. Não podemos pensar a identidade europeia sem as pertenças nacionais e sem os sentidos históricos ambíguos que marcaram a *biografia* do continente europeu. Falar em identidade europeia é fala-se dessa herança histórico-cultural, mas também de toda uma *cartografia* cultural, étnica e linguística variável, de interesses e fronteiras variáveis. A Europa não é apenas feita de valores que são a sua “marca” identitária e que assumem o compromisso de guiar o continente europeu no seu dever cosmopolita, mas também a Europa é exemplo de um processo incompleto de europeização de identidades colectivas nacionais e uma entidade política que ainda se procura afirmar no mundo. De acordo com Ulrich Beck (2017: 191), “a Europa não é uma entidade fixa, não é uma unidade territorial, não é um Estado nem uma nação. De facto, não há ‘Europa’; há a metamorfose da europeização, um processo de transformação contínua”.

No contexto actual, é importante questionar o lugar da Europa no imaginário dos europeus, decorrente daquilo que acham ser a Europa hoje. Continuará a Europa a ser importante para os europeus? Os europeus identificam-se com a Europa? Mas com que ideia de Europa? Pode a Europa representar mais do que a geografia? Especificamente, para os europeus que estiveram ao abrigo do programa Erasmus, como pensam a *ideia* de Europa unida? Como toma forma a *identidade europeia* nas estruturas de pensamento dos *europeus Erasmus*? Quanta europeidade existe no *habitus* dos jovens Erasmus? De que modo a representação que têm da Europa condiciona a sua identificação com o *projecto europeu*?

Segundo as respostas apuradas nos questionários administrados no âmbito desta pesquisa, a grande parte dos inquiridos, tanto os estudantes portugueses Erasmus (88%) como estrangeiros (60%) responderam identificarem-se muito com a Europa. Mas com que ideia de Europa? Nos gráficos abaixo, verificamos que entre os estudantes portugueses Erasmus (gráfico 1), numa escala de 1 a 6, manifestam uma maior identificação com a “Europa da diversidade cultural e da aceitação das

diferenças” (com uma importância de 3,8) e depois com uma “Europa da cidadania, da liberdade e dos direitos humanos” (com uma importância de 3,6).

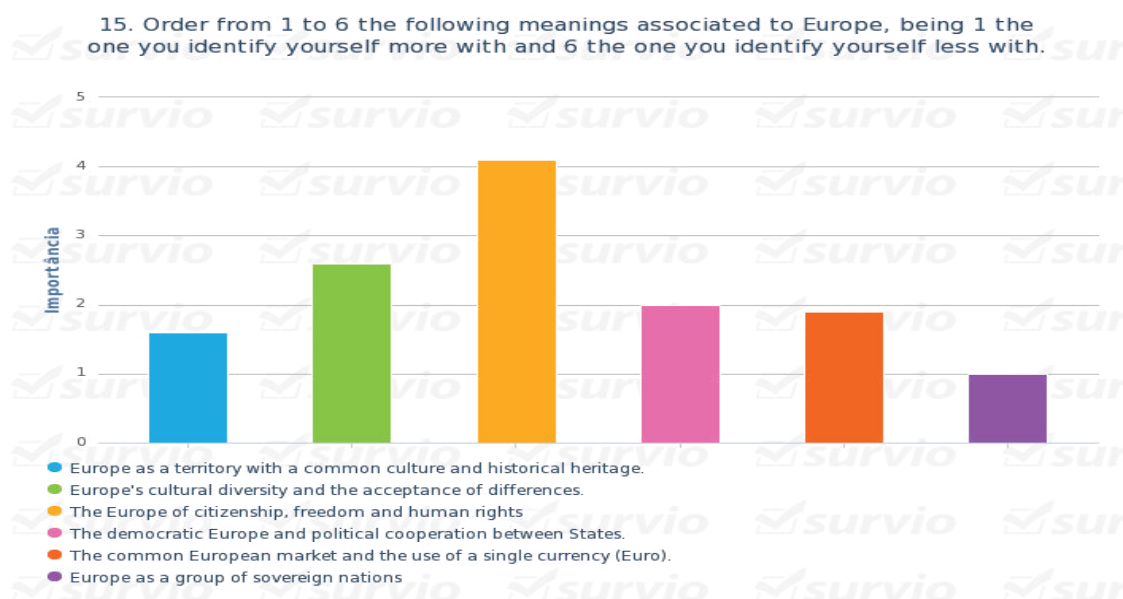
Gráfico 1



Fonte: Elaboração própria a partir da plataforma Survio

O mesmo se verifica nos questionários relativos aos estudantes estrangeiros (gráfico 2), as identificações situam-se na Europa da Cidadania (com uma importância de 4,1) e na da Diversidade Cultural (2,6).

Gráfico 2



Fonte: Elaboração própria a partir da plataforma Survio

Mas que sentidos emergem sobre a Europa nos discursos dos estudantes de Erasmus? Nas reuniões de grupo de foco, a Europa enquanto temática desdobra-se em múltiplos sentidos, plasmados pela ambivalência. Começemos por aqueles que percebem de alguma maneira o modelo cultural europeu:

“That’s why I’m feeling European, because of the culture, because of the rights, because of the thinking, because of some mentality differences.” [Kenan, G1]

“A Europa é basicamente aquela partilha de vivências e de culturas e, por mais diferenças que existam tu também consegues ver um ponto em comum.” [Carolina, G3]

Há ainda dois casos, em que as lógicas de identificação se centram numa Europa histórica, onde os sentidos se ancoram na memória de um passado recente de conflitos e de que essa experiência nos une:

“Vasia – About history, all the European countries had a lot of bad times. Greece, Germany, Italy, Spain, England, everyone had bad times and we

shouldn't forget about them, like saying "we are Europeans, we have culture, but how did we gain his culture? How are we this way? I think that every era that was passed, the people then kind of knew history and read about it, at least the rich, and somehow after the Second World War everyone came together because with Italy and Germany all the others suffered and after peacefully with them we were all together.

(...)

Adrián – The same as Vasia, I think. For the same reasons." [Grupo 2]

Por outro lado, há casos em que a identificação com a Europa dá-se pela dimensão económica ou pela geografia e diversidade cultural, donde não há lugar para a unidade:

"Rebecca – Now is the economy. The first thing that I think is economy because everyday you listen on TV, everywhere, about economy, about law, about Europe that controls economy. So, for me the first thing is economy and I don't think culture and history less we had part in the same world but with different weight and we had different history. I think that I have a completely different history from Spain when in confront with Spain or Yugoslavia and Czech Republic and a lot of them. So, I don't think about history, I don't think about culture because I have a completely different culture from a lot of them. But now, I think about economy because if I listen EU, I think economy and also how Erasmus is... I know, for example, my university tries to send a lot of students because they bring money from Europe. For us it's a good experience and for us it's to meet different cultures but [on the base] of my university is for bring money from Europe.

Katja – Yes, I agree with you and I think also the first thing that comes to my mind is just the geographical area, not really about history or... It's more diversity than it's even like unified or anything." [Grupo 2]

No grupo 4, todos os participantes declaram que actualmente não se identificam com nenhuma *das Europas*, sendo o seu discurso marcado por uma Europa decalcada da imagem que têm da UE actual:

"Moderador – Pensando agora um pouco no continente, mas afastando-nos um bocado da ideia geográfica, gostaria que falassem um pouco sobre... A Europa está, para além da geografia, a ela estão associados valores como da cidadania, da democracia, da liberdade, da igualdade, da diversidade cultural, da aceitação das diferenças, da solidariedade... Identificam-se com estes valores?

Identificam-se mais com que Europa, com a Europa cultural, da cidadania, da democracia, da liberdade... Com qual Europa se identificam mais e porquê?

João – É assim, eu... do que estudei da União Europeia, acho que era um projecto bastante interessante em teoria [risos]

Carolina – Não foi concretizado.

Pedro – Um pouco demasiado ambicioso.

João – (...) no carácter da democracia acho que sim, acho que funciona relativamente bem, temos se calhar países como Espanha, Itália continuam um pouco com o nacionalismo e um pouco de repudia com a União Europeia, mas no geral acho que foi um objectivo concluído, agora em termos de cidadania, de identidade, *puff*... solidariedade, até de solidariedade e aceitação dos povos...

Moderador – Então não se identifica com nenhuma das dimensões da Europa mencionadas?

João – Eu identifico-me, acho é que elas não existem.

Carolina – Lá está.

Pedro – O problema da União Europeia actual...

Carolina – Não passa do papel.

Joana – Exacto.

Pedro – ... é que os mais fortes puxaram muito para eles e os mais fracos não sobreviveram.

Moderador – Então, ninguém se identifica com nenhuma das dimensões da Europa mencionadas?

Pedro – No momento actual, não.

Carolina – Exacto, de momento não.

João – Eu acho que elas [pequena pausa] ...nem existem.

Pedro – Porque a ideia inicial [

Carolina – Vai existindo a democracia, qb.

Pedro – ...desta União Europeia já não existe.

João – O quê que nós temos, temos um espaço económico comum, temos o espaço Schengen que está a ruir graças ao *Brexit* e temos a democracia. De resto o que temos, temos uma Alemanha no poder, temos uma *Troika*.” [Grupo 4]

Há ainda o caso da jovem polaca Ursula, que expressa um sentimento de não saber bem o que pensar sobre a Europa, mas percebe que não há diferenças significativas entre os países, sentindo ao mesmo tempo que está na Europa:

“Normally you don’t think about it. For me, like I said first I feel Polish and maybe if I go out of Europe I could say: ‘OK, I’m European the same as Polish’ but you don’t see these big differences, Ok, Even if we can see a lot of differences here in Portugal, I can still say: ‘it’s Europe.’ I don’t see these much differences, so I can really divide myself, I also like... I don’t know.” [Ursula, G1]

É possível, através dos discursos acabados de transcrever, distinguir algumas posições: se para alguns há diferenças culturais, ao mesmo tempo evidenciam uma unidade continental; já outros a Europa está unida pela economia porque não há outro espaço para as lógicas da unidade. O que estas posições nos permitem perceber é que, por um lado, há a percepção de uma unidade europeia, mas por outro, não há um reconhecimento profundo de uma identidade europeia. Apesar de responderem sempre aos tópicos solicitados pelos moderadores, uma coisa que se notou significativa nas reuniões de grupo de foco foi a pobreza das palavras para se expressarem sobre este assunto e, também, são muito perceptíveis nas discussões em grupo sobre a ideia de Europa, discursos repousados em conhecimentos onde pairam dúvidas, um punhado de ideias superficiais sem conteúdo significativo, frases vagas que provam que estes assuntos lhes são alheios ou pouco pensados. É neste âmbito que é possível concluir-se que para a generalidade dos entrevistados, a Europa parece ser nas suas rotinas diárias como “uma categoria abstracta, conceptualmente vaga e experiencialmente intangível” (Armbruster *et al*, 2003: 888-889). Após a análise dos discursos é também visível, e problemático até, em alguns casos a não diferenciação entre Europa e União Europeia, qualquer leitura sobre a Europa é decalcada pelo que eles pensam ser a UE hoje. Dito de outro modo, alguns estudantes não fazem qualquer distinção da Europa enquanto continente portador de uma herança histórica e cultural e a Europa enquanto projecto político e económico de paz, de solidariedade e liberdade, de segurança, de democracia e de cidadania. Por seu lado, esta categoria também não é muito nova, já vários estudos detectaram isso (Ribeiro, 2011; Armbruster *et al*, 2003), onde muitos são os casos em que *Europa é palavra sinónima de União Europeia*. Portanto é caso para dizer, em jeito de conclusão, que

Nestes últimos anos, tem-se falado muito de Europa e de civilização europeia, de anti-Europa e de forças opostas à civilização europeia, etc. Apelos, artigos em jornais e revistas, discussões e polémicas: em toda a parte, a palavra ‘Europa’ tem sido usada com uma frequência pouco comum, por boas e más razões. No entanto, se nos dermos ao trabalho de analisar com mais atenção o que querem dizer com a ‘Europa’, percebemos de

imediatamente a enorme confusão que reina no espírito daqueles que falam dela... (Chabod *apud* Mazower, 2014: 451).

2. Identidade europeia como identidade-projecto: União Europeia e identificações instrumentais

As identidades são o resultado de símbolos e narrativas que nos são dados em contextos historicamente contingentes de comunicação e que servem de catalisadores para as identidades colectivas. Este processo, todavia, forma fronteiras que emergem de processos cognitivos e discursos institucionalizados, representados por símbolos que servem como mediadores da comunicação e identificação entre os membros de determinado grupo ou comunidade (Elias, 2002). As identidades, portanto, delimitam espaços de acção e normalizam pertenças por meio de redes de comunicação e símbolos. Neste sentido, a Europa do pós-guerra não foi apenas um fenómeno de *des-territorialização* com a abertura das fronteiras, mas também um projecto de institucionalização territorial (Eder, 2006: 260). Durante o processo de integração, começou-se a produzir e a reproduzir um *habitus* europeu, implicado numa narrativa performativa de redenção dum passado traumático e por práticas institucionalizadas que reiteram e legitimam até hoje uma Europa enquanto comunidade política e que os europeus reconhecem por União Europeia. Mas, também, um outro processo que adveio da europeização das identidades colectivas nacionais foi a criação de símbolos e iniciativas que materializaram uma comunidade europeia, e que começaram a cruzar o quotidiano de milhões de europeus, produzindo, em analogia à expressão de Michael Billig (1995), um *europeísmo banal*. De acordo com Hans-Jörg Trenz (2014: 10) o “europeísmo banal” é uma forma de socialização de europeus que implicitamente aceitam a mudança da realidade europeia mais do que se fosse um processo explicitamente consentido, visto também como um processo subconsciente que normaliza a União Europeia enquanto comunidade política. Como é que esses símbolos foram incorporados e que significados lhe são dados pela geração Erasmus?

De modo a analisar o europeísmo²³ entre estudantes de Erasmus, optei por eleger a bandeira da União Europeia como um elemento concreto que me permitisse avaliar de que forma opera o vínculo de pertença dos estudantes Erasmus à *casa*-Europa. Segundo os especialistas que estudaram a nação (Anderson, 2005; Dieckhoff, 2001; Smith, 1997), a bandeira é um dos símbolos que representa a unidade de uma comunidade nacional e onde se incrustam e se inscrevem sentidos vários de uma memória histórica partilhada. A bandeira azul com as doze estrelas douradas, criada pelo Conselho Europeu em 1955 e oficialmente adoptada como símbolo da Comunidade Europeia em 1986, é hoje reconhecida por todos: acompanha sistematicamente a bandeira nacional em eventos oficiais e vêmo-la em tudo que é cartazes e documentos que anunciam o apoio da União Europeia na concreção de projectos vários, bem como nas cartas de condução, matrículas e passaportes.

Quando questionados sobre o que significava e o que representava para eles a bandeira da União Europeia, os sentidos que emanam são diversos e ambíguos, mas que podem de um modo geral agrupar-se entre 2 categorias: 1. aqueles que se identificam; 2. aqueles que não se identificam. Vejamos primeiro aqueles que se identificam, ou porque representa uma boa experiência de paz e liberdade entre os países europeus ou porque torna-se símbolo de uma partilha e união:

“Jessica – I like the European flag because I like the European Union and it shows that we are united stuff [

Interviewer – But as a symbol of the European Union, do you feel connected with the flag?

Jessica – Yes.

Interviewer - In an emotional, affective way or in rational way?

Jessica – Also emotional way. For me the European Union is also a symbol of peace because we can be sure that it won't be a war again. Maybe it will happen,

²³ Foi também colocada uma questão no questionário para avaliar como os estudantes de Erasmus viam a ideia de o Hino Europeu substituir os hinos nacionais em competições internacionais e, pelo que se pôde averiguar, as opiniões dividem-se: para os estudantes Erasmus portugueses 38% acha uma má ideia mas ainda há uma percentagem de 11% que pensa que é uma boa ideia e cerca 12% que acham uma boa ideia mas só para ser concretizada no futuro. Já os estudantes estrangeiros que responderam ao questionário a maioria acha uma boa ideia concretizá-la no futuro (40%), mas há ainda assim uma proporção de 40% que acham uma má ideia.

you can't say never, but is also a symbol of peace, for example that we have the same currency, we wouldn't be so stupid to attack a country who have the same currency because it would affect us as well. So, it's like a symbol of peace, also of freedom, that I can travel everywhere and that's why I feel also emotionally. It's something that my grandparents never experienced, for example. When they were young never experienced that was so easy to go everywhere in Europe and that we have guarantee, at least, a Europe of peace." [Grupo 1]

"Para mim neste caso representa bastante (...) Mobilidade, ideias comuns..." [Miguel, G3]

"Eu também concordo com a mobilidade (...) num certo aspecto é mesmo a nossa identidade, porque nós realmente dizemos que somos europeus, (...) é a união porque ao fim ao cabo, apesar de, por exemplo, os checos serem muito frios e tal, eles nunca, pelo menos com os mais jovens, nós nunca nos sentimos tão distantes deles, realmente nós sentimo-nos muito próximos com eles, eles também partilhavam as mesmas ideias como nós, pronto, graças à União Europeia" [Catarina, G3]

"Para mim a bandeira da União Europeia representa uma partilha de culturas e identidades (...)" [Carolina, G3]

Agora vejamos aqueles que não se identificam, podendo a bandeira representar a União Europeia numa vertente económica ou ser a representação simbólica de uma unidade forjada onde se pretende delimitar o *nós* dos *Outros* que estão de fora:

"Rebecca - I think now this flag doesn't mean a lot because we have a lot of problems inside Europe. (...) For me it doesn't mean anything because is based on economic, not in culture (...)."

Adrián - I agree with Rebecca. I know that in some ways this flag represents us but in the end I don't think like... the perception I have, it's... like Rebecca said, is a superior economic authority we have, more than like symbolism Union between Europeans.

(...)

Vasia - I agree with him. I think it's not a European Union. Since it came, after, everyone is separated, there are kind of wars between like Greece and Germany or Spain and Germany. (...) I think it's not about the Union. It offers many great things, sometimes cultural, but is mostly about economic sense.

Katja - (...) I agree with them most of the things that you said, I don't really identify with it but for me it represents Union." [Grupo 2]

“Moderador – Para além de ser a bandeira da União Europeia, o que mais representa?

João – Unidade, comunhão partilha de valores, espaço Schengen... [

Joana – Sim, espaço Schengen.

João – Moeda única [silêncio] e espaço cultural.

Joana – Sim, é a mesma coisa de que ele disse.

Pedro – Que seja uma bandeira que nos... que mostre... a nossa bandeira europeia... não sei como explicar, que mostre que somos todos unidos que seja uma bandeira única para todos [

Joana – Sim.

Pedro – Que depois para fora que se mostre que somos só um, não sei...

Joana – Que demonstre a unidade.

Pedro – Isso também é um bocado... a cena da União Europeia.

Moderador – Então para todos, esta bandeira significa Unidade?

Joana – Sim.

Pedro – Sim.

João – Pelo menos a ideia de [

Joana – A ideia da bandeira...

Carolina – Pode ser a ideia que eles queiram transparecer [

Joana – Exacto.

Carolina – ...pois na realidade não é isso que acontece.

Pedro – Na realidade não é assim...

Joana – Exacto.

Moderador – Sim, mas o que realmente representa para vocês?

João – Nada [

Joana – Exacto.

João – ...pessoalmente nada.

Carolina – Em concreto nada, eu também quando fui de Erasmus éramos todos da União Europeia e não senti união, não éramos todos iguais.

João – O carácter nacional continua muito presente.

Joana – Sim.

João – Ainda bem.

Carolina – Sim, eu também acho. Não podemos perder a nossa identidade só para transparecer que somos um só.” [Grupo 4]

O que este último excerto transcrito evidencia e ajuda-nos a perceber é que o conhecimento que os europeus têm dos símbolos da integração europeia está envolto em muitas dúvidas; principalmente, na última intervenção protagonizada por Carolina encontro um outro dado de relevo, enfatizado no uso do verbo “perder” a nossa identidade, revelando que para alguns cidadãos europeus a

percepção que têm dos símbolos europeus continua a ser sinal de um plano “anti-nacional” (Bruter, 2004: 30), ou seja, que implica a perda dos símbolos nacionais. No final, a bandeira da União Europeia para a maioria dos estudantes não desempenha um laço afectivo, quanto muito um sentido de pertença. O que se pode concluir a partir dos dados empíricos apresentados é de que a bandeira, ou serve a função de representar uma unidade que diferencie a Europa do lado de fora, ou representa um bloco puramente económico, muito mais do que um projecto de solidariedade política entre Estados democráticos da Europa.

De acordo com Michael Bruter (2004: 26), “se as identidades políticas podem ser definidas como elementos da identidade de um indivíduo que se relaciona com uma comunidade política formalizada, a compreensão das identidades políticas implica uma necessidade para compreender o que essas comunidades formalizadas podem predominantemente representar no imaginário de um indivíduo”. Neste sentido, precisa-se de procurar que sentidos são atribuídos pelos estudantes de Erasmus à União Europeia. O que a União Europeia representa para os estudantes de Erasmus? Na generalidade dos casos, os resultados não mudam: a UE é na mesma percebida ou pela dimensão económica ou por uma UE que lhes dá vantagens materiais e práticas. Vejamos alguns casos:

“For me it’s like: ‘of course, I can work abroad’. I can work I don’t know where because we don’t need a visa and it’s easy to stay, I don’t need to care about anything (...)” [Jessica, G1]

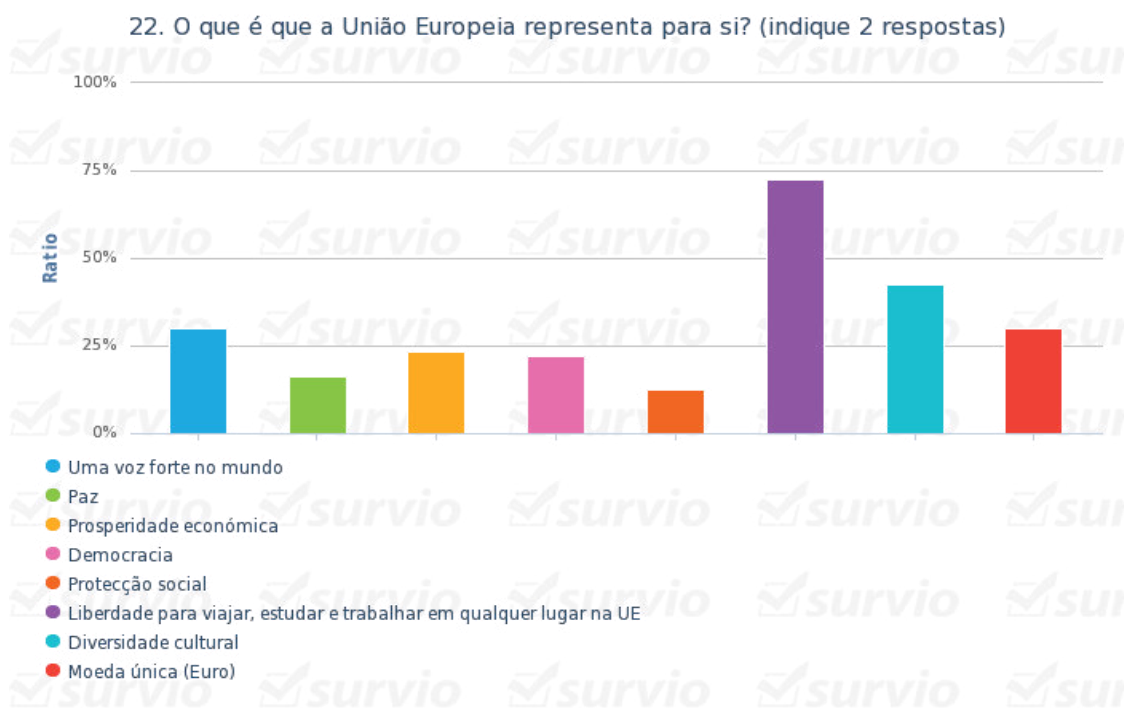
“The positive thing is that you travel in Europe without passport and is simpler” [Rebecca, G2]

“João – (...) a Europa tem dois pontos fortíssimos eu acho, que é o Euro, que é o espaço Schengen e o espaço comum económico. Estes são, estes foi onde a Europa conseguiu ser feliz e conseguir realmente implementar-se e a União Europeia conseguiu que o seu projecto se afirmasse. Agora, daí a falar de conceitos tão sociais e tão específicos como cidadania, como identidade cultural eu acho que isso...

Carolina – Eu acho que basicamente, desculpa interromper-te, o projecto da União Europeia é um projecto económico essencialmente não pensam tanto no lado social como deveria ser, porque se a União Europeia ruísse tínhamos o grande problema da moeda, por exemplo.” [Grupo 4]

De acordo com os gráficos 3 e 4, é verificável em ambas as amostras que a União Europeia representa para a maioria um espaço de liberdade para viajar, estudar e trabalhar, correspondendo uma percentagem de 73% para os jovens portugueses Erasmus e 80% para os estrangeiros; logo a seguir com a maior percentagem está a União Europeia como representante da diversidade cultural (portugueses: 43% e estrangeiros: 40%). No entanto, o que é interessante verificar nos gráficos abaixo, é que os significados com menor percentagem foram: a UE como símbolo de paz e como entidade defensora do Estado Social. Para os estudantes portugueses que estiveram a estudar lá fora em universidades europeias só 16% considerou a União Europeia como símbolo de paz e cerca de 12% achou que ela representa a protecção dos valores sociais.

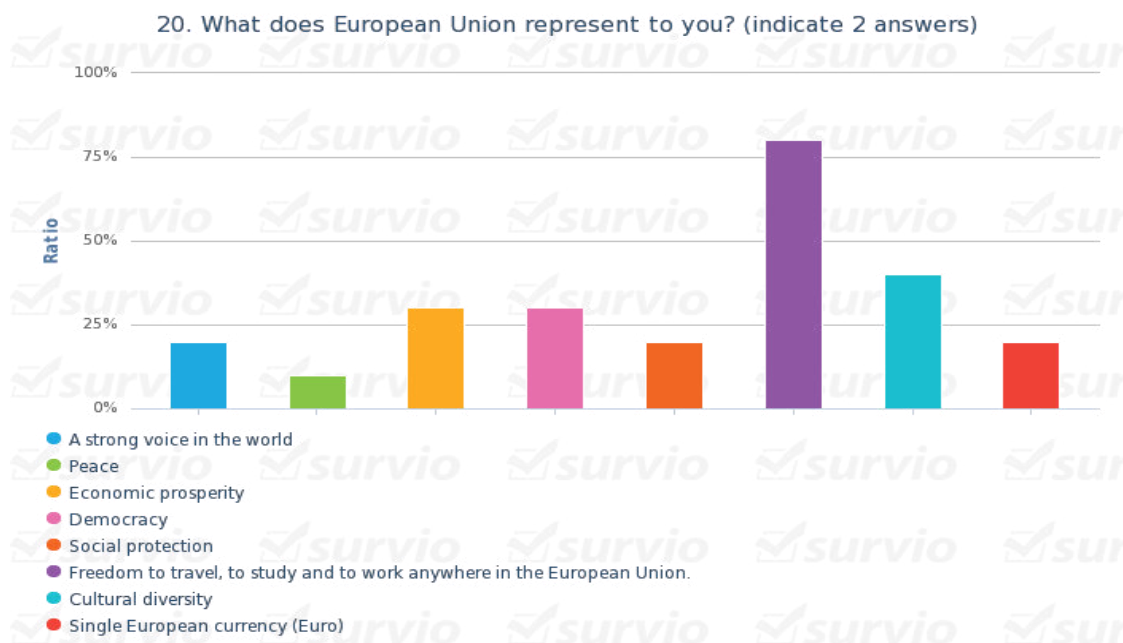
Gráfico 3



Fonte: Elaboração própria a partir da plataforma Survio

No gráfico 4, as respostas dos jovens que estiveram ao abrigo do programa de intercâmbio no Minho vão no mesmo sentido, só cerca de 10% vêem a paz como símbolo da UE e 20% a protecção social.

Gráfico 4



Fonte: Elaboração própria a partir da plataforma Survio

A partir daqui é possível concluir que, para os estudantes que estiveram em mobilidade Erasmus, continua a ser imperceptível o desígnio primordial que levou a Europa a unir-se há 60 anos num projecto de cooperação política, de confiança, de justiça social, de solidariedade, de liberdade e paz²⁴. A União Europeia, nos grupos de foco realizados, não é percebida pelos estudantes de Erasmus entrevistados como um projecto federal que continha um ideal político de paz e partilha de soberania entre Estados democráticos da Europa; para a grande parte deles, a União Europeia é sinónimo de economia, signo de benefícios e uma metáfora de liberdade para viajar, estudar e trabalhar sem que seja preciso mostrar

²⁴ Alguns exemplos são elucidativos: “A União Europeia na realidade nunca resultou, desculpem lá dizer, não saiu do papel, é uma ideia bonita mas não sai do papel, as fissuras já existiam desde sempre.” [Carolina, G4]; “Era uma ideia figurativa que nunca acabou por se concretizar devido à diferença cultural que existe.” [João, G4].

o passaporte. Uma possível resposta explicativa para este facto pode estar naquilo que se esqueceu ou, melhor será dizê-lo, naquilo que se perdeu. No contexto inicial do projecto de unificação europeu, a ideia de Europa unida nasce acima de tudo como um desígnio político, mais do que económico, e foi esse entendimento e essa prosperidade que se seguiram que fizeram com que os europeus vivessem anos de paz. Mas foram também estas décadas de profunda prosperidade económica aliada a uma ambição capitalista global que fizeram com que os europeus se esquecessem dessa missão política da União Europeia e passassem a classificá-la quase exclusivamente na dimensão económica. É importante também salientar que a Europa *social* acaba por ter uma presença inconspícua nos discursos produzidos em contexto de entrevista em grupo; na maioria das vezes as intervenções dos participantes vêm somente a roçar-se na fronteira ou de uma Europa *económica* ou numa Europa das vantagens materiais e práticas. Uma das categorias mais mencionadas foi a facilidade com que nos podemos mover por todo o espaço da União Europeia sem ser preciso mostrar o passaporte. A partir daqui, não tenho dúvidas que o descontentamento²⁵ que os estudantes demonstram perante um possível fim da UE, seja pelo facto de se perder um conjunto de vantagens práticas e benefícios que a União Europeia oferece aos seus cidadãos, como por exemplo, um espaço Schengen e/ou o programa Erasmus. A este respeito Katja, do grupo 2, toma uma posição:

“It’s just kind of a benefit because we belong mostly to industrial countries and we have the opportunity to travel because most of us have the money for it. I think that is the most thing I connect most with it (...)”

²⁵ Até pela pergunta do questionário: “Como se sentiria se um dia a União Europeia acabasse?”, consegue-se validar a hipótese de que o desapontamento que os estudantes de Erasmus manifestam da possibilidade de um dia a UE findar, está consideravelmente ligada à perda dos benefícios materiais e práticos. Mais de metade dos jovens portugueses que responderam ao questionário (58%) e 50% de estudantes estrangeiros, sentem-se descontentes porque são da opinião que os países europeus beneficiam mais se tivessem unidos, mais do que a paz e prosperidade na Europa depender do sucesso da União Europeia. Encontra-se também nas respostas a esta questão, que para uma proporção de 6% de estudantes Erasmus portugueses e de 20% de estudantes estrangeiros, vêm como positiva o fim do projecto político da União Europeia ou porque acham que a União Europeia tem sido prejudicial para o país deles ou porque não acreditam na ideia de uma Europa Unida.

Tomados os dados no seu conjunto, percebe-se que na grande maioria dos casos apresentados, evoluem-se ideias da UE enquanto projecto com uma missão política de entendimento e paz entre os países europeus, a defesa da democracia e das liberdades individuais e cívicas, de coesão e protecção social. Pode concluir-se, portanto, que os sentidos da Europa que mais emergem nos discursos produzidos nos grupos de foco realizados é a Europa *económica e a das vantagens práticas*, mais do que a cultural ou política. Mas também é verdade que a Europa de hoje não é a mesma que há 60 anos se uniu por um desígnio político de paz e com a convicção no desenvolvimento do bem-estar das suas populações. A Europa que se nos apresenta no contexto actual, parece ser uma Europa com mais prioridades económicas do que com um primado assente na integração política e social dos seus cidadãos, o que leva uma das entrevistadas a dizer: “[ser] europeu é predominantemente sobre economia” [Vasia, G2]. É já uma verdade histórica que “há já algum tempo que o mundo gira em torno do dinheiro e não da história. E as antigas virtudes heróicas que desembrulha à nossa frente há já muito que não desempenham qualquer função (Walser, 2005: 59). Muitos dos discursos oficiais que nos chegam das instituições europeias, através dos meios de comunicação social, centram-se mais determinantemente na garantia de estabilidade económica do que estabilidade social, dignidade, segurança e solidariedade. Por isso, é também compreensível que os estudantes que participaram na sessão do grupo 4 entendam que a União Europeia²⁶ é “um projecto totalmente falhado, sim sem dúvida” [João, G4] e que outros reconheçam que se estão a perder certos valores. A este respeito são eloquentes as palavras de Carolina, do grupo 3:

“No geral não está a responder bem a isso [aos seus problemas], porque, lá está, o *coro* da União Europeia está fragilizado, agora ainda por cima, por causa do *Brexit* e isso tudo, acho que não estão a conseguir manter os valores da União Europeia, não estão a conseguir respeitar o que é ser europeu até pela maneira

²⁶ O que os dados dos questionários demonstram relativamente a esta questão é a incerteza – a maioria dos inquiridos respondem que não sabem que futuro se reserva para a União Europeia (jovens portugueses 38% e jovens estrangeiros 40%). Por outro lado, verifica-se também visões pessimistas quanto ao seu futuro: para os estudantes portugueses de Erasmus 22% estão com muito pessimismo, enquanto para 30% estudantes estrangeiros vêem com bastante pessimismo o caminho futuro da União Europeia.

que estão a tratar, por exemplo, os refugiados na Grécia e noutros países também, acho que se está a perder um bocadinho isso e como estamos a atravessar uma crise de... acho de identidade também. Como estamos agora numa crise de valores quase, acho que a União Europeia não está a conseguir manter os valores que tanto respeitava e está a perder a legitimidade nesse sentido porque o povo europeu identifica-se como ser um povo multicultural, um povo solidário e não estamos a respeitar isso.”

Perante este quadro é então necessário perguntar: sentimo-nos membros da União Europeia? O que significa ser cidadão da União Europeia? Fazer parte desta comunidade política é importante para os europeus?

Segundo o último relatório, dedicado à Cidadania Europeia, verifica-se que o sentido de cidadania europeia tem vindo a crescer, mais de dois terços dos europeus sentem que são cidadãos da União Europeia (67%, contra 31%). Por outro lado, a proporção de europeus que se consideram “definitivamente” cidadãos da União Europeia tem também aumentado (27%), enquanto a proporção daqueles que se vêm de uma certa medida cidadãos da UE mantem-se imutável (40%) (*Eurobarómetro* nº 83).²⁷ Por outro lado, nos resultados do questionário orientado para os estudantes Erasmus no âmbito deste estudo, para a grande maioria deles significa alguma coisa ser cidadão europeu (Portugueses 53% e estrangeiros 50%).

Mas que tipo de cidadão europeu? E quão cidadão da União Europeia? Se a mobilização dos estudantes de Erasmus para a União Europeia se faz na fórmula de benefícios e vantagens, a percepção que têm de si enquanto cidadãos dessa comunidade política é negociada na mesma fórmula, somos cidadãos europeus na medida em que ser-se cidadão europeu implica vantagens na mobilidade e possibilidades de trabalhar em qualquer Estado-membro sem mostrar o passaporte. Vejamos alguns exemplos:

²⁷ O sentido de cidadania Europeia é partilhado pela grande maioria dos Estados-membros (ao todo 27). Segundo o relatório *Eurobarómetro* nº 83, o país que apresenta uma maior percentagem de sentido de cidadania europeia é Luxemburgo com 88%, contra 11%. Mas até nesta questão há países que estão divididos, sendo o exemplo mais significativo a Grécia, onde para 50% dos respondentes sentem-se cidadãos europeus e para outros 50% não se sentem. Outros casos são a Bulgária e o Chipre (50% sentem-se europeus contra 49% não). Portugal no que a esta questão diz respeito: 72% dos portugueses sentem-se cidadãos da UE enquanto 27% não. Portugal é um dos países que se encontra acima da média europeia (67%) relativamente aos que se sentem cidadãos europeus.

“For me the thing that is most important is that we can work and we can go anywhere you want without the visa.” [Kenan, G1]

“I’m really happy I don’t have to use it [passport].” [Michele, G1]

Já no excerto transcrito abaixo, incrusta-se um outro dado: para além de verem as vantagens práticas em serem cidadãos europeus, sem contudo isso implicar qualquer sentimento de pertença europeia, encontra-se também a ideia de que muitas das coisas que acontecem na Europa não chega aos cidadãos e é na intervenção de Adrián e Vasia que percebemos que não há um sentimento de Cidadania Europeia uma vez que sentem que há algo que os afecta mas que não sabem o que significa isso ser cidadão europeu:

“Katja – (...) it’s a good thing for me, I have many good things from it but happens by choice so it’s something I’m thankful for because I think I have many things that are easier for European people. But it’s nothing I would be proud about or I would identify myself like a present I received.

Interviewer - Ok. The rest of you, European citizenship...

Rebecca – (...) just for that reason I think that we don’t feel citizens of Europe because we didn’t know anything about parties, the Europe government. Only a small part of Italian people votes in European elections. I remember that and just for that reason I don’t feel a citizen of Europe.

Interviewer - Ok. Would you like to say something about it?

Adrián – Well, it’s a bit the same thing they said and to add something new I feel a European citizen in the way that the stuff that is decided in the parliament affects us. As Katja said before, it’s a nice thing to take your car from Madrid and you can drive to Berlin, and you can do it without borders. It’s a good feeling but I wouldn’t say it’s a citizenship feeling, I don’t know how to explain it. I feel part of it because things affect me but it’s not a belonging feeling. I can’t describe it.

Vasia – I think like it’s not a good or a bad feeling. It depends of the country that you come from in Europe because someone that doesn’t know maybe “You’re European. How do you feel good?” It’s not the same for an Italian or a Spanish or a German or a Swedish. It’s not a feeling that we share, to be Europeans, and I don’t think that we feel that we belong to the European Union. Europe ok, just a continent, but just a continent.” [Grupo 2]

Depois temos aqueles que definitivamente não se sentem cidadãos da União Europeia e consideram que o patriotismo continua a ser superior:

“Moderador – Então ninguém se sente ou se identifica como cidadão europeu?
[longo silêncio]

Carolina – Não, só porque estou na União Europeia, só porque me encontro na Europa não é por isso que me vou...

Moderador – Sim, mas nós partilhamos uma cidadania.

Carolina – sim.

João – Mas imagina eu a falar com alguém da Ásia ou com alguém da Oceânia, *whatever*... Eu não vou dizer que sou da União Europeia eu vou dizer que sou português.

Joana e Carolina – sim.

Carolina – Eu acho que... o nosso patriotismo é superior, acho eu. Não quer dizer isso seja negativo.

João – Eu não acho nada negativo.

Carolina – Eu não acho.” [Grupo 4]

No excerto acima transcrito, expressa-se uma ideia que já alguns estudos comprovam: a ideia de que a componente europeia tem-se manifestado nas identidades das pessoas com menos intensidade em comparação com as identidades nacionais (Kohli, 2000; Risse, 2010). Isto acontece uma vez que o processo de integração das sociedades europeias implica diversas lógicas, dentro e além das identidades colectivas nacionais (Pichler, 2009: 8), induz-se mudanças internas, mas devido à ambivalência e ambiguidade intrínseca ao fenómeno não causa impacto ao nível superior de integração. Já tivemos também a oportunidade de ver isso aquando da análise dos sentidos da Europa para os estudantes de Erasmus: “quando dois indivíduos afirmam sentir-se europeus, para eles podem significar coisas totalmente diferentes, tanto em termos de intensidade do sentimento que eles descrevem como da imagem de comunidade política a que eles se referem” (Bruter, 2003: 1154).

Segundo os dados recolhidos através do questionário realizado no âmbito do presente estudo, verifica-se essa tendência: 85% dos estudantes portugueses que responderam a esta questão vêm-se primeiro como nacionais do seu país e só depois europeu, contra 7% que se sentem primeiro europeus e depois nacionais do seu país. Há ainda uma percentagem muito reduzida de 4% que consideram-se apenas europeus. Nos questionários aos estudantes Erasmus estrangeiros os

resultados não mudam: 80% vêem-se primeiro como nacional do seu país e só depois europeu, enquanto cerca de 10% se sente europeu e depois nacional do seu país.²⁸

Qual tem sido o papel das instituições da União Europeia na construção desta comunidade política? Pelas entrevistas realizadas junto dos estudantes de Erasmus, há uma ideia que se torna muito evidente e que expressa bem os sentidos que temos vindo a discutir: as instituições europeias não estão a labutar o suficiente para fazer os europeus sentir-se mais próximos da União Europeia. Parece-me que o sentimento é geral e se laconiza nas palavras da jovem estudante grega que, na altura da entrevista, estava a estudar ao abrigo do programa Erasmus em Portugal:

“I think that being European is not like being part of Europe, but you just stay back, you can’t do things so you just watch things going. But you’re kind a part of the history, you can say: “I was born there”, but you didn’t fight for anything, you weren’t involved in anything, you didn’t vote.” [Vasia, G2]

3. Modalidades de identificação: o que os europeus querem ser

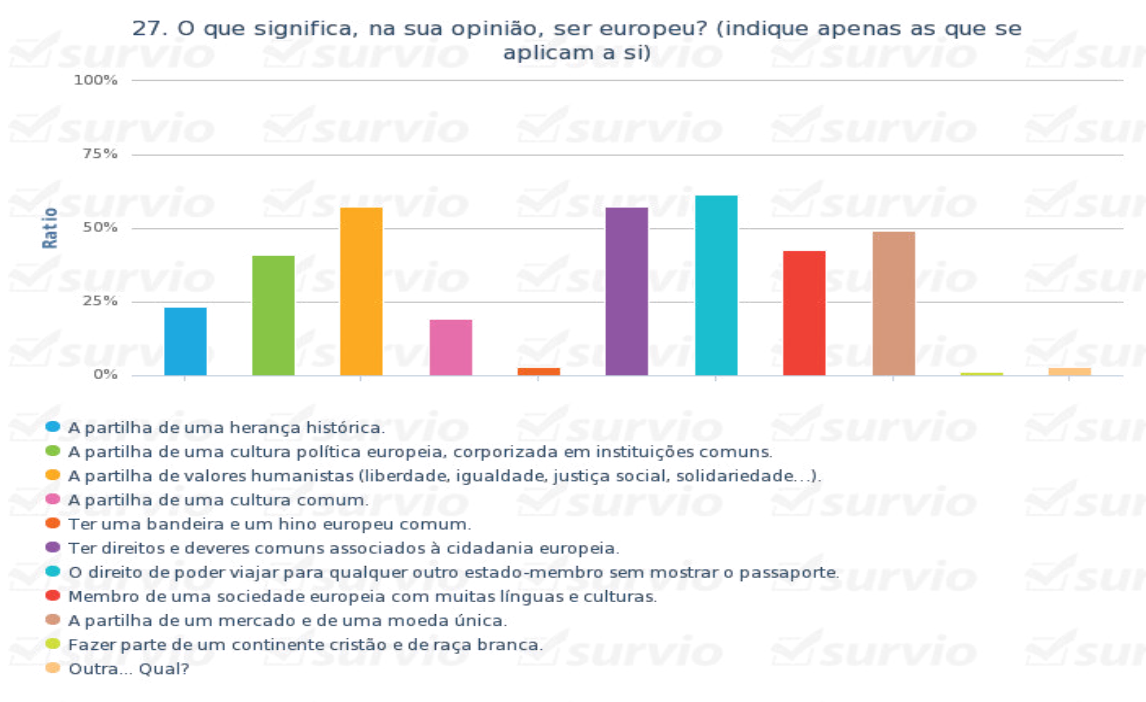
Depois de tudo o que temos vindo a discutir até aqui, afinal, o que é e o significa ser europeu? Faz sentido ou é válido discutir-se o que é ser europeu? É possível perguntar o que é ser europeu? Será que os europeus reconhecem algumas especificidades que os unem? O que os povos europeus mais partilham entre si? Para os que se se sentem europeus, então, que europeus gostariam de ser? Para reduzir um pouco a complexidade das questões, há uma pergunta que pode ser feita: Que dimensões enformam a representação que os estudantes de Erasmus têm de si enquanto europeus?

Segundo os dados recolhidos através do inquérito por questionário, as respostas não fogem muito ao que já foi explanado até aqui. Como podemos observar no gráfico 5, para 62% dos estudantes portugueses de Erasmus que

²⁸ De acordo com o último relatório da comissão europeia (*Eurobarómetro 83*) o sentido de pertença segue a tendência: a grande maioria dos europeus define-se primeiro como nacional do seu país e só depois europeu (52%) e logo a seguir 38% vêem-se como somente como nacional do seu país, em contraste com 6% que atribuem uma importância menor à sua nacionalidade a favor do seu europeísmo. Por outro lado com uma percentagem residual de 2% vêem-se somente como europeus.

responderam ao questionário, ser europeu representa o usufruir de um direito para poder viajar, trabalhar e estudar em qualquer país da UE²⁹; já para os estudantes estrangeiros (80%) consideraram que ser europeu é ser membro de uma sociedade multi-linguística e multicultural, como podemos constatar no gráfico 6.

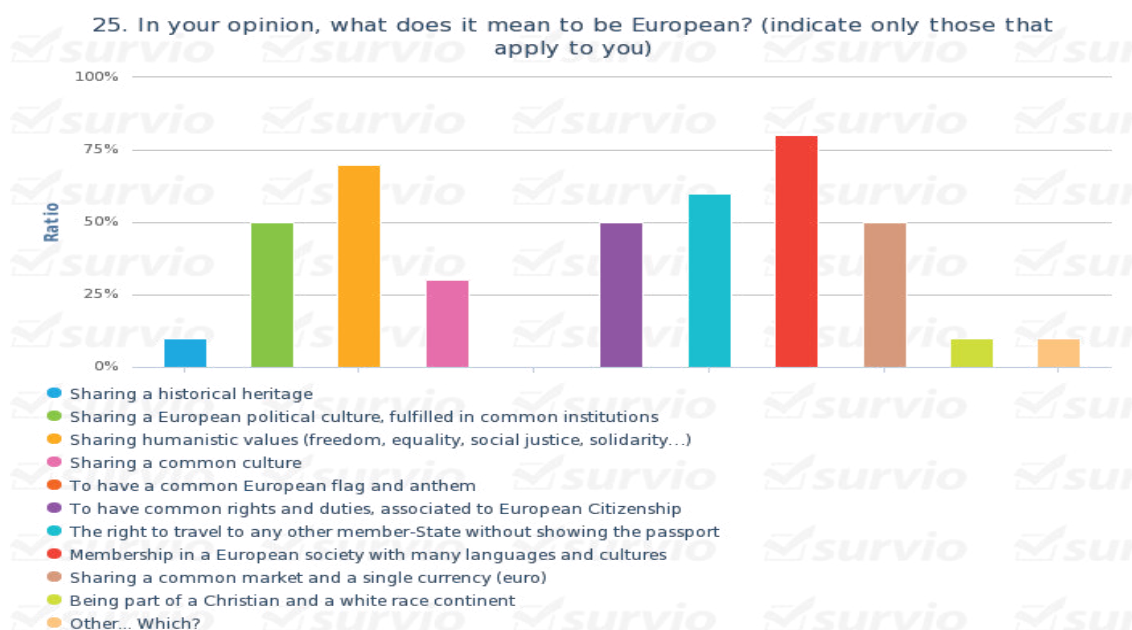
Gráfico 5



Fonte: Elaboração própria a partir da plataforma survio

²⁹ Na questão referente à Cidadania Europeia no questionário realizado, os estudantes (portugueses e estrangeiros) foram respondendo acertadamente mostrando algum conhecimento sobre os seus direitos e deveres, mas a maioria das respostas são marcadas por esta ideia de liberdade de circulação. Em menor número, há quem refira, no entanto, a “Segurança”; o “Respeito e igualdade”; o “Direito a serviços públicos, como saúde e educação, em qualquer Estado-membro”; a “Tolerância pelas diferenças” e a “Justiça”.

Gráfico 6



Fonte: Elaboração própria a partir da plataforma Survio

Por outro lado, nas entrevistas de grupo de foco, apesar de alguns dos estudantes entrevistados não se sentirem europeus, não reclamando essa categoria identitária para si, porque “fez-me sentir mais cidadão do mundo do que cidadão da União Europeia” [João, G4]; há, no entanto, aqueles que se sentem europeus e reconhecem o europeu solidário e justo que não aceita a discriminação, o europeu livre com liberdade de pensamento e de expressão política e por fim o europeu que abraça o multiculturalismo, que aceita as diferenças e sente-se como parte dessas diferenças. Isto também se verifica nos gráficos acima, em que há uma percentagem de 58% estudantes Erasmus portugueses que responderam “a partilha de valores humanistas” como um modo de ser europeu. Vejamos agora alguns excertos retirados das entrevistas:

“(…) I’m meaning cultural things like there’s a European culture, a way of thinking and there is other millions of way of thinking. But there’s one European which is the majority, which is being more open-minded, being open for discussions, being open for talks. For example, we are talking now here of politics or stuff how will Europe be, and... (..) // It’s harder in Turkey to talk

about this than here, of course. So, when I'm thinking the mentality I'm meaning this." [Kenan, G1]

"One of the things that really makes me proud, that makes me feel European, is the idea of justice that there is in Europe. For what I know, I've never travelled outside of Europe so, I've never tried the other way of living the politics but... we are the fathers of the world, *mais ou menos*. So, this is one of the things that is... the most justice thing that the Human being could think, you know? It's not only freedom, because freedom is America, I don't care about this. I care about justice before." [Michele, G1]

"Com o Erasmus, eu agora posso dizer que eu tenho família em toda a parte da Europa, que é um bocado também como ser europeu, é como se tivesse um bocado da Europa dentro de ti, de vários cantos da Europa, por exemplo eu agora posso ir à Grécia e pensar: 'Eu sou grega', posso ir à Holanda e pensar: 'Que sou da Holanda' é tudo graças ao facto de ter ido de Erasmus e ter conhecido estas nacionalidades." [Catarina, G3]

"É sentires-te em casa em qualquer país, é conseguir estabelecer uma ligação com toda a gente, é tu ires a um sítio e deixares um bocadinho da tua identidade e lebares um bocadinho de identidade de outra pessoa; é uma partilha, é ser solidário é, é PARTILHA!" [Carolina, G3]

Falta explorar agora a dimensão mais importante deste trabalho, se a experiência de intercâmbio Erasmus fez os estudantes sentirem-se mais europeus. De acordo com as respostas ao questionário divulgado junto dos jovens Erasmus, verifica-se que para os portugueses que estiveram a estudar fora em universidades europeias essa experiência de mobilidade foi positiva (38% percebeu que partilhavam algumas ideias e modos de vida; 30% constataram que não eram tão diferentes uns dos outros e, em contraste, só uma percentagem mínima de 7% achou que foi uma experiência que os fez sentirem-se mais patriotas e 3% concluem que "somos culturalmente muito diferentes"). Para os estrangeiros que responderam a esta questão no questionário administrado também foi positiva esta experiência para se sentirem mais europeus, 6 estudantes consideram que partilham alguma coisa com outros europeus que podem ser ideias e /ou modos de vida; houve só uma pessoa que achou que esta experiência a fez sentir-se mais patriota do que europeia. Nas reuniões de grupo de foco realizadas também encontramos esta ambivalência

assente nas mesmas categorias. Começamos por aqueles que se sentiram mais europeus durante e depois do seu trajecto Erasmus:

“Yes, for me is... We have same thinking” [Kenan, G1]

“For me absolutely. For me is the first time I live abroad so it’s completely crazy and I’m really starting to feel like European. I can do it everywhere! I don’t care about come on is like... I really feel that my new country is Europe. Maybe I have to speak better English but I can learn, I have the possibility to do it, just going abroad. Yeah, I really think that I’m starting to and I’m really happy, really glad about that because it’s not a waste of time, so.” [Michele, G1]

“Sim, porque geralmente as pessoas com quem nós lidamos são pessoas mais ou menos com a mesma perspectiva que tu; muda em poucas coisas. // Erasmus abriu muitas portas, (...) foi muito bom para tu conheceres pessoas e criares ligações, (...) depois te sentires como uma família é mesmo isso, nós (...) escrevemos numa parede do dormitório: “We are just one big family” e as pessoas depois todas assinaram.” [Carolina, G3]

Por outro lado, há dois casos cujas experiências Erasmus não as fizeram sentir-se mais europeias, mas sim mais patriotas, devido ao sentimento de saudade de uma memória cultural e gastronómica, como por exemplo sentirem necessidade de falarem a língua materna e por sentirem falta da comida:

“Jessica – (...) and now, here, I realize I’m not European I’m quite German but I just miss to speak German sometimes, I miss to hear German on the street, I realized how much I like German music, what I never thought about it. Maybe I just realized more that I’m German because I’ve never felt German before.

Ursula – For me it’s a lot of similar things and also the language, even if we speak English and even if we can joke in English, for example, when my Polish friend visited me a few weeks ago I could speak Polish slang so I felt like ‘*I feel myself... [imperceptível]... I just can speak slang.*’ It was nice to feel it and then I was thinking I quite missing that and also some products, some normal food, I really miss it.” [Grupo 1]

Depois os que não se sentiram mais europeus porque acharam que somos culturalmente muito diferentes. Disto dá conta o seguinte diálogo que transcrevo:

“João – (...) somos todos europeus mas no fundo somos muito, muito diferentes. Em Erasmus nota-se totalmente isso, a lidar com pessoal do norte, pessoal do centro e pessoal do sul...

Carolina – Sim.

João – ...são pessoas totalmente diferentes.

Pedro – Pessoalmente os “Nortenhos” que são muito fechados.

Joana – Há uma grande diversidade cultural.

Carolina – Também senti isso, por acaso.” [Grupo 4]

Por fim, há o caso da italiana Rebecca, do grupo 2, cuja experiência Erasmus que estava a ter em Braga, na altura da entrevista, não estava a fazê-la sentir-se mais europeia por isso. Contudo, não deixou de afirmar que se sentiria mais europeia se a Europa procurasse instigar mais a igualdade entre os europeus e a solidariedade:

“I would like to have equity in Europe because, for example, about refugees, in Italy we have a problem because we are the first country that they meet when they arrive sometimes. So, I think if we have more equity in organization it could be useful. I say refugees only for an example but I think that if we can help each other it would be useful. Now, I don't know. Sometimes they change, they hide, they close the borders. So, borders are built again. I don't think that Europe one time in the future will be broken, I don't think, but I really hope that something can be changed, more equity inside, between us, between our country because now it's obvious that there is a pyramid and we can't decide in an equity way, I think. So, maybe one day I can feel myself a European citizen.” [Rebecca, G2].

Apesar de serem apresentadas acima algumas dimensões tão importantes de *um modo de ser europeu*, não é indicativo de que sejam as escolhas primordiais, pois, o que prevaleceu mais ao longo das entrevistas foi a questão dos benefícios. E é esta a ideia de Europa mais percebida pelos estudantes de Erasmus. Chegamos também à conclusão, no capítulo anterior, que a escolha para seguir em Erasmus era justificada por essa ideia de facilidade em cruzar fronteiras e conhecer outras culturas, e é essa a ideia de Europa que mais se observa nos discursos da maioria, mais do que a partilha de uma cultura e a construção de um sonho de paz e prosperidade para o continente. Por outras palavras, o que leva os estudantes Erasmus a querer *ser Europa* são as vantagens materiais e práticas de se estar numa Europa unida, uma espécie de “europeísmo interessado”, onde os estudantes de

Erasmus querem ser Europa na exacta medida em que ela traz benefícios e facilidades que acoitam os seus desejos. Isto é, a Europa como emblema de vantagens e possibilidades de se poder viajar e trabalhar a uma escala europeia, esta é a ideia que mais ressalta nos discursos, mais do que a ideia de ascensão de um continente a um projecto histórico de solidariedade política e coesão social.

PARA NÃO CONCLUIR



Construir a Europa como horizonte histórico

Quando algo termina, surge sempre um silêncio estranho. (...) Esse era o fio do seu pensamento.

Sándor Márai, *Gaivota*

Quando todos pensam que é o fim, nós temos de começar.
Konrad Adenauer, *Ex-chanceler da Rep. Fed. da Alemanha e um dos pais fundadores da União Europeia*

O ser passado do passado não será tanto mais profundo, tanto mais lendário, quanto mais imediatamente ceder perante o presente?

Thomas Mann, *A Montanha Mágica*

Quem controla o passado dirige o futuro.
Quem dirige o futuro conquista o passado.

George Orwell, *1984*

O silêncio a que o autor alude na epígrafe relaciona-se com um momento de reflexão. É esse silêncio que quero expor aqui. No final do caminho, há sempre um começo que precisa de ser explicado. Quando me propus a estudar a identidade europeia, sabia que a Europa já não era para mim apenas um lugar, mas um objecto que me oferecia um conflito de paixões que foi-se adensando à medida que seguia nas veredas do conhecimento. Escolhi a Europa como objecto de pensamento, porque de algum modo senti curiosidade de saber o que ele tinha a dizer-me, e daí, dá-se a magia da investigação – os objectos falam-nos. O meu intuito foi sobretudo procurar compreender como os jovens que estiveram ao abrigo do programa intercâmbio Erasmus percebem a identidade europeia.

Para isso, foi preciso explorar antes de tudo como foi a experiência da Europa unida para esses estudantes. Ao analisar a experiência de mobilidade dos estudantes Erasmus, na tentativa de perceber como se dá o processo de socialização no encaço

de uma *aventura* deste tipo, deparamo-nos com a ambivalência em que está envolta. A integração na nova sociedade e instituição de ensino faz-se em níveis e estágios diferentes consoante os países onde os estudantes estiveram, podendo haver alguns casos em que ocorreu um esforço redobrado na adaptação às novas regras e práticas, porque nem sempre os alunos Erasmus têm algum tipo de orientação. O que as entrevistas aventam é que o Erasmus é um programa que ainda apresenta algumas deficiências. Algumas universidades europeias não são tão organizadas a receber alunos Erasmus e há casos de estudantes que sentem dificuldades na compreensão ou no acompanhamento das matérias leccionadas, porque as aulas geralmente não são dadas em inglês e, por outro lado, há a falta de auxílio em questões ligadas ao plano de estudos. Em matéria de adaptação à cultura local, os estudantes Erasmus entrevistados acharam relativamente fácil, podendo mesmo assim haver casos de estudantes estrangeiros que revelam um não entendimento de certas práticas tradicionais dos países onde estão em mobilidade e, como no caso de um estudante que tinha maior envolvimento com estudantes locais, pode ser que acabe por haver um acto de segregação involuntário entre os dois grupos, porque nem sempre é fácil adaptar-se às regras do outro grupo.

Os estudantes de Erasmus geralmente relacionam-se mais com estudantes internacionais, podendo haver casos excepcionais de “nodal persons” (Van Mol & Michielsen, 2014: 16), onde há lugar para se estabelecer naturalmente relações entre grupos relativamente segregados. Mas, no geral, os contactos entre estudantes locais e estrangeiros permanecem muito limitados tanto dentro como fora da sala de aula, podendo a língua constituir um obstáculo para gerar contactos mais frequentes; na maioria das vezes esses contactos entre estudantes e pessoas locais são efémeros, acidentais e superficiais. É no contacto, todavia, com estudantes da comunidade Erasmus ou estudantes internacionais que a interacção se torna bastante mais facilitada e frequente, sentindo-se por isso mais integrados e com um *sentimento de casa* pelas redes de amizades que se geram, assim como, num período inicial, o grupo Erasmus Students Network pode servir como um proveitoso meio para estabelecer as primeiras relações e para orientar os estudantes estrangeiros dentro da universidade.

O que me interessou neste trabalho foi compreender como a dimensão europeia se aloca nas identidades de um conjunto de estudantes que passaram por experiência de intercâmbio Erasmus. Por isso, foi necessário ir em busca da Europa que existe, ou não, no *habitus* dos estudantes que estavam ou estiveram em mobilidade Erasmus. Uma das conclusões que é possível tirar é de que a percepção que os estudantes de Erasmus têm da ideia de Europa é negociada na fórmula ‘vantagens e benefícios’. Isto é, os sentidos identitários que mais se produziram foram no sentido de *somos mais europeus porque ser Europa traz vantagens* – não precisamos de passaporte e é fácil viajar e conhecer outras culturas. Por outro lado, as representações que os estudantes de Erasmus têm da União Europeia revelaram-se muito afastadas do projecto de construção de paz e da solidariedade política e a imagem de Europa que mais surgiu nos dados empíricos deste estudo foi a Europa económica e a Europa como metáfora de facilidade em se moverem no espaço da União Europeia. Por isso, o eco primordial do processo de europeização é para os estudantes de Erasmus o das vantagens e dos benefícios associados a se estar numa Europa unida, vantagens essas que eles próprios reconhecem que beneficiam, como o programa Erasmus e o espaço Schengen. Com isto quer-se dizer que o significado que é dado ao processo de europeização por parte dos estudantes de Erasmus entrevistados atém-se em ganhos que acoitam de algum modo os seus desejos, como o simples facto de poderem viajar, trabalhar e estudar a uma outra escala. Até os motivos que levam os estudantes a partir em Erasmus são elucidativos para percebermos o porquê de quererem *ser Europa*, uma vez que as suas decisões em partir em Erasmus divisam-se largamente no pretexto de conhecer outras culturas e no desenvolvimento pessoal, sendo que o que prevalece é uma vontade de auto-afirmação, auto-superação e auto-conhecimento. Os estudantes de Erasmus querem a Europa unida, porque torna mais fácil conhecer e estar com outras culturas.

Digo por isso que estamos perante uma *identidade europeia superficial*, na medida em que a percepção que os estudantes de Erasmus têm da mesma manifesta-se de forma escassa. Por outras palavras, o programa Erasmus tem um impacto positivo na forma como os estudantes percebem a Europa, embora apenas

manifeste um modesto efeito sobre a identidade europeia (Sigalas, 2010; Wilson, 2011), ou seja, sobre o sentimento de pertença. Vimos também que para a maioria dos estudantes entrevistados, apesar de verem vantagens práticas em serem cidadãos europeus, todavia, isso não implicava qualquer sentimento de pertença europeia ou de Cidadania Europeia. Neste sentido, para os estudantes que vivem a experiência de mobilidade Erasmus, usufruir dos benefícios da construção europeia não implica contudo a adesão a um ideal do projecto europeu, porque na verdade o que se observa nos seus discursos acerca da questão europeia são raciocínios pragmáticos, utilitários e instrumentais, mais do que um ideal de Europa projectada como programa histórico, cultural e político futuro.

A conclusão mais geral que é possível retirar com este trabalho é o profundo desconhecimento que ainda existe acerca da ideia de Europa unida entre os europeus. E isso percebeu-se nas reuniões de grupo de foco com os estudantes de Erasmus, uma quase ausência de capacidade para se reflectir sobre questões europeias e onde pairam ainda muitas dúvidas. Vimos como os símbolos europeus ainda não despertam para a generalidade dos jovens Erasmus qualquer identificação emocional, e são percebidos como um assunto de perda dos símbolos nacionais, e como para alguns o patriotismo continua a estar muito presente, passando *o europeísmo* nas identidades dos estudantes Erasmus a manifestar-se em identificações superficiais e utilitárias.

A Europa continua a ser uma matéria de águas agitadas onde os europeus apenas vêem a superfície e não o fundo de um real projecto para o continente europeu. Para onde vai a Europa? Que Europa procuramos ou queremos ser? Que Europa estamos a construir para o futuro? Onde está ou qual é a verdade de uma identidade europeia? Para citar Thomas Nagel: “Que tal é a vista a partir de nenhures?” O que este trabalho mostrou, através das entrevistas e inquérito realizados, é que ainda há muitas dúvidas, cepticismos e incertezas relativamente ao futuro do projecto europeu; constatamos pelas entrevistas e questionários que a ideia primordial do processo de unificação europeu não está muito presente nos quadros de pensamento dos jovens Erasmus. Estou certo que para se resgatar o “lugar” de uma identidade europeia é imperativo procurar que sentidos da Europa

emergem nos *loci* da história – ir ao passado para se resgatar um futuro³⁰. Na falta de respostas, “o passado pode realmente ajudar-nos a compreender é a complexidade perene das perguntas” (Judt, 2014: 33), conferindo “à actualidade de ontem aquele recuo no espaço que é quase o equivalente do afastamento no tempo” (Youcenar, 2013: 24), no mesmo sentido que Mark Mazower (2014: 452) diz que, “para compreender onde estamos hoje é, portanto, necessário ver não só como o presente se assemelha ao passado mas também como difere dele. Por vezes, é mais fácil sonhar os velhos sonhos – mesmo que sejam pesadelos – do que despertar para realidades pouco familiares”. De acordo com Hannah Arendt (2007: 160), ignorarmos as experiências políticas do século XX, “equivale a não vivermos no mundo em que de facto vivemos” e, por isso, o voltar ao passado pode ser visto como um princípio de acção política e fazer da Europa uma dessas *locomotivas da história* de que nos falava Karl Marx.

A sensação de insegurança e desconfiança, as inquietações e medos, a perda de liberdades civis e a desordem moral que se vivem na Europa do presente são as mesmas preocupações que os europeus sentiam no século passado e que Stefan Zweig (2005) relatou, com uma urgência pessoal e ímpeto crítico, no seu livro “O Mundo de Ontem”. Contudo, na viragem do século, Tony Judt (2015: 287) apercebe-se que,

Após 1989, com muita confiança e pouca reflexão pusemos o século XX para trás das costas e avançámos com audácia para o seu sucessor, envoltos em meias-verdades de conveniência: o triunfo do Ocidente, o fim da História, o momento unipolar americano, a marcha inexorável da globalização e do mercado livre. (...) com a insistência perversa (...) em não compreender o contexto dos nossos dilemas presentes, em procurar esquecer em vez de recordar, em negar a continuidade e proclamar a novidade em todas as ocasiões possíveis. Insistimos em clamar que o passado tem pouco de interesse para nos ensinar. Dizemos que o nosso mundo é um novo mundo, com riscos e oportunidades sem precedentes.

³⁰ Diz Hans-Georg Gadamer (s/d: 30): “só pode perguntar-se o que será a Europa no futuro, mais ainda, o que é a Europa actualmente, na medida em que se pergunta como a Europa se transformou naquilo que é hoje.”

No pós-Guerra, a Europa reconstruiu-se de facto como uma cidade feliz, quando por cima de um cemitério ergueu um edifício sob égide humanista, e através de um discurso glorificador vingou um projecto de cooperação política, de confiança, de liberdade, de solidariedade e paz. Todavia, o estado actual da Europa, novamente entregue aos seus medos e inquietações, inquinada por ressentimentos históricos e novas ilusões (Mazower, 2014), por ameaças constantes à segurança e pela desconfiança não coaduna com a ambicionada unidade europeia. O verdadeiro significado da unidade europeia, se não de destino, é elevar um continente a um ideal de confraternização entre nações e povos de matriz cultural diversa, mediante um respeito mútuo e por uma democracia vivida na partilha de soberania e em liberdade.

A Europa hoje está a precisar cada vez mais de um desafio que a transforme, de natureza “espiritual e intelectual” como proclamou George Steiner, numa altura em que ela própria se sente incapaz de cumprir o seu legado, onde o medo³¹ e a desconfiança no futuro fragmentam de novo o continente, reduzindo as liberdades civis e políticas tão importantes para a criação de mundos – inclusivos e justos – em virtude duma exacerbada implementação de meios burocráticos, no uso excessivo de poder racional tecnocrático, invés do democrático. A *Nau*-Europa pode ainda estar numa brumosa envoltura quanto ao seu futuro cosmopolita, mas é também verdade que no final das crónicas do tempo haverá sempre um *habitat* histórico. Um lugar, construído pelas vontades dos homens que pugnam por convicções, gizam estratégias e mobilizam recursos num movimento de concretização de mundos políticos. É esse o sentido da política. Dar aos homens a liberdade para criarem as suas moradas de existência (Arendt, 2007). Como já afirmava, noutra época, Victor Hugo: “nada pode parar uma ideia cujo tempo chegou”, e se “o cais é a urgência, o embarque é agora” como escreveu Natália Correia.

³¹ “O medo está a ressurgir como ingrediente activo na vida política das democracias ocidentais. Medo do terrorismo, decerto; mas também, e talvez de forma mais insidiosa, medo da rapidez incontrolável da mudança, medo da perda de emprego, medo de perder terreno para os outros numa distribuição de recursos cada vez mais desigual, medo de perder o controlo das circunstâncias e rotinas da vida quotidiana. E talvez, acima de tudo, medo de que não sejamos só nós que já não conseguimos moldar as nossas vidas, mas que também as autoridades tenham perdido o controlo, para forças fora do seu alcance.” (Judt, 2014: 31)

Referências bibliográficas

- ANDERSON, Benedict (2005). *Comunidades Imaginárias: Reflexões sobre a origem e a Expansão do Nacionalismo*, Lisboa: Edições 70.
- APPADURAI, Arjun (1996). *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization*, USA: University of Minnesota Press.
- ARENDT, Hannah (2007). *A Promessa da Política*, Lisboa: Relógio d'água.
- ARENDT, Hannah (2006). *Entre o passado e o Futuro: oito exercícios de pensamento político*, Lisboa: Relógio d'água.
- ARMBRUSTER, Heidi; ROLLO, Craig & MEINHOF, Ulrike H. (2003). "Imagining Europe: everyday narratives in European border communities", *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 29 (5): 885-899.
- BAGNOLI, Anna (2009). "On 'an introspective journey': identities and travel in young people's lives", *European Societies*, 11 (3): 325-345.
- BAUMAN, Zygmunt (2013). "O que é 'central' na Europa central?", *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 1 (1): 50-66.
- BAUMAN, Zygmunt (2004). *Liquid Modernity*, Cambridge: Polity Press.
- BECK, Ulrich (2017). *A metamorfose do mundo: como as alterações climáticas estão a transformar a sociedade*, Lisboa: Edições 70.
- BECK, Ulrich (1992). *Risk Society: Towards a new modernity*, London: SAGE.
- BILLIG, Michael (1995) *Banal Nationalism*, Londres: SAGE.
- BLOOR, Micheal; FRANKLAND, Jane; THOMAS, Michelle & ROBSON, Kate (2001). *Focus Groups in Social Research*, London: SAGE.
- BOURDIEU, Pierre (2002). *Esboço de uma teoria da prática*, Oeiras: Celta Editores.
- BRANNEN, Julia (1995) (ed.). *Mixing Methods: Qualitative and Quantitative Research*, Aldershop: Avebury.

BRUBAKER, R. & COOPER, F. (2000). "Beyond Identity", *Theory and Society*, 29(1): 1-47.

BRUTER, Michael (2004). "On what Citizens Mean by Felling 'European': Perceptions of news, Symbols and Borderless-ness", *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 30 (1): 21-39.

BRUTER, Michael (2003). "Winning hearts and Mind for Europe: the Impact of news and symbols on Civic and Cultural European identity", *Comparative Political studies*, 36: 1148-1179.

BRYMAN, Alan (1995). "Quantitative and Qualitative research: further reflections on their integration" in Julia Brannen (1995) (ed.). *Mixing Methods: Qualitative and Quantitative Research*, Aldershop: Avebury, pp. 57-78.

DELANTY, Gerard (2011). "Cultural Diversity, Democracy and the Prospects of Cosmopolitanism: a Theory of Cultural Encounters", *The British Journal of Sociology*, 62 (4): 633-656.

DELANTY, Gerard (2006). "The Cosmopolitan Imagination: Critical Cosmopolitanism and Social Theory", *The British Journal of Sociology*, 57 (1): 25-47.

DELANTY, Gerard (2003). "Citizenship as a Learning Process: Disciplinary Citizenship versus Cultural Citizenship", *International Journal of Lifelong Education*, 22 (6): 597-605.

DELANTY, Gerard (2002). "Models of European Identity: Reconciling universalism and particularism", *Perspectives on European Politics and Society*, 3 (3): 345-359.

DELANTY, Gerard (2000). "Social Integration and Europeanization: the myth of cultural cohesion", *Yearbook of European Studies*, 14: 221-238.

DIECKHOFF, Alain (2001). *A Nação em Todos os seus Estados. As Identidades Nacionais em Movimento*, Lisboa: Instituto Piaget.

EASTHOPE, Hazel (2009). "Fixed Identities in a Mobile World? The Relationship between Mobility, Place, and Identity", *Identities*, 16 (1): 61-82

EDER, Klaus (2009). "A Theory of Collective Identity Making Sense of the Debate on a 'European Identity'", *European Journal of Social Theory*, 12 (4): 427-447.

EDER, Klaus (2006). "Europe's Borders: The Narrative Construction of the Boundaries of Europe", *European Journal of Social Theory*, 9 (2): 255-271.

EDER, Klaus & GIESEN, Bernd (2001). "Citizenship and Making of a European Society: from the Political to the Social Integration of Europe" in Klaus Eder & Bernd Giesen (eds.) *European Citizenship: National Legacies and Postnational projects*, Oxford: Oxford University Press, pp. 245-69.

EDER, Klaus & SPHON, Wilfried (2005). *Collective Memory and European Identity: The effects of Integration and Enlargement*, Hants: Ashgate.

ELIAS, Norbert (2002). *Teoria simbólica*, Oeiras: Celta Editora.

FERNÁNDEZ, Oscar (2005). "Towards European Citizenship through Higher Education?", *European Journal of Education*, 40 (1): 59-68.

GADAMER, Hans-Georg (s/d). *Herança e Futuro da Europa*, Lisboa: Edições 70.

HALL, Stuart (1996). "Introduction: Who needs identity?" in Stuart Hall & Paul du Gay, *Questions of Cultural Identity*, London: SAGE.

HORGAN, Mervyn (2012). "Strangers and Strangership", *Journal of Intercultural Studies*, 33 (6): 607-622.

IERACITANO, Francesca (2014). "New European Citizens? The Erasmus generation between awareness and skepticism", *European Journal of research on Social Studies*, 1 (1): 16-21.

JACOBONE, Vittoria & MORO, Giuseppe (2015). "Evaluating the Impact of the Erasmus Programme: Skills and European Identity", *Assessment and Evaluation in Higher Education*, 40 (2): 309-328.

JENKINS, Richard (2008). "The ambiguity of Europe", *European Societies*, 10 (2): 153-176.

JUDT, Tony (2015). *Quando os factos mudam: Ensaio 1995-2010*, Lisboa: Edições 70.

JUDT, Tony (2014). *Século XX esquecido: lugares e memórias*, Lisboa: Edições 70.

JUDT, Tony (2013). *Uma grande Ilusão? Um ensaio sobre a Europa*, Lisboa: Edições 70.

KAUPPI, Niilo (2003). "Bourdieu's political sociology and the politics of European integration", *Theory and Society*, 22: 775-789.

KIMMEL, Karen & VOLET, Simone (2012). "Understanding motivation, engagement and experiences of intercultural interactions at university: a person-

in-multiples contexts perspective”, *European Journal of Psychology of Education*, 27 (2): 227-245.

KOHLI, Martin (2000). “The Battlegrounds of European Identity”, *European societies*, 2 (2): 113-137.

KRUEGER, Richard A. (1994). *Focus Group: A practical guide for applied research*, California: SAGE.

LÄHDESMÄKI, Tuuli (2012). “Rhetoric of unity and cultural diversity in the making of European cultural identity”, *International Journal of Cultural Policy*, 18 (1): 59-75.

LEASJAK, Miha; JUVAN, Emil; INESON, Elizabeth M.; YAP, Matthew H. T.; AXELSSON, Eva P. (2015). “Erasmus Student motivation: Why and where to go?” *Higher Education*, 70: 845-865.

LOPES, João Teixeira (2012). “Da Especificidade da Sociologia na Transformação do Mundo”, In Maria José Casanova, Ana Benavente, Fernando Diogo, Carlos Estevão e João Teixeira Lopes (Orgs.) *Cientistas Sociais e Responsabilidade Social no Mundo Actual*, V. N. Famalicão: Húmus, pp. 25-34

MALMBORG, Mikael & STRATH, Bo (2002). “Introduction: the national meanings of Europe” in Mikael af Malmberg & Bo strath (eds.) *The Meaning of Europe. Variety and Contention within and among Nations*, Oxford: Berg.

MAZOWER, Mark (2014). *O Continente das Trevas*, Lisboa: Edições 70.

MISZTAL, Barbara A. (2010). “Collective Memory in a Global Age: Learning How and What to Remember”, *Current Sociology*, 58(1): 24-44.

MITCHELL, Kristine (2012). “Student mobility and European Identity: Erasmus Study as a civic Experience?” *Journal of Contemporary European Research*, 8 (4): 490-518.

MITCHELL, Kristine (2014). “Rethinking the ‘Erasmus effect’ on European identity”, *Journal of Common Market Studies*, 53 (2): 330-348.

MUNDAY, Jennie (2006). “Identity in Focus: The use of focus group to study the construction of collective identity”, *Sociologie*, 40 (1): 89-105.

MURPHY-LEJEUNE, Elizabeth (2002). *Students Mobility and Narrative in Europe: The New Strangers*, London: Routledge. [online] disponível em: <http://www.google.pt/books?hl=ptPT&lr=&id=TiBh2tUPCUcC&oi=fnd&pg=PR3&dq=student+mobility+and+narrative+in+europe+the+new+strangers&ots=inORZ>

[UIID2&sig=wLiCRwaohgRJ2PTU8rb6EKXHL6E&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false](#) [2015-03-02]

NOVERSA, Daniel (2014). “A identidade Europeia em Portugal: a percepção dos estudantes de Erasmus”, *Relatório de investigação final de Licenciatura*, Universidade do Minho, Braga: Portugal.

PAPATSIBA, Vassiliki (2005). “Students Mobility in Europe: an academic, cultural and mental Journal? Some Conceptual Reflections and empirical findings”, *International perspectives on higher education research*, 3: 29-65.

PAPATSIBA, Vassilika (2006). “Making Higher Education more European Through Student Mobility? Revisiting EU initiatives in context of the Bologna Process”, *Comparative Education*, 42 (1): 93-111.

PICHLER, Florian (2009). “Cosmopolitan Europe”, *European Societies*, 11(1): 3-24.

PINEDA, Pilar; MORENO, Victoria & BELVIS, Esther (2008). “The mobility of university students in Europe and Spain”, *European Educational Research Journal* 7(3): 273-288.

POLLAMNN, Andreas (2009). “Formal education and intercultural capital: Toward attachment beyond narrow ethno-national boundaries?” *Educational Studies*, 35 (5): 537-545.

PRAZERES, Laura (2013). “International and intra-national student mobility: Trends, motivations and identity”, *Geography Compass*, 7(11): 804-820.

TAVARES, Gonçalo M. (2012). *Breves Notas sobre Ciência*, Lisboa: Relógio d'água.

RIBEIRO, Rita (2013). “Narratives of Redemption: Memory and Identity in Europe”, In Rosa Cabecinhas & Lilia Abadia (eds.) *Narratives and social memory: theoretical and methodological approaches*, Ebook: CECS/Universidade do Minho, pp. 221-231.

RIBEIRO, Rita (2011). *A Europa na Identidade Nacional*, Porto: Edições Afrontamento.

RISSE, Thomas (2010). *A Community of Europeans? Transnational Identities and Public Spheres*, New York: Cornell University Press.

RUMFORD, Chris (2006). “Introduction: Theorizing Borders”, *European Journal of Social Theory*, 9 (2): 155-169.

RUMFORD, Chris (2003). "European Civil Society or Transnational social Space? Conceptions of society in discourses of EU, Citizenship, Governance and the democratic deficit: an Emerging agenda", *European Journal of Social Theory*, 6 (1): 25-43.

SASSATELLI, Monica (2002). "Imagined Europe: The Shaping of the European Cultural Identity Through EU Cultural Policy", *European Journal of Social Theory*, 5 (4): 435-451.

SASSATELLI, Monica (2009). *Becoming Europeans: Cultural Identity and cultural Policies*, Basingstoke: Palgrave Macmillan.

SCHNAPPER, Dominique (2000). *A Compreensão sociológica*, Lisboa: Gradiva.

SIGALAS, Emmanuel (2010a). "Cross-Border mobility and European identity: the effectiveness of intergroup contact during the Erasmus year aboard", *European Union Politics*, 11 (2): 241-265.

SMITH, Anthony D. (1997) *A Identidade Nacional*, Lisboa: Gradiva.

SOMERS, Margaret R. (1994). "The Narrative constitution of identity: A relational and network approach", *Theory and Society*, 23: 605-649.

STEVENSON, Nick (2006). "European Cosmopolitanism and civil society: Questions of culture, identity and citizenship", *Innovation: The European Journal of Social Science Research*, 18 (1): 45-59.

STEVENSON, Nick (2000) (ed.) *Culture and Citizenship*, London: Sage.

STRÅTH, Bo (2002). "A European Identity: to the Historical Limits of a Conception", *European Journal of Social Theory*, 5 (4): 387-401.

STRAUSS, Anselm & CORBIN Juliet (1998). *Basics of Qualitative Research: Techniques and Procedures for Developing Grounded Theory*, Thousand Oaks: Sage

TILLY, Charles (2000). "How do Relations Store Histories?", *Annual Review of Sociology*, 26: 721-723.

TOURAINÉ, Alain (1982). *Pela Sociologia*, Lisboa: Dom Quixote.

TRENZ, Hans-Jorg (2014). "The Saga of Europeanisation: On the Narrative Construction of European Society", Working Paper 7, Universidade de Oslo: ARENA, pp. 1-21.

TRENZ, Hans-Jorg (2008). "Elements of a Sociology of European Integration", *Working Paper 11*, Universidade de Oslo: ARENA, pp. 1-42.

URRY, John (2010). “Mobile Sociology”, *The British Journal of Sociology*, 61 (1): 347-366.

URRY, John (2000). *Sociology Beyond Societies: Mobilities for the Twenty-first Century*, London: Routledge.

VAN MOL, Christof & MICHELESEN, Joris (2014). “The Reconstruction of a Social Network aboard. An Analysis of the Interaction Patterns of Erasmus Students”, *Mobilities* [online] Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/17450101.2013.874837> [2015-03-10].

WALSER, Robert (2005). *Jakob Von Gunten: um diário*, Lisboa: Relógio d’água

WEBER, Max (2005). *Conceitos sociológicos fundamentais*, Lisboa: Edições 70.

WILLIAMS, Tracy R. (2005). “Exploring the impact of study abroad on students’ intercultural communication skills: adaptability and sensitivity”, *Journal of Studies in international Education*, 9 (4): 356-371.

WILSON, Iain (2011) “What should we expect of ‘Erasmus Generations’?”, *Journal of Common Market Studies*, 49 (5): 1113-40.

YOURCENAR, Marguerite (2013). *O Golpe de Misericórdia*, Lisboa: D. Quixote.

ZWEIG, Stefan (2005). *O Mundo de Ontem: recordações de um europeu*, Lisboa: Assírio & Alvim.

Documentos oficiais

Eurobarómetro 83 (Standard), “Cidadania Europeia”, Comissão Europeia (Primavera de 2015).

ANEXOS

Anexo 1: Questionários (Português e Inglês)

Inquérito por questionário

No âmbito da tese de mestrado em Sociologia, da Universidade do Minho, este questionário, tem como principal objectivo recolher informação junto de estudantes que participam no programa Erasmus, para uma maior compreensão sobre as suas experiências de intercâmbio e sobre as suas opiniões em relação à Europa e à União Europeia.

1. Idade: _____
2. Género:
Masculino.....
Feminino.....
3. País de origem: _____
4. Universidade que frequenta:

5. Grau/ciclo de ensino que frequenta:
Licenciatura Mestrado Doutoramento
6. Curso: _____
7. País de acolhimento no intercâmbio Erasmus: _____
8. Universidade de acolhimento no intercâmbio Erasmus: _____
9. Qual a duração do intercâmbio que fez ao abrigo do programa Erasmus?
 - Um semestre (entre 4 e 6 meses)

- Um ano lectivo (entre 8 e 10 meses)
- Mais do que um ano

10. A Bolsa atribuída pelo Programa Erasmus foi...

Suficiente Insuficiente

10.1 No caso de ter sido insuficiente...

- Contou com ajuda da família
- Desempenhou alguma actividade remunerada
- Dividiu as despesas com alguém
- Todas as opções anteriores
- Outra... Qual? _____

11. Onde residiu durante esse período?

- Na Residência Universitária
- Na casa de algum amigo
- Com uma família de acolhimento
- Num quarto/casa/ apartamento alugado
- Outro.... Onde? _____

12. Foi incentivado por alguém a participar no Programa de Erasmus?

- Amigos/colegas
- Pais
- Professores
- Iniciativa própria
- Outro..... Quem? _____

13. Quais os motivos que o levaram a participar no programa de intercâmbio académico Erasmus? (indique 3)

- Pela possibilidade de viver numa outra cidade europeia.

- Para desenvolvimento pessoal
- Para enriquecimento cultural e linguístico
- Pela oportunidade de viajar e conhecer novos lugares
- Para criar novas amizades além-fronteiras
- Para melhorar o *curriculum* académico

Outra..... Qual? _____

14. Relativamente aos seguintes aspectos, como classifica o grau de dificuldade que sentiu enquanto estudantes Erasmus?

	Muito fácil	Fácil	Difícil	Muito difícil
Interagir com as pessoas				
Resolver problemas/dificuldades do dia-a-dia				
Aprender línguas estrangeiras				
Conhecer mais sobre a cidade e o país de acolhimento (museus, monumentos, paisagens, eventos culturais...)				
Adaptar-me à cultura (alimentação, horários, etc)				
Acompanhar as matérias nas aulas				
Fazer amigos				
Participar em actividades lúdicas e culturais				

15. Numa escala de 1 a 10, como avalia a sua experiência de mobilidade Erasmus, sendo 1 nada satisfeito e 10 totalmente satisfeito? (faça um círculo no número correspondente)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

16. Como descreveria a sua identificação com a Europa?

- Não me identifico com a Europa de todo
- Identifico-me pouco com a Europa
- Identifico-me muito com a Europa

17. Ordene de 1 a 6 os seguintes significados associados à Europa, sendo 1 aquele com que mais se identifica e 6 aquele com que menos se identifica.

A Europa como território com uma cultura e herança histórica comuns.	
A Europa da diversidade cultural e da aceitação das diferenças.	
A Europa da cidadania, da liberdade e dos direitos humanos	
A Europa democrática e da cooperação política entre os Estados.	
A Europa do mercado comum e da moeda única.	
A Europa como conjunto de nações soberanas.	

18. Qual a sua opinião acerca da ideia de os hinos nacionais serem substituídos pelo hino europeu (*Hino à Alegria*, de Beethoven) em competições internacionais?

- É uma ótima ideia

- É uma boa ideia
- É uma boa ideia, mas para ser concretizada apenas no futuro
- É uma má ideia
- É uma péssima ideia

19. Indique (com um X) quais das seguintes palavras descrevem, na sua opinião, a bandeira nacional e europeia (pode repetir as suas escolhas para as 2 bandeiras). (you can repeat your choices to the 2 flags)

Bandeira Nacional

Bonita Histórica Simples Fria
Feia Moderna Complexa Quente
Memorável Cosmopolita Democrática
Unidade diversidade Povo

Bandeira Europeia

Bonita Histórica Simples Fria
Feia Moderna Complexa Quente
Memorável Cosmopolita Democrática
Unidade diversidade Povo

20. Tendo em conta o valor simbólico que ambas têm para si, assinale com um X, qual seria o seu sentimento se visse a bandeira do seu país e a da União Europeia a serem queimadas ou vandalizadas?

	Bandeira Nacional	Bandeira Europeia
Sentir-me-ia chocado(a) e magoado(a).		
Sentir-me-ia chocado(a) mas não magoado(a).		
Sentia-me satisfeito(a).		
Não sentia nada		

21. Como se sentiria se um dia a União Europeia acabasse? (indique apenas 1 resposta)

- Descontente, porque os países europeus beneficiam mais se tiverem unidos
- Descontente, porque acho que a paz e prosperidade na Europa dependem do sucesso da União Europeia
- Contente, porque a União Europeia tem sido prejudicial para o meu país
- Contente, porque não acredito de todo numa Europa Unida

22. O que é que a União Europeia representa para si? (indique 2 respostas)

- Uma voz forte no mundo
- Paz
- Prosperidade económica
- Democracia
- Protecção social
- Liberdade para viajar, estudar e trabalhar em qualquer lugar na UE
- Diversidade cultural
- Moeda única (Euro)

23. Como se sente acerca do futuro da União Europeia?

- Bastante optimista
- Muito optimista
- Muito pessimista
- Bastante pessimista
- Não sei

24. Pensando na relação com o seu país e com a União Europeia, sente-se/vê-se como... (indique apenas 1)

- Apenas nacional do meu país

- Nacional do meu país e depois europeu
- Europeu e depois nacional do meu país
- Europeu apenas

25. Na sua opinião, o que é a Cidadania Europeia? (indique, por favor, dois direitos da cidadania europeia)

26. Ser cidadão da União Europeia significa alguma coisa para si?

- Não tem qualquer significado para mim
- Significa alguma coisa
- Significa muito

27. O que significa, na sua opinião, ser europeu? (indique apenas as que se aplicam)

- A partilha de uma herança histórica.
- A partilha de uma cultura política europeia, corporizada em instituições comuns.
- A partilha de valores humanistas (liberdade, igualdade, justiça social, solidariedade...).
- A partilha de uma cultura comum.
- Ter uma bandeira e um hino europeu comum.
- Ter direitos e deveres comuns associados à cidadania europeia.
- O direito de poder viajar para qualquer outro estado-membro sem mostrar o passaporte.
- Membro de uma sociedade europeia com muitas línguas e culturas.
- A partilha de um mercado e de uma moeda única.
- Fazer parte de um continente cristão e de raça branca.

- Outra..... Qual? _____

28. A experiência Erasmus fê-lo(a) sentir-se mais europeu? (indique apenas 1)

- Sim, porque constatei que não somos tão diferentes uns dos outros.
 - Sim, porque partilhamos algumas ideias e modos de vida.
 - Sim, porque conheci muitos europeus com quem criei laços fortes.
 - Não, porque acho que somos culturalmente muito diferentes.
 - Não, porque não criei qualquer laço com outros europeus.
 - Não, porque fez-me sentir mais patriota do que europeu.
-

Questionnaire

In the context of a sociology Master's thesis on the theme of European identity, this questionnaire aims at gathering exploratory data within Erasmus students. The main objective is to understand your Erasmus exchange experiences and your opinion with regard to Europe and the European Union.

1. Age: _____

2. Gender

Female.....

Male.....

3. Home Country: _____

4. University where you came from: _____

5. Graduation at the moment:

Graduate Student Master's student PhD

6. **Course:** _____

7. **How long are you in Erasmus programme?**

- One semester (from 4 to 6 months)
- One full year (from 8 to 10 months)
- More than a year

8. **The Erasmus scholarship is being...**

sufficient insufficient

8.1 **In case it is being insufficient...**

- Your family is helping you
- You are working in part-time or full-time.
- You are splitting the costs with someone
- All the previous options
- Other..... Which? _____

9. **Where are you living right now?**

- At the university residence
- At a friend's house
- With a host family
- In a rented room/house/apartment
- Other..... Where? _____

10. **Were you encouraged by someone to participate in the Erasmus programme?**

- Friends/Colleagues

- Parents
- Professors
- Own initiative
- Other.... Who? _____

11. What reasons made you participate in the Erasmus academic exchange? (indicate 3 answers)

- The possibility to live in another european city
- For personal development
- For cultural and linguistic enrichment
- For the opportunity to travel and to know new places
- To make new friends across borders
- To improve my academic *curriculum*
- Other..... Which? _____

12. Regarding the points in the table below, how do you classify the level of difficulty you have experienced as an Erasmus student?

	Very Easy	Easy	Hard	Very Hard
To interact with people				
To solve everyday problems and difficulties				
To learn foreign languages				
To know more about the city and the host country (museums, monuments, landscapes, cultural events ...)				

To adapt to the culture (food, schedules, etc.)				
To follow the subjects in class				
To make friends				
To participate in playful and cultural activities				

13. On a scale from 1 to 10, how would you evaluate your Erasmus mobility experience, being 1 not satisfied at all and 10 fully satisfied? (Circle the correspondent number).

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

14. How would you describe your identification with Europe?

- I do not identify myself with Europe
- I identify myself a little bit with Europe
- I identify myself a lot with Europe

15. Order from 1 to 6 the following meanings associated to Europe, being 1 the one you identify yourself more with and 6 the one you identify yourself less with.

Europe as a territory with a common culture and historical heritage.	
Europe's cultural diversity and the acceptance of differences.	
The Europe of citizenship, freedom and human rights.	
The democratic Europe and political cooperation between States.	

The common European market and the use of a single currency (Euro).	
Europe as a group of sovereign nations.	

16. What is your opinion about the idea of the national anthems being replaced by the european anthem (*Ode to Joy*, Beethoven) in international competitions?

- It is a great idea
- It is a good idea
- It is a good idea, but to be achieved only in the future
- It is a bad idea
- It is a terrible idea

17. Indicate what the following words describe, in your opinion, the nacional flag and european flag? (you can repeat your choices to the 2 flags)

Nacional Flag

European Flag

Pretty Historical Simple Cold
Ugly Mordern Complex Warm
Memorial Cosmopolitan Democratic
Unity diversity People

Pretty Historical Simple Cold
Ugly Mordern Complex Warm
Memorial Cosmopolitan Democratic
Unity diversity People

18. Taking into account the symbolic value that both have for you, mark, how would you feel if you saw your country's flag or the European Union flag be burnt or vandalized?

	Nacional Flag	European Flag
I would feel shocked and hurt.		
I would feel shocked, but not hurt.		

I would feel satisfied.		
I would not feel anything.		

19. How would you feel if the European Union finished one day? (indicate only 1 answer)

- Unhappy, because the European countries benefit more if they are united.
- Unhappy, because I think that peace and prosperity in Europe depend on the success of the European Union.
- Happy, because the European Union has been harmful to my country.
- Happy, because I do not believe at all in a united Europe.

20. What does European Union represent to you? (indicate 2 answers)

- A strong voice in the world
- Peace
- Economic prosperity
- Democracy
- Social protection
- Freedom to travel, to study and to work anywhere in the European Union.
- Cultural diversity
- Single European currency (Euro)

21. How do you see the future of the European Union?

- Fairly optimistic
- Very optimistic
- Very pessimistic
- Fairly pessimistic

- I do not know

22. Thinking about your relationship with your country and with the European Union, do you feel or see yourself as.... (indicate 1 answer)

- Only national of my country
- National of my country and then European
- European and then national of my country
- Only European

23. In your opinion, what is the European Citizenship? (Please, indicate 2 rights of the European Citizenship).

24. Being a citizen of the European Union, does it mean anything to you?

- It does not mean anything to me at all
- It means something
- It means a lot to me

25. In your opinion, what does it mean to be European? (indicate only those that apply to you)

- Sharing a historical heritage
- Sharing a European political culture, fulfilled in common institutions
- Sharing humanistic values (freedom, equality, social justice, solidarity...)
- Sharing a common culture
- To have a common European flag and anthem
- To have common rights and duties, associated to European citizenship

- The right to travel to any other member-State without showing the passport
- Membership in a European society with many languages and cultures
- Sharing a common market and a single currency (euro)
- Being part of a Christian and a white race continent
- Other.... Which?_____

26. Is the Erasmus experience making you feel more European? (indicate only 1 answer)

- Yes, because I am seeing that we are not very different from each other
- Yes, because we share some ideas and lifestyles
- Yes, because I am meeting many Europeans with who I am creating strong binds
- No, because I am thinking that we are culturally very different
- No, because I am not shaping any bind with other Europeans
- No, because it is making me feel more patriotic than European

Anexo 2: Descrição dos grupos de foco

Grupos	Nomes dos Participantes	Idade	Universidade de acolhimento	Duração	Curso	País de Origem País de acolhimento Erasmus
Grupo 1 (18.Maio.2016; 1h21; Sala de reuniões do ICS-Uminho)	Ursula ^{a)} Michele Jéssica Kenan	23 20 21 22	Universidade do Minho	Um semestre	Sociologia Sociologia Ciência Política Relações Internacionais	Polónia Itália Alemanha Bósnia
Grupo 2 (22.Nov.2016; 1h26; CPI – C1/101)	Adrián Vasia Rebecca Katja	22 21 20 23	Universidade do Minho	Um semestre	Marketing Educação Ciência Política e Relações Internacionais Sociologia e Ciência Política	Espanha, Madrid Grécia, Corfu Itália, Roma Alemanha, Marburg
Grupo 3 (31.Jan.2017; 1h04; CPI – C1/305)	Inês Catarina Miguel Carolina	23 20 31 21	Universidade de Química e Tecnologia Palacký Carlos Comenius	1 ano 1 semestre 1 semestre 1 ano	Engenharia Biomédica Direito Internacional e Políticas Europeias Geografia Relações internacionais	República Checa, Praga República Checa, Olomouc República Checa, Praga Eslováquia, Bratislava

<p>Grupo 4 (8.Fev.2017; 50min; CPI – C1/305</p>	<p>Joana Carolina João Pedro</p>	<p>22 22 20 20</p>	<p>Universidade de Direito de Huelva Comenius Bolonha Conservatório Superior de Castilla-La Mancha</p>	<p>Um semestre</p>	<p>Direito Relações Internacionais Relações Internacionais Música</p>	<p>Espanha, Huelva Eslováquia, Bratislava Itália, Bolonha Espanha, Albacete</p>

a) À data da entrevista era o seu 2º intercâmbio Erasmus o 1º tinha sido em Itália.

Anexo 3: Guião de Entrevista (Português e Inglês)

GUIÃO DE ENTREVISTA

(SIMPLIFICADO)

1. TRAJECTÓRIA ERASMUS

- Idade; Universidade que frequenta; Curso.
- Qual foi o país e universidade de acolhimento durante o intercâmbio Erasmus? Quanto tempo estiveram ao abrigo do programa Erasmus?
- Quais os motivos que vos levaram a participar no programa Erasmus?
- Como foi a sua adaptação e integração no país e universidade de acolhimento? Quais foram as suas maiores dificuldades e desafios? Como foi a adaptação à cultura e às rotinas quotidianas?
- O que é que a experiência Erasmus mais o ensinou, por exemplo, em que sentido a experiência Erasmus contribuiu para que ficasse a conhecer mais sobre outras culturas?

2. UNIÃO EUROPEIA E IDENTIFICAÇÕES INSTRUMENTAIS

- [apresentar a bandeira da União Europeia] Esta bandeira em comparação à nacional, o que significa ou representa para vocês? Na vossa opinião, que significados lhe estão associados? O que representa para vocês?
- Pensando na Europa além da sua ideia geográfica, outros significados estão associados à Europa, como por exemplo: a Europa da cidadania, dos valores humanistas, da diversidade cultural e aceitação das diferenças, a Europa como projecto de cooperação política, entre outras. Assim, na vossa opinião, quando hoje pensam na Europa, identificam-se mais com uma Europa económica, política, cultural, cívica, democrática, etc.?
- Na vossa opinião, que papel tem desempenhado a UE no processo de união entre os Estados-membros? Que opinião têm relativamente ao futuro da União

Europeia, como imaginam o futuro da UE? É importante para vocês que a UE tenha sucesso? Como se sentiriam se a UE acabasse?

- Na vossa opinião, significa alguma coisa para vocês ser cidadãos da União Europeia? Sentem-se cidadãos europeus, quais as razões?
- Na vossa opinião, o que é ou o que significa para vocês ser europeus? O que vos faz reconhecerem-se como europeus? O que vos faz definirem-se como europeus? Se se sentem europeus, quais europeus um dia gostariam de ser?
- Chegado aqui, como completariam esta frase [apresentar um cartão com uma frase incompleta: **“Eu sinto-me europeu porque partilho com os outros europeus...”**]
- Terem participado no programa Erasmus fez-vos sentir mais europeus?
- O que podem acrescentar ou acham importante referir sobre o que viveram durante o intercâmbio académico Erasmus ou sobre a Europa e a União Europeia?

INTREVIEW GUIDE

1. ERASMUS TRAJECTORY

- Age, Home Country, University where you came from, Graduation at the moment [Graduate Student, Master’s student, PhD], Course
- How long are you in Erasmus programme?
- What reasons made you participate in the Erasmus academic exchange?
- How is being your adaptation and integration in the host country and host university? What your major difficulties and challenges? What is suprising you more? How is being your adaption to the culture and to the everyday life in host country?
- How is the Erasmus experience helping you to know more about other cultures?

2. EUROPEAN UNION AND INSTRUMENTAL IDENTIFICATIONS

- [apresentar a bandeira da União Europeia] This flag in relationship to the national flag, what means to you? In your opinion, what meanings are associated with it? What does the European Union flag mean to you?
- Thinking in Europe beyond its geographical idea, other meanings are associated with Europe, such as: Europe's citizenship, human rights, cultural diversity and acceptance of differences, Europe as a political cooperation project, and so on. So, in your opinion, when you think in Europe, today, do you think more with or identify more with an economic, political, cultural, civic, democratic Europe?
- In your opinion, what role has been the European Union performing in the process of union between the member-States? What opinion do you have on the future of the European Union? How do you imagine the future of the EU? Is it important to you that the EU has success? How would you feel if European Union finished?
- In your opinion, does it mean anything to you being citizens of the European Union? Do you feel European citizens, what the reasons?
- In your opinion, what means to you being European? How do you define yourselves as Europeans? What makes you recognize yourselves as Europeans?
- How would you complete this phrase [apresentar um cartão com uma frase incompleta]: **"I feel European because I share with other Europeans ..."**
- Is the Erasmus experience making you feel more European?
- Do you want to add anything else that you think should be noted on your Erasmus exchange experience?

Anexo 4: Tabela de categorias e subcategorias de análise

Categorias	Subcategorias
Trajectória Erasmus	<ul style="list-style-type: none"> • Características; • Motivos; • Integração institucional; • Adaptação cultural; • Dificuldades e desafios; • Interação e intersecções culturais: como foram as relações com outros europeus.
Identidade Europeia	<ul style="list-style-type: none"> • Representações e significados; • Identificações; • Consciência identitária: elementos de percepção; • O “mundo Europeu”: conteúdos.
União Europeia	<ul style="list-style-type: none"> • Representações e significados; • Identificações; • Identificações instrumentais: a Bandeira e o programa Erasmus. • Crenças no futuro: provável / sonhado; • Avaliação do projecto europeu: elementos de percepção, atitudes e sentimentos face ao papel da União Europeia.
Ser cidadão Europeu	<ul style="list-style-type: none"> • Se se reconhecem como cidadãos europeus: motivos; • Que representações têm de si como cidadãos da União Europeia e como reclamam isso para si; • Sentimentos e consciência face a serem cidadãos europeus.
Ser Europeu	<ul style="list-style-type: none"> • Representações e significados; • Se há um reconhecimento, como o reclamam (e saber se o reclamam), como se definem como europeus; • Que europeus desejam ser; • Se se sentem mais europeus após experiência Erasmus.
Cidadania Europeia	<ul style="list-style-type: none"> • Percepções • Consciência e elementos identificativos
Entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Situação da entrevista: observações da interação • Avaliação dos grupos

